

Universidade de Lisboa



Relatório da Prática de Ensino Supervisionada

**A utilização das TIC na motivação e exploração da
leitura: a poesia de Álvaro de Campos no 12.º ano de
escolaridade**

Sónia Vanessa da Silva Antunes

Mestrado em Ensino de Português e de Francês

2010

Universidade de Lisboa



Relatório da Prática de Ensino Supervisionada

**A utilização das TIC na motivação e exploração da
leitura: a poesia de Álvaro de Campos no 12.º ano de
escolaridade**

Relatório realizado sob a orientação de

Professor Doutor Fernando Pinto do Amaral

Com a colaboração da Professora Fátima Fonseca

Sónia Vanessa da Silva Antunes

Mestrado em Ensino de Português e de Francês

2010

Apostila

Aproveitar o tempo!
Mas o que é o tempo, que eu o aproveite?
Aproveitar o tempo!
Nenhum dia sem linha...
O trabalho honesto e superior...
O trabalho à Virgílio, ao Milton...
Mas é tão difícil ser honesto ou superior!
É tão pouco provável ser Milton ou ser Virgílio!

Aproveitar o tempo!
Tirar da alma os bocados precisos - nem mais nem menos -
Para com eles juntar os cubos ajustados
Que fazem gravuras certas na história
(E estão certas também do lado de baixo que se não vê)...
Pôr as sensações em castelo de cartas, pobre China dos serões,
E os pensamentos em dominó, igual contra igual,
E a vontade em carambola difícil.
Imagens de jogos ou de paciências ou de passatempos -
Imagens da vida, imagens das vidas. Imagens da Vida...

Verbalismo...
Sim, verbalismo...
Aproveitar o tempo!
Não ter um minuto que o exame de consciência desconheça...
Não ter um acto indefinido nem factício...
Não ter um movimento desconforme com propósitos...
Boas maneiras da alma...
Elegância de persistir...

Álvaro de Campos

Agradecimentos

Sou feliz, porque a vida é partilhar! Mais do que receber, a alegria está no dar...

As palavras, muitas vezes, parecem tornar-se insuficientes quando com elas queremos expressar o que nos vai no mais profundo do nosso coração.

O presente relatório não representa apenas o resultado de muitas horas de estudo, reflexão e trabalho durante as diversas etapas que o constituem. É igualmente o culminar de um objectivo académico a que me propus para poder atingir outros fins, sonhados no pensamento e no coração desde há muito.

Chegar até aqui não teria sido de todo possível sem o amor, o carinho, a ajuda, o apoio e o incentivo de alguns familiares e amigos, cada um com uma função muito importante no meu caminho. Sou uma pessoa bastante mais rica por os ter na minha vida e com eles crescer e evoluir.

É impossível enumerar aqui todos aqueles que, de uma forma ou de outra, me estimularam intelectual e emocionalmente. A todos o meu profundo e sentido agradecimento.

Ao meu orientador, o Professor Doutor Fernando Pinto do Amaral, da Universidade de Lisboa, por todas as suas críticas, pelo seu encaminhamento, pela tranquilidade e pelo incentivo que sempre me transmitiu ao longo deste processo.

À professora Fátima Fonseca, da Escola Secundária Manuel Cargaleiro, pela disponibilidade e carinho com que me acolheu e acompanhou, abrindo as portas das suas aulas de uma forma tão cúmplice e simpática.

À minha querida Professora Doutora Margarita Correia, do Universidade de Lisboa e do Instituto de Linguística Teórica e Computacional – ILTEC, pela amizade, pelo carinho, pela compreensão e por acreditar em mim. Muito obrigada!

Aos meus colegas do projecto VOP, Sónia, Sílvia, Zé, Mafalda, Mara, Filipa, António e Patrícia, pelo carinho, pelo incentivo e compreensão, e a todos os iltequianos, em especial à minha Tizá! Um beijinho muito especial à Sónia, pelo exemplo de força que simboliza para mim e pela sua maneira especial de ser, e à Sílvia, pelas palavras no momento certo e pela força. Do fundo do coração, muito obrigada por tudo!

Um agradecimento muito especial à minha querida amiga Dr^a Madalena, por cuidar de mim física e psicologicamente, pela força e brilho do seu olhar, pelas aprendizagens e por todo o encaminhamento com que me equilibra e faz evoluir.

Às minhas pedrinhas vivas, pela amizade e fraternidade que nos une, por todos os momentos fortes e únicos que vivemos e por todos os desafios que me colocam enquanto pessoa e amiga. Paz e Bem, meus queridos amigos!

Ao Bruno, à Catarina, à Carolina, à Luísa, à Catarina, ao Gonçalo, à Inês, ao Pedro, por todas as vezes em que me aquecem o coração com o seu carinho e amizade, pela sua boa disposição e por tudo aquilo que me têm ensinado. Adoro-vos!

Sou muito grata, também, a todos os meus familiares pelo carinho e incentivo recebidos ao longo da minha vida, em especial ao meu padrinho, à minha madrinha, às minhas afilhadas, Daniela e Telma, à minha Sara, à minha Cinda, um dos tesouros mais preciosos, e aos meus avós, os que ainda tenho comigo e os que, apesar de já terem partido, vivem no meu coração. A todos um muito obrigada!

À Sandra e ao nosso bebé Duarte, amiga e irmã de caminhada, pela luz intensa que sempre representou para mim, pela sua orientação certa e fraterna, que me ajuda a evoluir e a crescer, aperfeiçoando-me e ensinando-me o verdadeiro sentido da Vida. Adoro-vos, com todo o coração!

À minha querida Elsa, amiga e irmã de caminhada, companheira número um em todo este percurso, pela amizade pura, cúmplice e incondicional, por todas as partilhas, por todo o seu carinho e ajuda, por todas as vivências. Sem ela, com a sua maneira única de ser, não teria sido, sem a menor dúvida, a mesma coisa! Adoro-te muito!

Aos meus tesouros, Rita e Ana, pelo seu amor e carinho, compreensão e paciência quando estava a trabalhar em vez de atender às suas necessidades. Amo-vos muito, fazem parte de mim!

Ao meu amor, por acreditar em mim, pela sua presença constante, por me fazer sentir uma mulher amada e realizada, pelo apoio incondicional, pela sua bondade e atenção, pela paciência e compreensão nos momentos mais delicados e por ser o meu porto seguro em todas as minhas aventuras. Amo-te do fundo do meu coração!

Aos meus pais, pelo amor, pelo carinho, pelo apoio e por terem acreditado em mim de forma incondicional. Por inculcarem em mim a importância do crescimento intelectual e pessoal e da realização profissional, entre outros valores que regem a minha vida. Amo-vos e admiro-vos com todas as minhas forças!

A integração das Tecnologias de Comunicação e Informação (TIC) nas práticas educativas constitui um dos desafios que a Escola enfrenta em pleno século XXI.

O presente relatório pretende descrever e analisar o trabalho que foi realizado ao longo de uma unidade didáctica, com uma turma do 12.º ano de escolaridade, e que teve como objectivo principal experienciar o impacto das TIC na motivação e exploração da leitura da poesia de Álvaro de Campos.

Partindo do enquadramento da unidade didáctica leccionada no currículo escolar e tendo por base os conhecimentos científicos de referência e o contexto mais geral do saber e da sociedade actual, i) descrevem-se sumariamente as aulas realizadas, ii) explicitam-se e justificam-se as estratégias de ensino concebidas e iii) apresentam-se os objectivos de aprendizagem visados, tendo em conta o conteúdo programático em questão e a turma. São ainda indicados e analisados os métodos e técnicas de avaliação utilizados, bem como os dados de avaliação recolhidos.

Na leccionação da unidade curricular comprovou-se que, quando bem integradas didacticamente, as TIC podem servir de fonte de acesso ao conhecimento e criar práticas lectivas dinâmicas, de modo a estimular o processo ensino-aprendizagem. No entanto, o papel do professor e a importância do estudo dos textos originais não foram desconsiderados, uma vez que se considera que o professor actual deve “[tirar] partido dos meios que a tecnologia põe à sua disposição, sem no entanto os considerar um fim em si mesmos” (NEVES, 2006: 105).

♦ **Palavras-chave:** Álvaro de Campos, leitura, poesia, Tecnologias de Informação e Comunicação, unidade didáctica.

L'intégration des Technologies d'Information et de la Communication (TIC) dans les pratiques éducatives est l'un des défis posés à l'École au XXI^{ème} siècle.

Ce rapport se veut une description et analyse du travail effectué au long d'une unité didactique, avec une classe de Terminale et il a eu comme principal objectif constater l'impact des TIC sur la motivation et l'exploration de la lecture de la poésie d'Álvaro de Campos.

Ayant comme point de départ le cadre de l'unité didactique enseignée dans les programmes scolaires, la base des connaissances scientifiques en référence et le contexte plus vaste des connaissances et de la société contemporaine, i) on décrit brièvement le déroulement des classes, ii) on explique et justifie, les stratégies d'enseignement choisies et iii) on expose les objectifs d'apprentissage à atteindre, en tenant compte du contenu du programme et de la classe en examen. Il est toujours indiqué et analysé quelles sont les méthodes et techniques d'évaluation pratiquées, ainsi que les résultats des évaluations prélevées.

Au cours de l'enseignement professé il a été possible de prouver que, lorsqu'elles sont correctement intégrées, les TIC peuvent être une source permettant l'accès aux connaissances et peuvent créer des pratiques d'enseignement dynamiques, afin de stimuler le tandem enseignement-apprentissage. Cependant, le rôle de l'enseignant et l'importance de l'étude des textes originaux n'ont pas été pris en compte, car il a été considéré que l'enseignant actuel doit "*[tirar] partido dos meios que a tecnologia põe à sua disposição, sem no entanto os considerar um fim em si mesmos*" (NEVES, 2006: 105).

♦ **Mots-clé:** Álvaro de Campos, lecture, poésie, Technologies de l'Information et Communication, unité didactique.

Gráfico 1 – Sexo dos alunos

Gráfico 2 – Idade dos alunos

Gráfico 3 – Reprovações dos alunos

Gráfico 4 – Disciplinas preferidas dos alunos

Gráfico 5 – Disciplinas em que os alunos sentem maior dificuldade

Gráfico 6 – Nível de escolaridade dos pais dos alunos

Gráfico 7 – Encarregados de Educação dos alunos

Gráfico 8 – Ocupação dos tempos livres dos alunos

Gráfico 9 – Perspectivas de futuro dos alunos

Gráfico 10 – Regularidade do estudo dos alunos

Gráfico 11 – Métodos de estudo dos alunos

Gráfico 12 – Primeiro contacto dos alunos com Poesia

Gráfico 13 – Poetas preferidos dos alunos

Gráfico 14 – Já tinhas tido contacto com a poesia de Fernando Pessoa?

Gráfico 15 – Já leste Álvaro de Campos?

Anexo 1 – Planificação da unidade didáctica.

Anexo 2 – Plano da primeira aula da unidade didáctica.

Anexo 3 – Plano da segunda aula da unidade didáctica.

Anexo 4 – Plano da terceira aula da unidade didáctica.

Anexo 5 – Plano da quarta aula da unidade didáctica.

Anexo 6 – Planos da quinta e sexta aulas da unidade didáctica.

Anexo 7 – Inquérito de diagnóstico.

Anexo 8 – Folha distribuída aos alunos com o poema “Apontamento”, de Álvaro de Campos.

Anexo 9 – *PowerPoint* utilizado na segunda aula da unidade didáctica.

Anexo 10 – *PowerPoint* utilizado na terceira aula da unidade didáctica.

Anexo 11 – *PowerPoint* utilizado na quarta aula da unidade didáctica.

Anexo 12 – Grelha distribuída aos alunos para a co-avaliação das apresentações orais.

Anexo 13 – Grelha da avaliação sumativa qualitativa das apresentações orais.

Anexo 14 e 15 – Folhas com um esquema-síntese sobre os traços caracterizadores da poética de Fernando Pessoa e dos seus heterónimos, Alberto Caeiro, Ricardo Reis e Álvaro de Campos.

Anexo 16 e 17 – *Powerpoints* utilizados pelos alunos dos grupos de trabalho número 2 e 5.

Agradecimentos	iii
Resumo	v
Résumé	vi
1. Introdução	1
1.1. Enquadramento geral do trabalho	1
1.2. Principais objectivos do relatório	5
1.3. Estrutura	5
2. As Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) e o Ensino do Português no 12.º ano de escolaridade	6
2.1. As TIC no domínio educativo enquanto ferramentas de trabalho para a motivação e exploração da poesia de Álvaro de Campos.....	7
2.2. A leitura e exploração da poesia de Álvaro de Campos no 12.º ano de escolaridade.....	15
3. A unidade didáctica	25
3.1. A Escola Secundária Manuel Cargaleiro	26
Um pouco de história... ..	26
3.2. Caracterização da turma	28
3.3. Aulas e estratégias de ensino concebidas.....	35
3.4. Avaliação.....	49
3.4.1. Materiais utilizados e análise dos dados recolhidos	57
4. Considerações finais	75
5. Referências bibliográficas.....	86
6. Anexos	1

1. INTRODUÇÃO

Neste capítulo introdutório apresenta-se o enquadramento geral do trabalho realizado. A partir da contextualização do tema em que se insere e da referência à turma e à escola em que foi executada a prática lectiva, abordam-se as questões que estiveram na base da pesquisa realizada e que motivaram a construção da unidade didáctica leccionada e deste relatório.

Por fim, explicitam-se os principais objectivos do mesmo, indicando-se, também, o modo como se encontra estruturado.

1.1. ENQUADRAMENTO GERAL DO TRABALHO

Percorrer o caminho da investigação é dar abrigo ao sonho que desejamos tornar real. Por isso, no silêncio da reflexão pessoal, esforçamo-nos por efectivar aquilo em que acreditamos. Queremos validar o nosso projecto e é com esse objectivo que caminhamos à procura de elementos e de argumentos que justifiquem a nossa verdade. Empenhamo-nos apaixonadamente e não descansamos enquanto não conseguimos atingir o que pretendemos. Serenamos quando confirmamos o nosso pensamento. No entanto, a tranquilidade alcançada nesse instante apenas contribui para reforçar a vontade de nos projectarmos numa nova aventura.

Maria Gabriela de Sousa Silva, 2008: 17

O presente *relatório da unidade curricular relativa à prática de ensino supervisionada* insere-se na cadeira de Iniciação à Prática Profissional IV (I.P.P. IV), no âmbito do segundo ano do *Mestrado em Ensino de Português e de Francês no 3.º ciclo do Ensino Básico e Secundário*, da Universidade de Lisboa.

Tendo como tema ***A utilização das TIC na motivação e exploração da leitura: a poesia de Álvaro de Campos no 12.º ano de escolaridade***, o trabalho desenvolvido ao longo de uma unidade didáctica (cinco aulas de noventa minutos e uma aula de quarenta e cinco minutos) teve por base uma turma de 12.º ano do Ensino Secundário,

do Curso de Ciências e Tecnologias, da Escola Secundária Manuel Cargaleiro (ESMC), no Fogueteiro.

Partindo da leitura e da exploração orientada da poesia de Fernando Pessoa heterónimo – Álvaro de Campos, um dos conteúdos programáticos obrigatórios do Programa de Língua Portuguesa do 12.º ano, pretendeu-se complementar o processo de ensino-aprendizagem através do recurso às Tecnologias de Informação e Comunicação, doravante TIC. No entanto, como articular as TIC ao ensino da literatura, neste caso específico ao ensino da poesia? Foi esta questão que deu o mote a este trabalho.

Ensinar poesia, se é que se ensina poesia, é uma tarefa delicada, um desafio que exige talento e perspicácia ao professor. Como refere Margarida Braga Neves, *“são professores avessos ao conformismo e à rotina que não temem o carácter movediço e instável de um exercício da linguagem em estado de criação que faz vacilar os saberes e os significados tidos por seguros: «A literatura é, e deve ser» - escreve Jorge de Sena - «um veneno ministrado sabiamente; uma arte de prestidigitador, capaz de, com elegância ou com violência, levantar um sujeito acima do chão, ou tirar-lhe, como quem tira um tapete, o chão de debaixo dos seus pés; e a literatura não tem obrigação nenhuma de conservar o sujeito no ar, em qualquer dos casos: a intencionalidade da literatura consiste mesmo em suspender a acção mágica e em deixá-lo cair, perplexo e perdido, de quanto mais alto melhor» (1979: 117)” (2004: 107).*

Por outro lado, tendo em conta que os gostos e preferências de cada aluno constituem variáveis interessantes para a explicação dos seus hábitos e comportamentos de leitura, como motivá-los a sentir e a perceber a poesia de Álvaro de Campos? Segundo a mesma autora, *“os Poetas são assim os mestres do caminho incerto de um saber que permanentemente se faz e refaz, no confronto directo entre o poema e o seu leitor, cada um dos seus leitores – um saber inesgotável e que nunca está feito” (Neves, 2004: 108).* De facto, cada aluno tem as suas especificidades enquanto leitor e constrói o seu percurso e o seu saber com características e ritmos diferentes. Ao professor cabe-lhe, entre muitas outras tarefas, a de descobrir como gerir a passagem de conhecimento com equilíbrio, respeitando a individualidade e as

especificidades de cada aluno, tendo em consideração aquele saber que *“permanentemente se faz e refaz”* e que *“nunca está feito”*.

Partindo das considerações acima referidas, como explorar a poesia de Álvaro de Campos utilizando as TIC como recurso para a motivação e exploração da leitura e práticas pedagógicas diferentes? Como integrar estas ferramentas no processo ensino-aprendizagem de maneira coerente e contextualizada? De que forma pode o professor, enquanto facilitador de aprendizagens e mediador de saberes, praticar uma pedagogia activa centrada no aluno e contribuir, efectivamente, para a promoção da qualidade educativa, através da utilização e integração das TIC nas suas aulas?

Tal como refere Armanda Costa, *“é imprescindível que haja capacidade dos envolvidos no ensino e na formação de reconhecer os desafios impostos pela mudança (...). Particularmente no que toca ao professor, o mais directamente envolvido no terreno, é imperioso que ele saiba identificar as situações que constituem verdadeiros desafios, e que tome consciência da obrigatoriedade de mudança ou adaptação de comportamentos que aqueles impõem. No confronto com situações reconhecidamente novas, é preciso que seja capaz de mobilizar conhecimentos, meios e estratégias que já possui mas, mais importante ainda, que seja capaz de avaliar a necessidade de novos recursos conceptuais e instrumentais a adquirir por aprendizagem”* (2004: 57).

Assim, considerando que uma sociedade em constante mudança e em permanente desenvolvimento tecnológico como a actual coloca um contínuo desafio ao sistema educativo e, por conseguinte, ao ensino do Português, a inclusão das TIC na escola pode ser uma boa oportunidade para redescobrir o prazer na aprendizagem, contribuindo para desenvolver ou fazer surgir o gosto de aprender.

É evidente o fascínio que as novas tecnologias despertam nas camadas mais jovens da população, pelo que, quando utilizadas na sala de aula de forma contextualizada e subordinada ao currículo específico da disciplina, podem tornar o processo ensino-aprendizagem mais eficaz e mais aliciante, de forma a corresponder às necessidades do perfil do estudante actual.

No entanto, há que reconhecer que a integração das TIC na sala de aula não é por si só garantia de eficácia pedagógica. Como refere Leonel Rosa *“Com a enorme influência das TIC sobre os meios de produção e comunicação, a escola precisa*

absolutamente de as integrar se não quer ficar definitivamente isolada. Porém, não podemos ser ingénuos ao ponto de pensar que as TIC poderão ser a panaceia para uma escola em crise, pois elas não passam de ferramentas de ensino e, como tal, tanto podem ser usadas para novas práticas pedagógicas baseadas nas pedagogias activas, centradas no aluno, como podem servir apenas para transmitir conhecimentos, seguindo um modelo tradicional, em que o professor e os conteúdos programáticos ocupam o centro do processo educativo”¹.

É, efectivamente, inegável a influência das tecnologias na sociedade actual e, consequentemente, nas escolas, enquanto *ferramentas de ensino* e possíveis meios transmissores de conhecimento. Porém, também é necessário que os professores sejam coerentes e realistas e tenham a plena consciência de que as TIC não substituem o seu trabalho e as suas funções e, no caso da disciplina de Português por exemplo, a leitura e o estudo dos textos na sua originalidade. Neste sentido, cabe à escola e ao professor a tarefa de equilibrar a leitura e o estudo dos textos em si com as características e potencialidades que as TIC apresentam no domínio da Educação. Estas ferramentas de trabalho, quando bem aplicadas e utilizadas, podem contribuir para a complementaridade de práticas pedagógicas mais inovadoras e motivantes.

No caso do conteúdo programático trabalhado, a poesia de Álvaro de Campos, o facto de se tratar de um conteúdo programático obrigatório e uma das possíveis matérias a constar do exame nacional pode, possivelmente, condicionar a receptividade a este género literário e o gosto pelo seu estudo, para alguns dos alunos. Logo, o professor deve ajudá-los a ultrapassar certas barreiras e resistências podendo, assim, utilizar todos os meios que estiverem ao seu alcance para facilitar e enriquecer o processo ensino-aprendizagem. As TIC podem, assim, em bastantes casos, ter essa função e fazer parte desses meios.

¹ Consultado em http://www.univab.pt/~porto/textos/Leonel/Pessoal/tic_cre.htm, no dia 19 de Março de 2010.

1.2. PRINCIPAIS OBJECTIVOS DO RELATÓRIO

Os principais objectivos do presente relatório sintetizam-se nos dois seguintes tópicos:

- i. descrever e analisar o enquadramento da unidade didáctica leccionada no currículo escolar, tendo por base os conhecimentos científicos de referência e
- ii. reflectir a aplicação da investigação realizada e dos conhecimentos adquiridos e o percurso percorrido ao longo do trabalho desenvolvido nas unidades curriculares que compõem o plano de estudos do referido curso, principalmente, nos seminários de Iniciação à Prática Profissional.

1.3. ESTRUTURA

O relatório será composto pelas seguintes alíneas:

- i. enquadramento da unidade leccionada no currículo escolar, no contexto da turma e da escola, tendo por base os conhecimentos científicos de referência e o contexto mais geral do saber;
- ii. descrição das características essenciais dos alunos da turma, sobretudo no que diz respeito ao envolvimento no trabalho escolar;
- iii. descrição das aulas realizadas;
- iv. explicitação das estratégias de ensino concebidas e respectiva justificação, tendo em conta a natureza do assunto a ensinar, os objectivos de aprendizagem visados;
- v. apresentação e análise das tarefas, situações e materiais utilizados, tanto para o ensino como para a avaliação dos alunos;
- vi. indicação dos métodos e técnicas de avaliação utilizadas;
- vii. apresentação dos dados de avaliação recolhidos, sua análise e interpretação.
- viii. Por fim, será realizada uma reflexão pessoal global sobre o trabalho desenvolvido na unidade curricular, bem como a apresentação de eventuais linhas futuras de actuação.

2. AS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO (TIC) E O ENSINO DO PORTUGUÊS NO 12.º ANO DE ESCOLARIDADE

Este capítulo é composto por dois subcapítulos relacionados com os dois temas centrais deste relatório: as Tecnologias de Informação e Comunicação e a sua integração no domínio educativo, mais precisamente no ensino do Português do 12.º ano, e a leitura e a exploração da poesia de Álvaro de Campos no mesmo ano de escolaridade.

No primeiro subcapítulo trata-se a questão das TIC e do seu impacto e utilidade no ensino do Português, enquanto meios que podem servir de fonte de acesso ao conhecimento e criar práticas dinâmicas no domínio educativo, de modo a estimular e a facilitar o processo ensino-aprendizagem. Por último, relacionam-se as TIC com a questão da leitura e a exploração da poesia do heterónimo de Fernando Pessoa, Álvaro de Campos.

No segundo subcapítulo aborda-se o estudo de Fernando Pessoa e dos seus heterónimos enquanto conteúdo obrigatório do Programa de Língua Portuguesa do 12.º ano e apresenta-se a pesquisa e a recolha de informação realizadas sobre este conteúdo programático, de acordo com a bibliografia utilizada. Foca-se, ainda, a questão da leitura de textos literários na escola e fora dela e do papel essencial que o professor desempenha na fomentação e motivação desta prática. Estes temas são abordados relacionando-se o prazer de ler com a análise gramatical dos textos, que é feita nas aulas, por um lado, e com a estimulação e convocação das emoções que a leitura pode provocar nos alunos, por outro. Estes temas são focados, tendo em conta a experiência da unidade didáctica leccionada, assim como a complementaridade do trabalho com as TIC e a reacção por parte dos alunos.

2.1. AS TIC NO DOMÍNIO EDUCATIVO ENQUANTO FERRAMENTAS DE TRABALHO PARA A MOTIVAÇÃO E EXPLORAÇÃO DA POESIA DE ÁLVARO DE CAMPOS

Este professor ensina porque sabe mais do que os seus alunos, embora os seus alunos saibam coisas que ele não sabe. Porque vive no século XXI tira partido dos meios que a tecnologia põe à sua disposição, sem no entanto os considerar um fim em si mesmos.

Margarida Braga Neves, *Uma experiência contagiante: sobre formação e práticas dos professores de Português*

Ao longo da sua história, a humanidade, para evoluir e atingir determinados fins, teve de passar por diferentes processos de desenvolvimento e de aprendizagem.

Como tal, a revolução tecnológica a que se tem assistido nas duas últimas décadas, apenas comparável na história da espécie humana à invenção da escrita e à da imprensa, tem exigido à sociedade um constante progresso e aperfeiçoamento tecnológico. Como refere João Pedro da Ponte, *“actualmente, as tecnologias de informação e comunicação (TIC) representam uma força determinante do processo de mudança social, surgindo como a trave-mestra de um novo tipo de sociedade, a sociedade de informação”* (2000: 64).

Neste sentido, num mundo cada vez mais globalizado, uma sociedade cada vez mais de conhecimento como a actual tem de prosseguir no sentido de se adaptar ao desenvolvimento tecnológico, de forma a beneficiar das suas vantagens e saber ponderar as suas consequências.

Enquanto tecnologias emergentes, as Tecnologias de Informação e Comunicação – TIC – foram provocando um impacto profundo e extenso na estrutura e no desenvolvimento das sociedades, assumindo, assim, um papel crucial no contexto da globalização. Esta questão leva a que a relação entre as TIC e a sociedade seja mútua, na medida em que as TIC existem porque a sociedade as criou e, por sua vez, a sociedade actual deve grande parte do seu desenvolvimento às TIC. Se, por um lado, as TIC e as áreas do conhecimento que as suportam se constituem como impulsores de desenvolvimento das sociedades; por outro, a própria sociedade produz sinais

relativamente aos indicadores apontados e percorridos pelas TIC, na medida em que pode aceitar ou rejeitar as novas tendências provocadas pelo desenvolvimento tecnológico e pelo ritmo da evolução.

Deste modo, numa sociedade de informação e de conhecimento, em constante alteração e permanentemente sujeita a novos desafios, os computadores, a internet e o vasto conjunto de outras novas tecnologias são uma realidade cada vez mais acessível à maioria das pessoas e, conseqüentemente, a grande parte dos estudantes. De facto, o acesso a um conjunto de recursos e experiências disponíveis fora do ambiente escolar é cada vez mais fácil e frequente, sendo que, por exemplo, o número de computadores e a utilização da internet têm vindo a aumentar visivelmente nas casas dos alunos e em muitos dos espaços públicos por eles utilizados.

Assim, no plano da educação, a integração das TIC nas práticas educativas constitui um dos desafios que a Escola enfrenta em pleno século XXI. Sendo as TIC um dos factores que mais contribuem para a globalização, a Escola, parte integrante e fundamental da sociedade, torna-se, pois, um dos mais importantes motores do avanço tecnológico e o espaço privilegiado para combater a desigualdade no acesso à informação. Nesse sentido, enquanto espaço de hábitos e de aprendizagens e local de acesso às fontes de informação e conhecimento, a Escola deve não só incluir as novas tecnologias no seu currículo como encará-las como um dos veículos essenciais de conhecimento, fazendo-as chegar a todos os alunos.

Para conseguir responder positivamente a esta tendência, cabe, também, à Escola a função de ponderar as conseqüências, positivas e negativas, da evolução tecnológica e aos professores a tarefa de não ignorar as características e as potencialidades que as TIC apresentam no domínio da educação. Aos professores cabe, ainda, proporcionar aos alunos o contacto com estas ferramentas de trabalho, que permitem a complementaridade de práticas pedagógicas inovadoras e motivantes. As camadas mais jovens da população vivem, efectivamente, fascinadas com as potencialidades e os benefícios das novas tecnologias, as quais são, em muitos casos, parte integrante da sua vida e da qual parecem “depende”. Este facto leva a que as necessidades deste novo tipo de sociedade apontem para um perfil de estudante mais complexo e multifacetado.

Quando falamos de educação, de escola, de professores e alunos, de desenvolvimento e dinamização das práticas pedagógicas, estamos, implicitamente, a falar de aprendizagem e, como tal, de um processo que é longo e que exige esforço intelectual e persistência, assimilação de conceitos, estratégias, técnicas e treino, mas que envolve, também, evidentemente, motivação.

Aprender não é apenas um processo individual de aquisição de conhecimentos. Aprender é, também, um processo de participação e de crescimento numa comunidade social. Como refere Orlando Lourenço, *“cada vez há-de ser mais difícil negar que há estrelas, planetas e cometas, e que todos eles, estrelas, planetas e cometas, são indispensáveis ao funcionamento harmonioso do Universo e, claro, da escola onde trabalhamos e da família onde vivemos”* (1996: 204). Desta forma, o sistema educativo e, de modo concreto, os professores não podem negar a existência das TIC enquanto ferramentas que podem colaborar para um *“funcionamento harmonioso”* do processo ensino-aprendizagem, quando bem incorporadas. A evolução tecnológica é algo que abrange todas as componentes da sociedade e com a qual os alunos lidam fora e dentro da escola.

Como foi referido, o processo ensino-aprendizagem está intimamente ligado à motivação, tanto por parte dos professores como dos alunos. Para além de todas as exigências com que um professor é confrontado, a motivação significa para ele, ou deve significar, um contínuo desafio e um factor que tem de ter sempre em conta, tanto na preparação como na realização do seu trabalho. A questão que se coloca é, então, a seguinte: como pode um professor manter-se motivado ao mesmo tempo que fomenta a motivação dos e nos alunos? A diversidade dos métodos de ensino, bem como dos recursos com que é possível complementar as práticas pedagógicas, a dinamização das aulas e do que elas englobam são, talvez, uma das respostas-chave possíveis.

Maria Raquel Delgado-Martins reforça, precisamente, essa ideia e de forma bastante clara: *“Como evitar [...] que se instale o tédio e [que os alunos] se tornem agitados numa aula? [...] O par professor/aluno forma um corpo único. Quando os alunos se aborrecem, o professor acaba por também se aborrecer: nada pior do que falar a um público que se aborrece. E quando o professor se aborrece torna-se «um*

mau professor». [...] É preciso que os futuros professores entendam a arte da diversidade, remédio contra o aborrecimento: propor percursos de diversidade abrindo a classe ao mundo e introduzindo objectos que lhe são externos” (2006: 41). Como tal, não podem as TIC corresponder a um desses possíveis “percursos de diversidade” e serem utilizadas nas aulas como alguns desses “objectos que lhe são externos”, a que se refere a autora?

De facto, de uma forma mais concreta, as TIC têm trazido mudanças bastante consideráveis ao nível da educação, proporcionando aos professores e aos alunos dos três ciclos de ensino o acesso a novos meios que lhes proporcionam os mais diversos tipos de informação e a diversificação e a dinamização das práticas lectivas. Os novos currículos, por exemplo, já prevêm disciplinas que visam, inclusivamente, a formação dos alunos nesta área e vários esforços têm sido desenvolvidos para uma integração positiva destes meios.

De acordo com o estudo “*As Tecnologias de Informação e Comunicação: utilização pelos professores*”, desenvolvido pelo Departamento de Avaliação Prospectiva e Planeamento (DAPP), do Ministério da Educação, e coordenado por Jacinta Paiva, no âmbito do programa Nónio Século XXI, que terminou em 2002, destacam-se alguns números interessantes que demonstram algumas das tendências dos professores portugueses e que devem ser tomadas em conta. O estudo indica que 78% dos professores consideram que as TIC os auxiliam a encontrar mais e melhor informação para as suas aulas; 65% dos docentes pensam que as TIC facilitam as rotinas das suas aulas; 47% dos professores afirmam encontrar informação na internet para a sua disciplina; 62% admitem que as TIC proporcionam aulas mais motivadoras para os alunos e 72% dos professores reconhecem que as TIC ajudam os alunos a obterem conhecimentos novos e efectivos².

Uma outra questão que o estudo levanta prende-se com a formação dos professores em relação às TIC. O Ministério da Educação tem, efectivamente, reunido esforços em relação à integração das TIC nas escolas e no currículo escolar, bem como tem investido na implementação de equipamentos novos e diversificados, facto que é

² Consultado em http://www.netprof.pt/netprof/servlet/getDocumento?id_versao=11497, no dia 25 de Julho de 2010.

importante manter. No sítio da Direcção Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular (DGIDC), do Ministério da Educação, é possível verificar que existe uma equipa multidisciplinar – Equipa de Recursos e Tecnologias Educativas / Plano Tecnológico da Educação (ERTE/PTE) – destinada a *“conceber, desenvolver, concretizar e avaliar iniciativas mobilizadoras e integradoras no domínio do uso das tecnologias e dos recursos educativos digitais nas escolas e nos processos de ensino–aprendizagem”*³. Esta equipa desenvolve o seu trabalho nas seguintes áreas de intervenção: *“a) Desenvolvimento da integração curricular das Tecnologias de Informação e Comunicação nos ensinos básico e secundário; b) Promoção e dinamização do uso dos computadores, de redes e da Internet nas escolas; c) Concepção, produção e disponibilização dos recursos educativos digitais; d) Orientação e acompanhamento da actividade de apoio às escolas desenvolvida pelos Centros de Competências em Tecnologias Educativas e pelos Centros TIC de Apoio Regional”*⁴.

No entanto, o mesmo estudo, acima referido, demonstra que apenas 51% dos professores afirma ter recebido formação em TIC e reconhece as suas potencialidades, ao mesmo tempo que 68% considera que a utilização das TIC nas suas aulas exige novas competências na sala de aula. Os dados mostram, assim, que é necessário investir mais na formação de professores, para que estes possam complementar o seu trabalho com as TIC, quando o desejarem, de uma forma ajustada e benéfica, tanto para si como para os alunos. É neste sentido que é criado um projecto denominado *“Competências TIC”*, considerado como um dos maiores desafios do Plano Tecnológico da Educação e como a *“pedra angular da estratégia de capacitação dos professores para a inovação das suas práticas pedagógicas com o recurso às tecnologias da informação e da comunicação”* (GEPE, 2008: 7). O projecto engloba, por um lado, *“a criação de um sistema de formação e certificação de competências TIC para professores e não docentes”*; e, por outro lado, *“o esforço de reconhecimento, no quadro daquele sistema, das competências TIC de pelo menos 90% dos professores até 2010”* (idem).

Assim, é necessário que os professores encarem com relativa abertura o alargamento de horizontes que é necessário para uma saudável prática de *“formação e*

³ Consultado em <http://sitio.dgicd.min-edu.pt/tic/Paginas/default.aspx>, no dia 5 de Julho de 2010.

⁴ Idem.

certificação de competências TIC para professores” e que a escola onde trabalham lhes proporcione os recursos físicos existentes e necessários para o desenvolvimento da incorporação das TIC no trabalho que levam a cabo.

No caso da disciplina de Português, nomeadamente, as TIC podem funcionar como ferramentas auxiliaadoras do trabalho, no desenvolvimento das diversas competências desta disciplina. No meu caso específico, as TIC funcionaram como instrumentos para a motivação e exploração da leitura da poesia de Álvaro de Campos.

A opinião de Maria Raquel Delgado-Martins neste campo é pertinente, referindo-se às TIC e aos jovens, reforçando o papel da escola da seguinte forma: *“afinal, os jovens de hoje já nasceram na época das novas tecnologias. A escola não pode deixar de acompanhar esse desenvolvimento, oferecendo, para além da literatura em suporte escrito, essas novas formas de leitura e de novos suportes, sob pena de não motivar os alunos para novas formas de adquirir conhecimento. Há sites com a obra completa de Fernando Pessoa ou de Camões que permitem ter acesso à obra completa dos autores, à utilização do texto e a informações complementares. As obras a ler, as formas de ler, os tipos de leitura e os suportes do texto têm sido uma problemática dominante na renovação dos programas”* (2006: 221).

De facto, foi com base nesta realidade e tendo em conta todos estes factores, que se pretendeu desenvolver o trabalho com as TIC realizado na unidade didáctica em questão. Ao longo do meu crescimento e da minha formação, o interesse pelas TIC foi uma constante, devido às utilidades que o desenvolvimento tecnológico foi proporcionando. Quando começaram a surgir as dúvidas em relação àquilo que queria explorar nas minhas aulas, em simultâneo com o estudo de Álvaro de Campos, nasceu a ideia de querer e poder fazer algo relacionado com as TIC. A escola onde estagiei também me possibilitou esta escolha, na medida em que já dispunha dos equipamentos necessários. Foi neste sentido que decidi complementar as minhas aulas com o recurso a estas ferramentas, que apresentam características e potencialidades atractivas para o trabalho escolar, quando bem utilizadas.

Ao longo da unidade didáctica procurei, então, fazer um trabalho contrastivo, na medida em que quis perceber qual a reacção dos alunos quando utilizava métodos mais convencionais e, por contraste, quando incorporava nas aulas estratégias mais

dinâmicas, ligadas às TIC. De facto, os alunos reagiram de maneira diferente. Foi, claramente, mais entediante para eles estudarem o poema e fruírem a leitura do mesmo através do manual escolar, do que fazerem-no através da audição da recitação do mesmo. Por outro lado, as aulas em que utilizei o *powerpoint* como suporte, o quadro interactivo e o vídeo de um documentário sobre Fernando Pessoa e a sua obra, por exemplo, também me pareceram mais motivantes para os alunos, na medida em que estes recursos me ajudaram a captar a sua atenção de forma mais rápida e efectiva e a despertar o interesse nos alunos em relação ao autor em estudo.

As TIC podem, efectivamente, ajudar o professor na motivação e exploração da leitura. Neste caso, funcionaram como uma mais-valia na motivação e exploração da poesia de Álvaro de Campos, na turma do 12.º ano com que trabalhei.

O próprio Programa de Língua Portuguesa prevê a utilização destes recursos por parte do professor, indicando como possíveis ferramentas de trabalho “*registos áudio e audiovisuais diversos (poemas ditos, poemas musicados, filmes, vídeos baseados na obra de Fernando Pessoa, documentários sobre o autor, a obra e a época, sítios da Internet)*” (2002: 61).

De facto, se, por um lado, os professores devem tirar partido dos meios que a tecnologia oferece, sem, no entanto, os ver como a solução para a desmotivação dos alunos e para os problemas que vão surgindo nas suas aulas; por outro, não poderão deixar de proporcionar aos alunos a complementaridade do trabalho escolar com as TIC, enquanto ferramentas de aprendizagem que, tornando-a, por vezes, mais eficaz, a tornam também mais aliciante.

O sucesso das TIC depende da forma como são integradas no contexto do projecto curricular em estreita ligação com o seu uso pedagógico, que exige uma convergência de pontos de vista entre o conhecimento pedagógico disponível e o pensamento do professor, além de fazerem parte de uma política de renovação pedagógica nas escolas.

Também é certo que as TIC não vão resolver os problemas da Escola, pois a sua integração não é por si só garantia de eficácia pedagógica. No entanto, contribuirão, certamente, pelas suas enormes potencialidades, para melhorar substancialmente o processo ensino-aprendizagem. Para isso, é, porém, necessário que os professores

estejam abertos à inovação e à mudança e que lhes seja dada a formação que lhes permita utilizar as melhores estratégias na integração dessas novas tecnologias nas actividades lectivas.

É positivo que a Escola e, conseqüentemente, os professores incorporem os meios e os processos de comunicação disponíveis actualmente, nas salas de aula. Porém, esta incorporação deve ser feita tendo em conta que sobre eles é necessário desenvolver um exercício de ponderação crítica, não deixando os alunos demasiado expostos a uma sociedade globalizada e submergida em informação em ritmo acelerado.

O futuro segue, pois, no sentido de se encontrarem indicadores de metodologias e actividades de aprendizagem reveladores de uma prática consistente. Neste sentido, os professores e investigadores na área da Educação têm um importante papel a desempenhar, de modo a desenvolverem coerentemente metodologias e estratégias de integração das TIC no domínio educativo.

A incorporação das TIC nas práticas lectivas representa, assim, um contínuo desafio ao sistema educativo e, por conseguinte, aos professores de Português. Muito há ainda para ser estudado, desenvolvido e experimentado. No entanto, tal como já foi referido no resumo deste relatório, bem como na epígrafe deste subcapítulo, *“este professor ensina porque sabe mais do que os seus alunos, embora os seus alunos saibam coisas que ele não sabe. Porque vive no século XXI tira partido dos meios que a tecnologia põe à sua disposição, sem no entanto os considerar um fim em si mesmos”* (NEVES, 2006: 105).

Independentemente de qualquer suporte, o desempenho do professor e a forma como põe em prática a sua vocação relativamente à sua profissão tornam-se determinantes para o bom ambiente escolar e para o sucesso do trabalho e crescimento intelectual e humano dos seus alunos.

2.2. A LEITURA E EXPLORAÇÃO DA POESIA DE ÁLVARO DE CAMPOS NO 12.º ANO DE ESCOLARIDADE

Campos é Pessoa mais nu deixando correr à solta a torrente da angústia que o sufoca, fazendo o processo da sua abulia.

Eduardo Lourenço, *Fernando Pessoa Revisitado*

Fernando Pessoa – “poeta, ensaísta, dramaturgo, ficcionista de si mesmo e do mundo”⁵ – é, inegavelmente, um dos autores portugueses mais marcantes da Literatura Portuguesa e da Literatura Universal do século XX. Como refere Jorge de Sena, “raríssimas pessoas lhe negam hoje a categoria máxima, o direito de ser considerado um dos maiores poetas da língua portuguesa” (1982: 71).

A sua obra, “por si só, um apelo extraordinário à criatividade e ao amor pela palavra escrita e pela sua capacidade de transformar o mundo”⁶, é, pelo seu manifesto valor, um dos conteúdos de estudo obrigatório do Programa de Língua Portuguesa do 12.º ano de escolaridade. Como é indicado no próprio Programa, “[...] são seleccionados para leitura obrigatória autores/textos de reconhecido mérito literário que garantam o acesso a um capital cultural comum” (2002: 5) e Fernando Pessoa é, efectivamente, um desses autores de “reconhecido mérito literário”.

De facto, “os textos literários lidos e estudados na disciplina de Português do ensino básico e secundário devem ser escolhidos tendo em consideração os estádios de desenvolvimento linguístico, psicológico, cognitivo, cultural e estético dos alunos, mas devem ser sempre textos de grande qualidade literária, isto é, no sentido mais lídimo da expressão, textos canónicos: textos modelares pela utilização da língua portuguesa, pela beleza das formas, pela densidade semântica, pela originalidade, pela riqueza e pela sedução dos mundos representados” (AGUIAR E SILVA, 1998-1999: 25). A obra de Fernando Pessoa corresponde, com certeza, a todos estes requisitos.

Tendo em conta que o período possível para a minha intervenção coincidiu com o conteúdo programático correspondente ao estudo de Fernando Pessoa, foi-me dada

⁵ Consultado em <http://casafernandopessoa.cm-lisboa.pt/index.php?id=6432>, no dia 19 de Maio de 2010.

⁶ idem

a possibilidade de escolher o heterónimo que queria trabalhar nas minhas aulas, pelo que escolhi Álvaro de Campos. A minha decisão prendeu-se com um gosto pessoal pela poesia deste autor, bem como pelas linhas temáticas e pelas características dos seus poemas.

A parte prática conducente à elaboração deste relatório consistiu na leccionação de uma unidade didáctica (cinco aulas de noventa minutos e uma aula de quarenta e cinco minutos) a uma turma de 12.º ano, nível de escolaridade das turmas da professora cooperante. Assim, o tema que quis desenvolver e experienciar na unidade didáctica – *o impacto das TIC na motivação e na exploração da leitura* – foi aplicado à poesia de Álvaro de Campos, de acordo com o Programa de Língua Portuguesa do Ensino Secundário e com o planeamento do calendário escolar da turma em questão, definido pelo grupo de professores de Português da escola no princípio do ano lectivo.

Para preparar e elaborar a unidade curricular foi, pois, necessário pesquisar e aprofundar determinados conhecimentos, a partir de bibliografia de referência. Na verdade, esses conhecimentos devem ser a base teórica que qualquer professor de Português deve ter em conta no que diz respeito a este conteúdo programático.

Assim, como nos indica a literatura referente ao estudo e análise deste heterónimo de Fernando Pessoa, a poesia de Álvaro de Campos divide-se em três fases evolutivas, cada uma delas com as suas características específicas.

Segundo Jacinto do Prado Coelho, *“dos vários heterónimos é o único que percorre sensivelmente uma curva evolutiva. Tem três fases: a do Opiário [...]; a do futurismo whitmaniano, exuberantemente documentado na Ode Triunfal [...], para só episòdicamente assomar a poemas posteriores; enfim, uma terceira fase a que chamarei pessoal por estar liberta de influências nítidas, desde Casa branca nau preta (11-X-1916) até 1935, ano da morte de Pessoa”* (1963: 56).

Este aspecto é, na realidade, confirmado pelo próprio autor, *“fui em tempos poeta decadente; hoje creio que estou decadente, e já o não sou”*. Jacinto do Prado Coelho menciona, ainda, que *“na poesia à memória de Caeiro, declara que o mestre, acordando-o para a «sensação» e a «nova alma», lhe tirou a capacidade de ser apenas*

um decadente «estupidamente pretensioso / Que poderia ao menos vir a agradar...» (1963: 56-57).

Como tal, a poesia da primeira fase, *fase Decadentista*, traduz-se por sentimentos de tédio, de enfado, de náusea, de cansaço, de abatimento, pela busca de evasão e pela necessidade de um mundo de sensações novas e de coisas fortes. Tal é o reflexo da falta de um sentido para a vida e da necessidade de fuga à monotonia, fuga essa que era consumada, habitualmente, pelo recurso a estupefacientes, como era o caso do ópio.

Um dos poemas mais exemplificativos desta fase é o “Opiário”, escrito por Fernando Pessoa em 1915 para o primeiro número do *Orpheu*, todavia, datado de Março de 1913 “*para documentar, mistificando, uma primeira fase de Campos, ainda «em botão»*” (COELHO, 1963: 57):

*“E eu vou buscar ao ópio que consola
Um Oriente ao oriente do Oriente.
Moro no rés-do-chão do pensamento
E ver passar a Vida faz-me tédio.
A minha Pátria é onde não estou.”*

Este poema, concebido numa viagem ao Oriente, é dedicado ao modernista Mário de Sá-Carneiro, imitando-lhe “*desde a nostalgia de além, a morbidez snob dum saturado da civilização, a embriaguez do ópio e dos sonhos dum Oriente que não há, o horror à vida, o realismo satírico de certas notações, até ao vocabulário entre precioso e vulgar, às imagens, aos símbolos, ao estilo confessional brusco, amimado e divagativo, ao ritmo dos decassílabos agrupados em quadras, como, por exemplo, na Partida de Dispersão*” (*idem*).

Poeta da “arte de sentir”, na *fase Futurista/Sensacionista*, Campos deseja sentir tudo de todas as maneiras, cantando de forma delirante a civilização industrial, a energia e o progresso. Esta fase caracteriza-se por uma poesia repleta de vitalidade, manifestando a predilecção pelo ar livre e pelo belo feroz que virá a contrariar a concepção aristotélica de belo, como o autor manifesta em “Ode Triunfal”:

*“Escrevo rangendo os dentes, fera para a beleza disto
Para a beleza disto totalmente desconhecida dos antigos.”*

Como refere Jacinto do Prado Coelho, *“compreende-se que este Álvaro de Campos que desponta – o da segunda fase – com a sua vitalidade transbordante, o seu amor ao ar livre e ao belo feroz, venha a condenar a literatura decadente, planta de estufa corrompida, em cujos pecados, como o Fernando Pessoa ortónimo, incorreu: fá-lo-á ao defender uma estética não-aristotélica baseada não já na ideia de beleza, no conceito do agradável, em suma na inteligência, mas sim na ideia de força, na emotividade individual, pela qual o escritor subjuga os outros sem procurar captá-los pela razão”* (1963: 58).

Após a descoberta do futurismo de Marinetti e do sensacionismo de Walt Whitman, Álvaro de Campos *“adoptou, além do verso livre, um estilo esfuziante, torrencial, espriado em longos versos de duas ou três linhas, anafórico, exclamativo, interjectivo, monótono pela simplicidade dos processos, pela reiteração de apóstrofes e enumerações de páginas e páginas, mas vivificado pela fantasia verbal perdulária, inexaurível”* (COELHO, 1963: 61). Como refere o mesmo autor, será Walt Whitman *“o grande inspirador do Álvaro de Campos da segunda fase, aquele que realiza a intenção inicial de Pessoa: criar um poeta da vertigem das sensações modernas, da volúpia da imaginação, da energia explosiva”* (1963: 59).

Nesta fase, o autor, para além de celebrar o triunfo da máquina, da energia mecânica e da civilização moderna, canta também os escândalos e corrupções da contemporaneidade, em sintonia com o futurismo. Com efeito, o ideal de futurista em Álvaro de Campos fá-lo distanciar-se do passado para exaltar a necessidade de uma nova vida futura, onde se tenha a consciência da sensação do poder e do triunfo.

Esta fase está também marcada pela intelectualização das sensações ou pela sua desordem. Como verdadeiro sensacionista, o poeta procura o excesso violento de sensações à maneira whitmaniana. No entanto, o seu sensacionismo distingue-se do seu Mestre Caeiro, na medida em que este considera a sensação captada pelos sentidos como a única realidade, embora rejeite o pensamento. O Mestre, com a sua simplicidade e serenidade, via tudo nítido e recusava o pensamento para fundamentar a sua felicidade por estar de acordo com a Natureza. Álvaro de Campos, por sua vez, sentindo a complexidade e a dinâmica da vida moderna, procura sentir a violência e a força de todas as sensações (*“sentir tudo de todas as maneiras”*).

O poema “Ode Triunfal” exemplifica claramente esta fase poética deste heterónimo de Fernando Pessoa. O título induz logo a algo de grandioso, não só no conteúdo como na forma. A irregularidade métrica e estética, típicas da poesia modernista, afastam logo o poema da ética tradicional portuguesa e traduzem a irreverência e o nervosismo do próprio poeta. A nível estilístico, sobressaem inúmeras metáforas, comparações, imagens, onomatopeias, apóstrofes e anáforas, entre outras, de forma a realçar o sensacionismo de Álvaro de Campos.

Em suma, nesta segunda fase poética, Álvaro de Campos *“num estilo vagabundo, vertiginoso, cantou ele ora a hipertrofia duma personalidade viril que tudo integra em si e não respeita limites, [...], ora os impulsos que emergem da lava sombria do inconsciente, o masoquismo, a volúpia sensual de ser objecto, vítima, a prostituição febril às máquinas, à Humanidade, ao mundo, ao ponto de se tornar «um monte confuso de forças», um eu-Universo, disperso nas coisas mais díspares”* (COELHO, 1963: 61-62).

A partir de 1916, Álvaro de Campos *“é o poeta do abatimento, da atonia, da aridez interior, do descontentamento, de si e dos outros”* (COELHO, 1963: 64), traços caracterizadores da poética do autor correspondente à sua terceira e última fase evolutiva: *fase Intimista/Abúlica*. Com efeito, *“o tour de force malogrou-se: depois de 1916, Campos virá a ser o poeta do cansaço, da abulia, do vazio, inquieto e nauseado”* (COELHO, 1963: 63).

Esta fase caracteriza-se por uma incapacidade de realização, trazendo de volta o abatimento. O poeta vive rodeado pelo sono e pelo cansaço, revelando desilusão, revolta e inadaptação, devido à incapacidade das realizações. Após um período áureo de exaltação heróica da máquina, Álvaro de Campos é possuído pelo desânimo e frustração, *“decadente não já no sentido histórico-literário da palavra, mas por se ter despenhado da exaltação heróica, nervosamente conseguida, dos longos poemas à Whitman. Longe de ser medularmente o «turbulent, fleshy and sensual» autor das Leaves of Grass, corre-lhe nas veias o sangue aguado de Pessoa; e a curva evolutiva da sua poesia mostra que o seu pretense dinamismo é narcótico para afogar o tédio, bebedeira para transpor «o muro da sua lógica», da sua inteligência «limitadora e gelada»”* (COELHO, 1963: 65).

Nesta fase, *fase Intimista/Abúlica*, o “discípulo de Caeiro” parece apresentar pontos comuns com a primeira fase, *fase Decadentista*, contudo, há que salientar que esta última fase representa a reflexão interior e angustiada de quem apenas sente o vazio depois da jornada heróica.

Segundo Jacinto do Prado Coelho, *“perante este Campos decaído, cosmopolita, melancólico, devaneador, irmão de Pessoa ortónimo no cepticismo, na dor de pensar e nas saudades da infância ou de qualquer coisa irreal, compreende-se que seja o único heterónimo que participe da vida extraliterária de Fernando Pessoa. «Eu e o meu companheiro de psiquismo, Álvaro de Campos...» - lemos numa carta a Fernando Lopes. [...] Conta Alfredo Guisado que às vezes Pessoa o encontrava na rua e lhe dizia: «Você hoje vai falar com o Álvaro de Campos.» E não era só por blague, acrescenta Guisado: «tinha realmente nesse dia uma maneira de falar, uma maneira de dizer, uma maneira de sentir diversa daquela com que costumávamos encontrá-lo» ” (1963: 65-66).*

Nesta fase o poeta sente-se cansado, vazio, um marginal, um incompreendido, como se encontra manifestado em *“Aniversário”*, cuja construção antitética dos versos representa o espelho do interior do poeta:

*“O que há em mim é sobretudo cansaço –
[...] Três tipos de idealistas, e eu nenhum deles:
Porque eu amo infinitamente o finito,
Porque eu desejo impossivelmente o possível,
Porque eu quero tudo, ou um pouco mais, se puder ser,
Ou até se não puder ser...”*

De facto, como afirma Jorge de Sena *“pode afirmar-se que foi entre si próprio e Álvaro de Campos que Pessoa se repartiu, dado que Alberto Caeiro é um «mestre já falecido» e Ricardo Reis um «amigo distante»; sublinhe-se, porém, que Álvaro de Campos é, directamente, discípulo de Caeiro, e que as suas prosas, como os seus poemas, antes de serem compreendidos à luz do autor comum a todos - Fernando Pessoa – o devem ser ao calor desesperadamente humano do poeta de «O guardador de rebanhos»” (1982: 35).*

Assim sendo, a unidade didáctica leccionada teve por base os autores de referência mencionados, bem como os referidos conteúdos bibliográficos. Foi a grande

maioria destes conhecimentos que tentei transmitir aos alunos, utilizando, sempre que achei coerente e benéfico, as TIC como recurso à motivação da leitura e à exploração da sua poesia.

Outra questão subjacente à poética deste heterónimo de Fernando Pessoa prende-se com o facto de o Programa de Língua Portuguesa do 12.º ano indicar como objecto de estudo apenas as duas últimas fases deste autor: *fase Futurista/Sensacionista* e *fase Intimista/Abúlica*, excluindo a primeira fase: *fase Decadentista*. Creio que esta decisão se relaciona com as linhas temáticas e com o próprio vocabulário da poesia desta fase, vistos, certamente, como pouco adequados a leitores adolescentes.

Contudo, considerei que os alunos do 12.º ano com que trabalhei possuíam, já, maturidade suficiente para poderem observar o conjunto das três fases. No caso da unidade didáctica que leccionei, foi essa a minha opção: trabalhar as três fases, ainda que a primeira de forma breve, com o objectivo de sensibilizar os alunos para os traços gerais que caracterizam a primeira fase de Álvaro de Campos.

Penso que conhecer algumas das características desta fase possibilita que, por um lado, os alunos estabeleçam algumas comparações com as outras duas fases evolutivas; por outro, proporciona-lhes um conhecimento mais abrangente, na tentativa de despertar a atenção para o percurso de transformações por que passa o poeta e, no fundo, para as características da sua personalidade, criada por Fernando Pessoa.

Relembrando, também, Jacinto do Prado Coelho, cuja visão e análise tem sido tão tomada em conta neste relatório, *“longe de aceitar a tese romântica da inspiração avassaladora, creio que a iniciativa do poeta, a intencionalidade, o cálculo, não devem nunca menosprezar-se, e muito menos quando se trata de poetas tão conscientes, tão lúcidos, como Fernando Pessoa. Salvo momentos em que a literatura substituiu a poesia autêntica, os poemas que nos deixou, é evidente, não constituem produtos arbitrários, fabricados a frio, mas neles (ortónimos e heterónimos) a tal «inspiração» foi sàbiamente provocada ou então aproveitada, conduzida para um fim”* (COELHO, 1963: 13).

Trabalhar a leitura e a exploração do texto literário, neste caso a poesia de Fernando Pessoa, mais precisamente Álvaro de Campos, é algo bastante exigente. Tentar despertar interesse nos alunos e levá-los a valorizar e a reconhecer o valor da obra de uma das figuras cimeiras da Literatura Portuguesa do século XX como Fernando Pessoa é um desafio. Ao estimular nos alunos a leitura dos textos literários, o professor está a contribuir para o desenvolvimento de uma cultura geral mais ampla, que integra as dimensões humanista, social e artística. Esta vertente da formação deve ser entendida mesmo como uma necessidade escolar, social e cultural.

Com efeito, *“o texto literário – mais propriamente, o texto poético – desempenhou, ao longo de toda a história do Ocidente, um papel preeminente na formação escolar, educativa e cultural dos jovens. [...] Não se pode ensinar a língua sem o estudo da poesia, não se pode ensinar a poesia sem o estudo da língua. A gramática, a retórica e a poética, têm artes fundamentais da cultura e da escola do Ocidente, têm como um dos seus pilares mais sólidos a indissociabilidade da língua e da poesia”* (AGUIAR E SILVA, 1998-1999: 23-24).

O estudo de determinado autor não parte apenas dos aspectos técnicos ou linguísticos da sua obra, mas também dos aspectos estéticos. O interesse dos alunos por Álvaro de Campos, por exemplo, não é, certamente, despertado apenas pelos temas dos seus poemas e pela análise gramatical dos mesmos. Provavelmente, o que os atrai está também relacionado com as suas vivências e com a sua personalidade. É sabido que não há regras fixas para a análise de um texto literário, nomeadamente o poético, sendo, por isso, uma actividade fortemente dependente do empenho e do talento do professor.

Deste modo, *“a leitura e a interpretação dos textos literários devem ser para os alunos uma viagem guiada pelo professor com segurança, mas com delicadeza e com discrição, de modo que o aluno seja efectivamente um leitor com identidade própria, isto é, um leitor que lê com a sua memória, a sua imaginação, a sua experiência vital, as suas expectativas e os seus conhecimentos linguísticos-literários. É necessário que as emoções [...], fundamentais nos jovens e nos adolescentes, não sejam asfixiadas ou esterilizadas no acto de leitura por impositivas grelhas de leitura ou por modelos analítico-interpretativos de aplicação mecânica”* (AGUIAR E SILVA: 1998-1999, 29-30).

No entanto, se o papel do professor é algo fundamental, o dos alunos não é menos essencial e determinante. O professor deve, efectivamente, trabalhar com os alunos no sentido de os acompanhar, de os guiar. Porém, mesmo quando o professor o consegue fazer com mestria, se os alunos não se predispuserem a receber aquilo que de melhor ele tem para dar e se posicionarem com resistência, o que conseguem, professor e alunos, atingir? Qual o sucesso do ensino-aprendizagem nestes moldes?

A qualquer professor é exigido que seja multifacetado, directa ou indirectamente, cabendo-lhe estimular e motivar continuamente os seus alunos, ao mesmo tempo que se motiva a si próprio para o conseguir fazer, com persistência. Para isso, é necessário recorrer à sua criatividade, ao seu dinamismo, à actualização da sua formação, adaptando-se às exigências de cada aluno, da própria Escola e, como tal, da sociedade. Cabe-lhe utilizar diversas metodologias, diferentes recursos, enfim, tudo o que estiver ao seu alcance para beneficiar o processo ensino-aprendizagem e estimular os alunos, mesmo os mais resistentes. E, quando consegue fazê-lo, consegue atingir o que os alunos precisam: ser tocados e deixarem-se tocar pelo desejo de aprender.

As TIC, nalguns casos, podem ser um exemplo de um dos recursos que o professor pode utilizar, na medida em que podem ajudá-lo nestas suas tarefas, auxiliando e complementando o seu trabalho, tornando-o mais aliciante, quando bem adaptadas. Os alunos gostam da novidade, a tecnologia cativa-os, pelo que as TIC podem motivá-los.

No caso da disciplina de Português, a Escola e o professor devem ajudar, assim, o aluno a apropriar-se de estratégias que lhe permitam aprofundar a relação afectiva e intelectual com as obras, a fim de que possa traçar, progressivamente, o seu próprio percurso enquanto leitor e construir a sua autonomia face ao conhecimento. No caso do ensino e estudo de poesia, como a de Álvaro de Campos, por exemplo, é essencial que o professor desperte nos alunos a fruição da leitura dos seus poemas, ajudando, deste modo, a criar uma relação afectiva, solidificada também nos conhecimentos transmitidos, e a fomentar a continuação da leitura deste autor.

Ensinar e estudar poesia é embarcar numa viagem, pois *“por muito que se tente definir a poesia, ela foge à estreiteza dos conceitos. É sentimento e é palavra, faísca*

que se acende ou água que se espelha entre os corpos, simulação que se sobrepõe ao ardor da chaga ou à graça do momento. Dom e artifício, trabalho suado onde desabrocha a flor do mistério. Tudo isso é ainda pouco, como definição, ou é de mais. (...) Aos menos acostumados, uma advertência. A poesia às vezes, não se entrega imediatamente à primeira leitura, à primeira audição. Também a água, a cair de uma cascata ou de uma catarata, não revela logo o seu movimento, mas fascina pelo brilho” (Urbano Tavares Rodrigues, in prefácio de Os Poemas da Minha Vida⁷).

⁷ in MAGALHÃES, Olga & COSTA, Fernanda (2010). *Entre Margens, 10º ano – Caderno do Professor*. Porto: Porto Editora, pp. 102.

3. A UNIDADE DIDÁCTICA

O professor fascinado procura contínuo discernimento para usar as coisas, as metodologias, as teorias e as práticas educativas, tanto quanto estas o possam ajudar na prossecução do seu fim, que é o acto nobre de educar.

João Paiva, *O Fascínio de Ser Professor*

Neste capítulo será apresentada uma breve descrição da história da Escola Secundária Manuel Cargaleiro, bem como a caracterização da turma de 12.º ano com que trabalhei, a partir de alguns dados recolhidos pela directora de turma.

Posteriormente, partindo, então, do contexto da escola e da turma anteriormente mencionados, é feito o enquadramento da unidade didáctica e a descrição e análise das seis aulas leccionadas. Explicitar-se-ão, ainda, as estratégias de ensino concebidas, de acordo com os objectivos de aprendizagem visados e com os conhecimentos científicos de referência e o contexto mais geral do saber, referidos no capítulo anterior.

De seguida, será desenvolvido o subcapítulo destinado à avaliação, onde serão descritas e justificadas as modalidades de avaliação praticadas, bem como os materiais utilizados para este fim. Para além disso, serão, também, apresentados e analisados os dados recolhidos, em relação à avaliação de diagnóstico e à avaliação sumativa dos alunos.

3.1. A ESCOLA SECUNDÁRIA MANUEL CARGALEIRO

UM POUCO DE HISTÓRIA...

En effet, l'École n'est pas seulement un lieu d'accueil ou de passage, c'est un cadre éducatif spécifique où tout doit faire sens de manière cohérente. Un établissement scolaire, du premier ou du second degré, n'est pas seulement un ensemble de cours et réunions plus ou moins bien juxtaposés. C'est une institution où les relations entre les personnes, l'ensemble de la gestion quotidienne et tout l'environnement matériel conspirent – étymologiquement «respirent ensemble» - pour instituer une forme particulière d'activité humaine fondée, sur des valeurs spécifiques: la reconnaissance de l'altérité, l'exigence de précision, de rigueur et de vérité, l'apprentissage conjoint de la construction du bien commun et de la capacité à «penser par soi-même».

Philippe Meirieu, *Lettre à un jeune professeur*

A Escola Secundária Manuel Cargaleiro situa-se num meio urbano no Fogueteiro, na freguesia de Amora, Concelho do Seixal. O Fogueteiro surge do fenómeno de crescimento da Margem Sul, tendo perdido progressivamente a sua vertente rural a favor da construção de novos edifícios para fazer face ao crescimento populacional.

A Escola entrou em funcionamento em 1984, com o nome de Escola Secundária do Fogueteiro, e foi criada para fazer face ao grande crescimento demográfico do Concelho. Iniciou a sua actividade com turmas do antigo Curso Unificado, oferecendo nos 7.º e 8.º anos, como opções curriculares, as disciplinas de Hortofloricultura, Electrotecnia, Têxteis e Madeiras e no 9º ano, para além das usuais áreas vocacionais de Saúde e Introdução à Actividade Económica, as áreas vocacionais de Arte e Design, Música e Agro-Pecuária. Facto que a tornava uma escola singular.

A 6 de Outubro de 1986 teve início a sua segunda fase de construção, permitindo a abertura, no ano lectivo de 1987/88, dos Cursos Complementares com as seguintes formações vocacionais: Saúde e Produção Agro-Pecuária, Electrónica, Informática, Jornalismo/Turismo e Introdução às Artes Plásticas, Design e Arquitectura. Naquela altura, a Escola oferecia ainda os Cursos Tecnológicos de Electrónica e de

Contabilidade e Gestão. No ano lectivo de 1989/90 iniciaram-se os Cursos Nocturnos e o 12.º ano de escolaridade.

A partir da proposta do Conselho Directivo, aprovada por unanimidade pelo Conselho Pedagógico, por toda a Comunidade Escolar e pela Câmara Municipal do Seixal, passou a designar-se Escola Secundária Manuel Cargaleiro a 25 de Novembro de 1994, no seu 9º aniversário, em homenagem ao artista português, pintor e ceramista, que viveu a sua infância no Fogueteiro.

Ao longo dos anos, a escola sempre se preocupou em promover o desenvolvimento pessoal dos alunos e em dinamizar o espaço escolar, tendo-se candidatado a vários concursos, programas e projectos. Para além disto, é evidente o esforço no sentido da democraticidade e participação de todos os intervenientes no processo educativo.

Por decisão superior, o Ensino Básico deixou de ser ministrado na escola no ano lectivo de 2001/02 e o Ensino Nocturno no ano lectivo de 2002/03. Em 2004/05, a escola reintegrou o 3º ciclo do Ensino Básico, por decisão da DREL. A nível de organização administrativa e pedagógica fazem parte dos Órgãos de Administração e Gestão desta escola: a Assembleia de Escola, o Conselho Executivo e o Conselho Pedagógico, que juntamente com os alunos, professores, pessoal administrativo, pessoal auxiliar de acção educativa, Associação de Estudantes e Associação de Pais e Encarregados de Educação, formam uma comunidade educativa rica e diversa.

Actualmente, a escola funciona em regime diurno, compreendendo o 3º ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário, e tem um total de 1153 alunos distribuídos por 8 turmas do Ensino Básico e 39 do Ensino Secundário. O Ensino Secundário proporciona, para além dos cursos gerais, os Cursos Profissionais de Técnico de Multimédia, Técnico de Gestão de Equipamentos Informáticos, Técnico de Contabilidade e Técnico de Turismo. A escola oferece, também, o Curso de Educação e Formação de Assistente Administrativo e o Curso de Educação Extra-Escolar, destinado a um público adulto, com baixo nível de escolaridade, que pretenda adquirir competências nas áreas de informática e língua inglesa.

A escola tem como lema “Juntos pelo conhecimento”.

3.2. CARACTERIZAÇÃO DA TURMA

O maior bem que fazemos aos outros Homens não é comunicar-lhes a nossa riqueza, mas descobrir-lhes a deles.

Autor desconhecido

Como já foi referido, o presente relatório pretende projectar o trabalho desenvolvido ao longo da leccionação de uma unidade didáctica, tendo por base uma turma de 12.º ano do Ensino Secundário do Curso de Ciências e Tecnologias, da Escola Secundária Manuel Cargaleiro, no Fogueteiro.

A turma é composta por vinte e quatro alunos, seis do sexo masculino e dezoito do sexo feminino (Gráfico 1), com idades compreendidas entre os dezasseis (dezasseis alunos), os dezassete (dezoito alunos) e os dezoito anos (um aluno) (Gráfico 2).

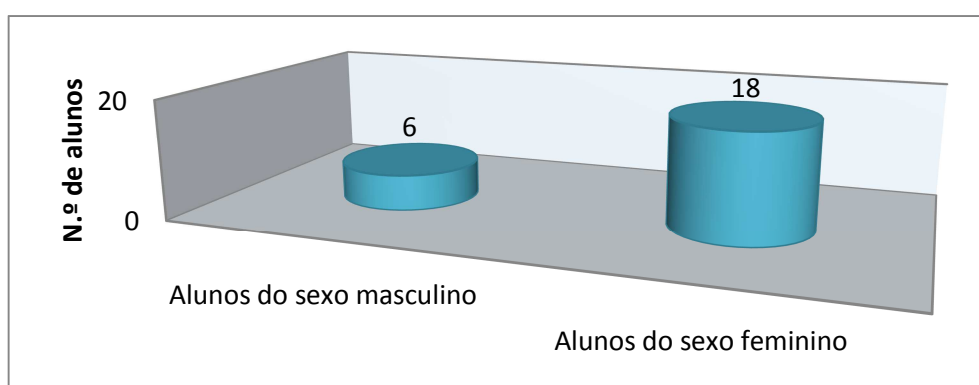


Gráfico 1. Sexo dos alunos

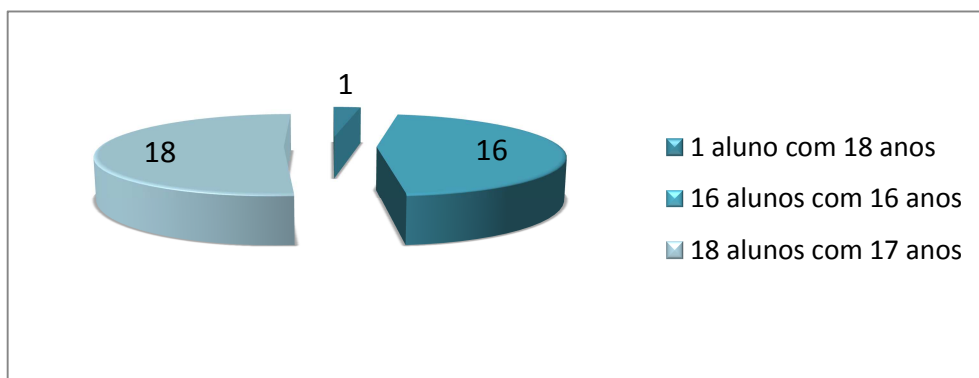


Gráfico 2. Idade dos alunos

Segundo os dados disponibilizados pela directora de turma, a partir de um inquérito realizado pelos próprios alunos no início do ano lectivo, dezanove alunos nunca repetiram nenhum ano de escolaridade, um aluno repetiu o 9º ano de escolaridade, dois alunos reprovaram numa disciplina no 11º ano de escolaridade e um aluno reprovou em duas disciplinas também no 11º ano de escolaridade (Gráfico 3). Este e outros aspectos são indicadores do bom nível da turma.

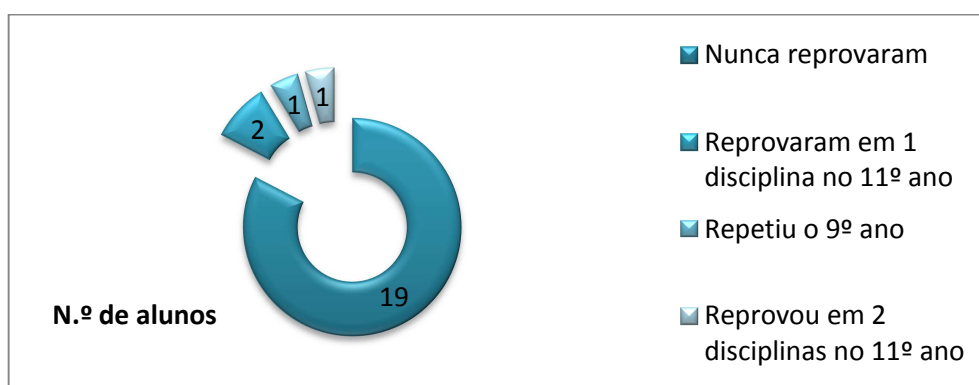


Gráfico 3. Reprovações dos alunos

A nível de preferências relativamente ao currículo escolar, a disciplina de Biologia é a preferida para dez dos alunos, seguida da disciplina de Química e da de Educação Física, respectivamente. As disciplinas de Matemática e de Português são as disciplinas preferidas para dois dos alunos e a disciplina de Área Projecto para um aluno (Gráfico 4).

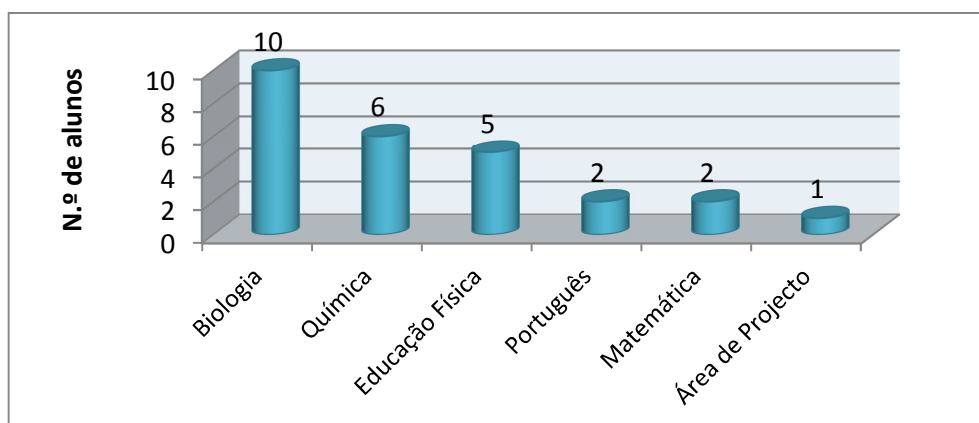


Gráfico 4. Disciplinas preferidas dos alunos

Quanto às disciplinas em que os alunos sentem maiores dificuldades, a Matemática encontra-se no topo da lista para dez dos alunos, antecedida da disciplina de Química, indicada por seis alunos. O Português é a disciplina em que quatro dos alunos sentem mais dificuldades, bem como a disciplina de Educação Física para três dos alunos e a Biologia para um aluno (Gráfico 5).

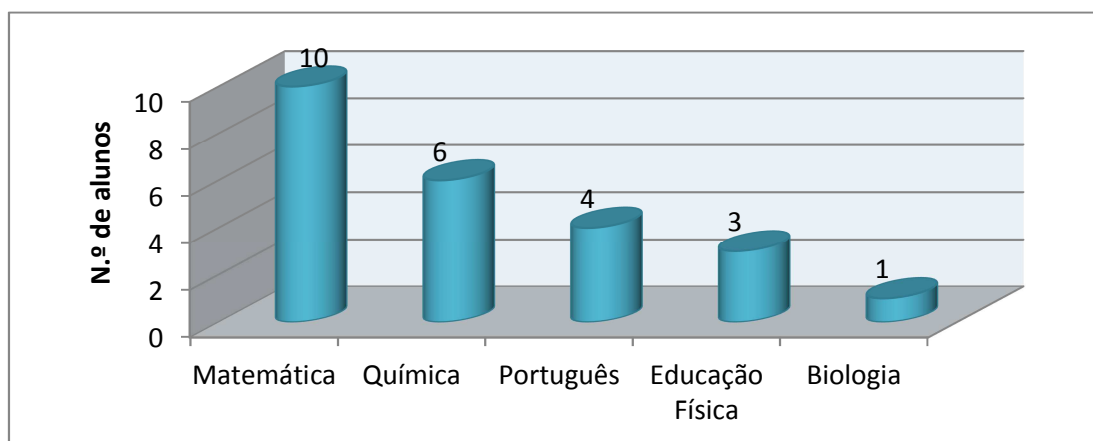


Gráfico 5. Disciplinas em que os alunos sentem maior dificuldade

Um dos parâmetros do inquérito prende-se, também, com o nível de escolaridade dos pais dos alunos. Catorze pais têm um curso superior, dezasseis pais completaram o Ensino Secundário, seis pais e cinco mães frequentaram a escola até ao 3º ciclo, duas mães até ao 2º ciclo e outros dois pais até ao 1º ciclo (Gráfico 6).

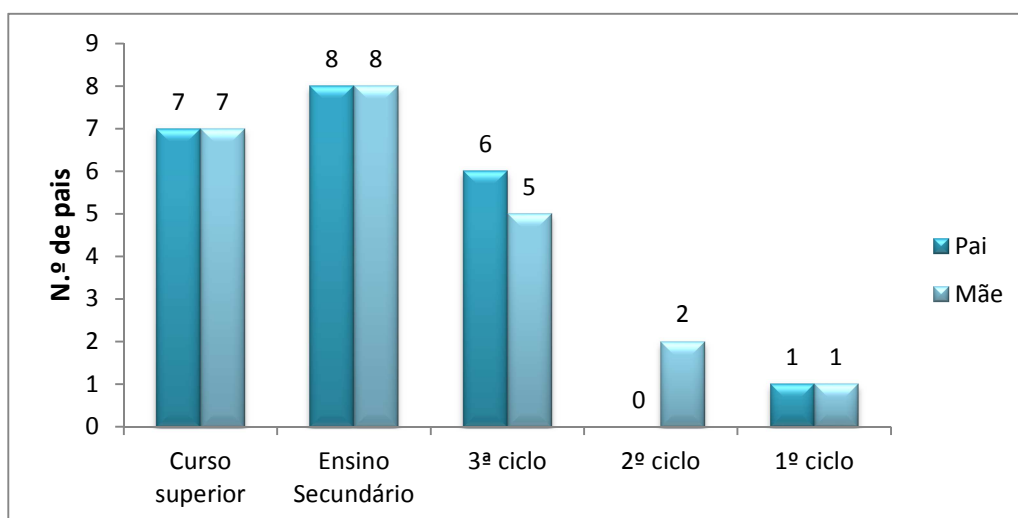


Gráfico 6. Nível de escolaridade dos pais dos alunos

O encarregado de educação é para dezoito alunos a mãe, para quatro alunos o pai e para um aluno o avô (Gráfico 7).

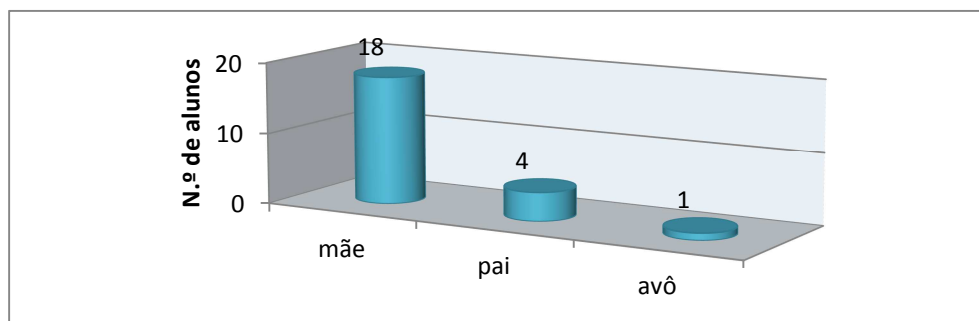


Gráfico 7. Encarregados de Educação dos alunos

Relativamente à forma como ocupam os seus tempos livres, vinte alunos gostam de sair com os amigos e ver televisão; vinte alunos gostam de navegar e conversar com amigos em *chats* na internet; treze alunos ocupam o seu tempo livre a ler; dez alunos a jogar computador e onze a praticar desporto. Dez alunos responderam “outros” (Gráfico 8).

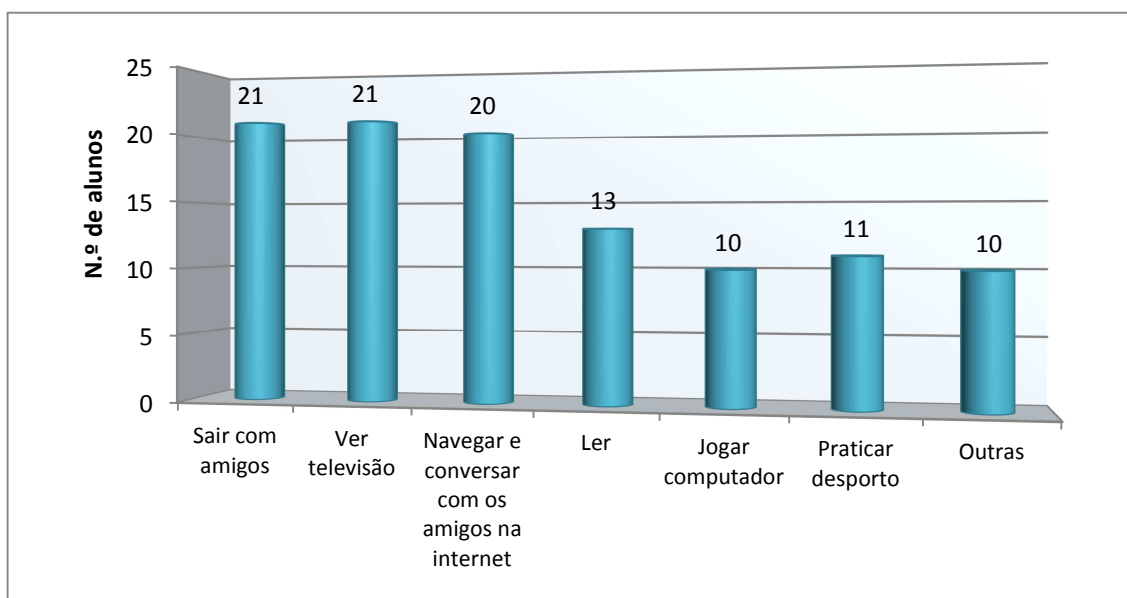


Gráfico 8. Ocupação dos tempos livres dos alunos

“O que pensam fazer no futuro?”, pergunta o inquérito. Vinte alunos da turma pretendem ingressar no Ensino Superior e três têm como objectivo frequentar um curso especializado (Gráfico 9).

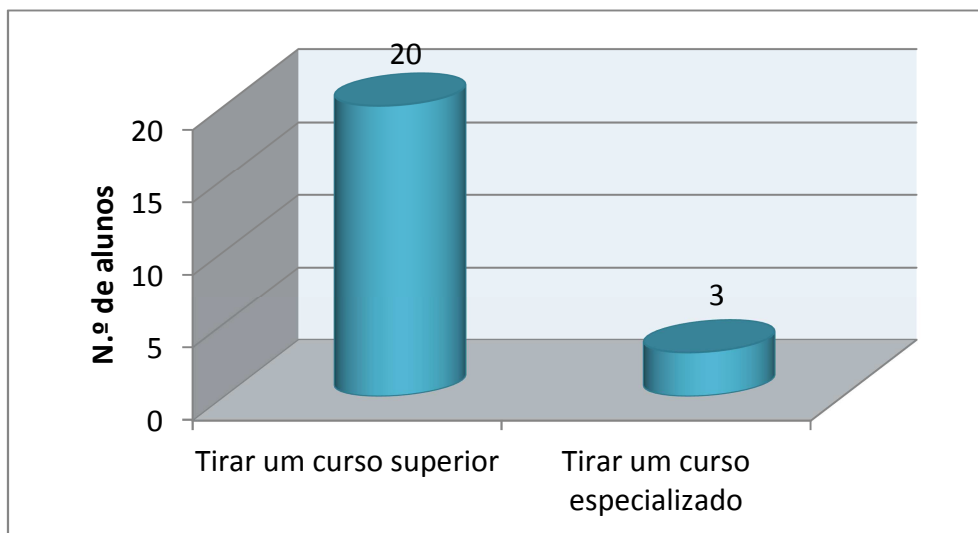


Gráfico 9. Perspectivas de futuro dos alunos

Quando confrontados com a regularidade do seu estudo, dois dos alunos afirmam não estudar todas as semanas, cinco alunos estudam um ou dois dias por semana, treze alunos estudam quase todos os dias e três alunos da turma dizem estudar todos os dias (Gráfico 10).

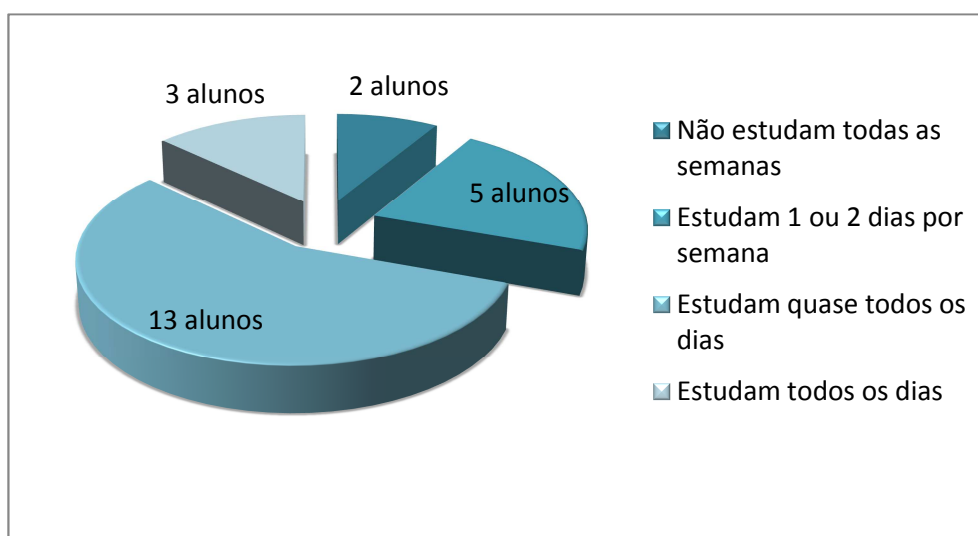


Gráfico 10. Regularidade do estudo dos alunos

A turma, desde que a acompanho a partir da cadeira de I.P.P. I, do primeiro ano do Mestrado, pareceu-me bastante autónoma do que diz respeito à realização de tarefas, preparação para os testes e à pesquisa de materiais e instrumentos de trabalho extra-aulas.

Relativamente aos seus métodos de estudo, catorze alunos utilizam apenas o manual e os apontamentos na preparação dos testes e nove alunos afirmam recorrer a investigações na internet e a enciclopédias, para além do manual e dos apontamentos que tiram nas aulas (Gráfico 11).

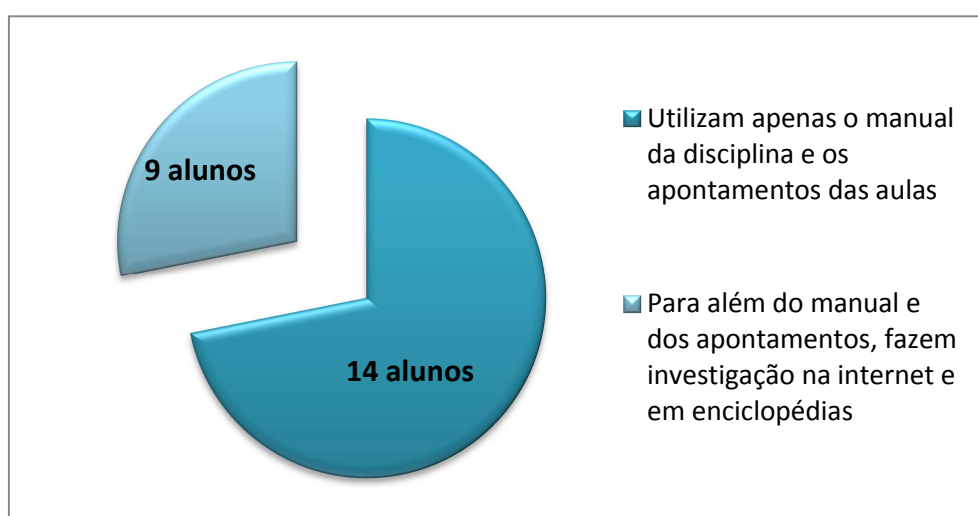


Gráfico 11. Métodos de estudo dos alunos

De acordo ainda com as suas respostas, os vinte e três alunos da turma afirmam conseguir, quase sempre, realizar sozinhos os trabalhos.

Sete alunos declaram sentir alguma insegurança na resolução das tarefas durante as aulas, embora tentem ultrapassá-la sozinhos. Mais de metade da turma afirma procurar o professor quando não consegue resolver certas tarefas.

Sempre que é dada matéria nova dois alunos afirmam procurar informação adicional em casa, contrariamente a um terço dos alunos, que o faz apenas se a matéria os interessar. Metade da turma contenta-se com a informação veiculada pelo professor.

Ainda segundo o mesmo inquérito, todos os alunos afirmam possuir, nas suas casas, computador com ligação à internet.

Em relação à escola, para a maior parte dos alunos as melhores qualidades da Escola Secundária Manuel Cargaleiro relacionam-se com o mérito dos seus profissionais (competência e/ou simpatia de professores e/ou auxiliares de acção educativa), com as qualidades físicas da escola, nomeadamente, os espaços verdes, a higiene e os bons equipamentos. Seis alunos indicaram, ainda, o bom ambiente social que se vive na escola.

Doze alunos discordam e indicam a localização geográfica, a existência de alguma discriminação social e a falta de certas condições físicas, tal como a existência de poucos bancos exteriores e o facto de alguns balneários estarem degradados, como os piores defeitos da escola.

A minha opinião sobre a turma e a avaliação que fiz dos alunos e do seu desempenho ao longo da unidade didáctica leccionada serão feitas ao longo dos capítulos seguintes, principalmente no capítulo destinado às considerações finais.

3.3. AULAS E ESTRATÉGIAS DE ENSINO CONCEBIDAS

Où que vous enseigniez et quel que soit votre public, vous enseignez toujours quelque chose à quelqu'un. Aucun professeur n'enseigne rien. (...) «Rentrez en vous-même», vous y trouverez, au cœur même de votre projet d'enseigner, les raisons de ne désespérer ni de votre métier, ni du monde. (...) Les professeurs n'ont pas d'avenir. Ils sont l'avenir. Enfin, surtout vous [jeunes professeurs]...

Philippe Meirieu, *Lettre à un jeune professeur*

No âmbito do plano de estudos do curso em questão e de acordo com o quadro descritivo do funcionamento da disciplina de I.P.P. IV, o quarto semestre do Mestrado correspondeu à última fase de trabalho realizada na Escola Secundária Manuel Cargaleiro, a partir de actividades lectivas conducentes à conclusão deste relatório.

Em Novembro de 2009 dei início à leccionação da unidade didáctica, composta por cinco aulas de noventa minutos e uma aula de quarenta e cinco minutos, a uma turma do 12.º ano de escolaridade ([Anexo 1](#)). Pretendi aplicar em cada plano de aula estratégias de trabalho mais dinâmicas na motivação e na exploração da leitura através da utilização das TIC, recorrendo, sempre que possível, a diferentes recursos e instrumentos didácticos.

Os principais objectivos da unidade didáctica passaram, assim, por (i) aplicar à exploração da poesia de Álvaro de Campos metodologias e estratégias de trabalho ligadas às TIC, de modo a facilitar a fruição dos textos, (ii) perceber, de acordo com o contexto, qual o impacto que o recurso às TIC tem para os alunos no seu processo de aprendizagem e (iii) criar planos de trabalho mais motivantes, não cingindo a aula à exploração dos conteúdos a partir do manual escolar.

O ensino da literatura, no caso do conteúdo programático em questão a poesia de Álvaro de Campos, pela sua riqueza e complexidade, não é tarefa fácil e simples para o professor. Como afirma Manuel Alegre (1965), em *A poesia não se explica..., não sei falar de literatura. Não sei se sei falar de poesia. Sobretudo não sei se a poesia tem alguma coisa a ver com a literatura. Talvez esteja antes ou depois da literatura. Sei*

que a poesia não se explica, a poesia implica, como costuma dizer a minha amiga Sophia de Mello Breyner.

Durante o trabalho na escola procurei, então, envolver-me e envolver os alunos numa viagem pelo mundo da poesia tentando que a motivação e o gosto de ensinar e aprender estivessem constantemente presentes. Da minha parte, enquanto professora estagiária e em início de profissão, essa motivação e esse gosto não foram difíceis de manter presentes mas, em relação aos alunos o desafio é diferente. A forma como quis “implicá-los” nesta viagem foi feita com o auxílio de algumas ferramentas que as TIC englobam, com o objectivo de tornar a leitura e a exploração da poesia de Álvaro de Campos mais sentida e motivante. Afinal, *a poesia é, assim, antes de tudo, uma forma de mediação. Um presságio do sul (...). Uma encantada, encantatória e desesperada tentativa de captar a essência do mundo e de, através da palavra, “mudar a vida”, como queria Rimbaud. Uma forma de alquimia. Que procura o impossível. Ou seja: o verso que não há. (...) A poesia é também a língua. E para mim a língua começa em Camões, que tinha uma flauta mágica. A música secreta da língua. A arte e o ofício da língua e da linguagem. (...) O poeta, dizia Cioran, “é aquele que leva a sério a linguagem”. E o que é levar a sério e a linguagem”? Eu creio que é estar atento aos sinais. Os sinais mágicos da palavra. Os sinais da essência do mundo que, por vezes, se revelam na palavra poética. É então que a poesia acontece. Isto é o que sei de poesia. Talvez seja muito pouco. Mas não sei se é possível saber mais (idem).*

Através dos recursos com que complementei o conteúdo programático, tive como principal objectivo enriquecer e diversificar a experiência educativa, não me cingindo apenas ao contributo do professor e do manual escolar. Tendo em conta que os alunos se encontram num nível pré-universitário, procurei, desta forma, tornar o processo de ensino-aprendizagem mais dinâmico e motivador, contribuindo para fomentar neles o gosto pelo estudo e leitura de poesia. Por outro lado, é natural que os alunos gostem das TIC e as considerem actuais e interessantes, uma vez que fazem parte de uma sociedade extremamente direccionada para as novas tecnologias. Então, por que não utilizá-las como ferramentas facilitadoras da aprendizagem? Por que não torná-las úteis no contacto com a poesia, tantas vezes vista pelos alunos como algo enfadonho e complicado?

♦ 1.º bloco de noventa minutos

♦ Objectivos:

- Tomar consciência da forma de avaliação utilizada na unidade didáctica;
- Dar opinião e mostrar conhecimentos sobre a poesia, em geral, e sobre a poesia de Fernando Pessoa, ortónimo e heterónimos, em particular;
- Reconhecer o mérito literário de Fernando Pessoa na Literatura Portuguesa;
- Reconhecer a questão da heteronímia em Fernando Pessoa;
- Traçar e analisar o perfil literário e o retrato físico e psicológico de Álvaro de Campos, a partir da carta escrita por Fernando Pessoa a Adolfo Casais Monteiro;
- Caracterizar as duas primeiras fases evolutivas de Álvaro de Campos.
- Observar a temática do poema “Opiário” e associá-lo à primeira fase evolutiva do autor, a partir de alguns versos do poema;
- Analisar, temática e estilisticamente, parte do poema “Ode Triunfal”.

♦ Conteúdos:

- Fernando Pessoa: o seu papel na Cultura e Literatura Portuguesas;
- A questão da heteronímia em Fernando Pessoa;
- Os traços caracterizadores de Álvaro de Campos, mencionados na «Carta de Fernando Pessoa sobre a génese dos heterónimos», dirigida a Adolfo Casais Monteiro;
- As duas primeiras fases evolutivas de Álvaro de Campos: *fase Decadentista* e *fase Futurista/Sensacionista*;
- Leitura: poemas “Opiário” e “Ode Triunfal”, de Álvaro de Campos (estratégias de leitura: leitura global, leitura selectiva e leitura analítica e crítica).



Iniciei a primeira aula da unidade didáctica com uma conversa com os alunos sobre o trabalho que pretendia desenvolver, no âmbito do meu Mestrado, bem como sobre os objectivos que procurava atingir e o percurso que com eles desejava

percorrer ([Anexo 2](#)). Indiquei-lhes, também, a forma como iam ser avaliados na unidade didáctica que íamos iniciar, explicando-lhes que, para além da observação directa e contínua, o que lhes iria ser pedido era um trabalho de grupo a apresentar oralmente.

O trabalho de grupo consistia na escolha e na preparação da recitação de um poema de Álvaro de Campos, a partir de uma fonte de pesquisa ao seu critério, e na pesquisa sobre alguns temas indicados por mim, em sítios na internet. Com isto, pretendia-se que os alunos fizessem uma apresentação oral, na qual declamariam o poema e apresentariam a sua pesquisa e recolha de dados, com recurso a um *powerpoint*, construído pelo grupo de trabalho. No capítulo destinado à avaliação, são indicados os pormenores sobre aquilo que foi pedido aos alunos e sobre os dados recolhidos.

Foram, assim, apresentadas a cada grupo as indicações sobre a apresentação oral. Depois de colocadas algumas questões por parte da turma e do esclarecimento de algumas dúvidas sobre a apresentação oral e sobre as indicações pedidas, passámos para a parte seguinte da aula.

De seguida, distribuí aos alunos um inquérito de diagnóstico ([Anexo 7](#)) de forma a obter dados que me permitissem perceber qual a sua relação com a poesia em geral e com a poesia de Fernando Pessoa, ortónimo e heterónimos, em particular.

Posteriormente, depois de recolhidos os inquéritos, iniciei com os alunos o estudo de Álvaro de Campos. Efectivamente, não se pode estudar Álvaro de Campos sem se falar de Fernando Pessoa. Como tal, considerei interessante ler algumas palavras que Jorge de Sena lhe dedica: *raríssimas pessoas lhe negam hoje a categoria máxima, o direito de ser considerado um dos maiores poetas da língua portuguesa* (1982: 33-34). É inegável a importância de Fernando Pessoa na Literatura Portuguesa e esta afirmação de um especialista foi o mote para desencadear o diálogo com os alunos.

Na verdade, cabia-me também reforçar esta questão, visto estar a desenvolver um trabalho continuado, na medida em que o estudo de Fernando Pessoa e dos seus heterónimos já tinha sido iniciado pela professora cooperante. Esta ideia funcionou

como ponte para a questão da heteronímia, pelo que li e discuti com a turma um excerto de Jacinto do Prado Coelho:

De qualquer modo, continuo a considerar os heterónimos não um aspecto secundário, que desvia a crítica do que realmente importa, mas, pelo contrário, um problema central, de análise imprescindível para a compreensão de Fernando Pessoa (Coelho: 1963, 11).

Depois disto, tracei e analisei com os alunos o perfil literário de Álvaro de Campos, a partir de alguns excertos da carta que Fernando Pessoa escreveu, sobre a génese dos heterónimos, ao seu “prezado Camarada” Adolfo Casais Monteiro (Pessoa: 2006):

(i) [...] *pus em Álvaro de Campos toda a emoção que não dou nem a mim nem à vida.* (pp. 205)

(ii) *Se eu fosse mulher – na mulher os fenómenos histéricos rompem em ataques e coisas parecidas – cada poema de Álvaro de Campos (o mais histericamente histérico de mim) seria um alarme para a vizinhança. Mas sou homem – e nos homens a histeria assume principalmente aspectos mentais; assim tudo acaba em silêncio e poesia.* (pp. 206)

(iii) [...] *E, de repente, e em derivação oposta à de Ricardo Reis, surgiu-me impetuosamente um novo individuo. Num jacto, e à máquina de escrever, sem interrupção nem emenda, surgiu a Ode Triunfal de Álvaro de Campos – a Ode com esse nome e o homem com o nome que tem.* (pp. 208)

(iv) [...] *Criei, então, uma coterie inexistente. Fixei aquilo tudo em moldes de realidade. Graduei as influências, conheci as amizades, ouvi, dentro de mim, as discussões e as divergências de critérios, e em tudo isto me parece que fui eu, criador de tudo, o menos que ali houve. Parece que tudo se passou independentemente de mim, e parece que assim ainda se passa. Se algum dia eu puder publicar a discussão estética entre Ricardo Reis e Álvaro de Campos, verá como eles são diferentes, e como eu não sou nada na matéria.* (pp. 208)

(v) *Quando foi da publicação de Orpheu, foi preciso, à última hora, arranjar qualquer coisa para completar o número de páginas. Sugeriu então ao Sá-Carneiro que eu fizesse um poema «antigo» do Álvaro de Campos – um poema de como o Álvaro de Campos seria antes de ter conhecido Caeiro e ter caído sob a sua influência. E assim fiz o Opiário, em que tentei dar todas as tendências latentes do Álvaro de Campos, conforme haviam de ser depois reveladas, mas sem haver ainda qualquer traço de contacto com o seu mestre Caeiro. Foi, dos poemas que tenho escrito, o que me deu mais que fazer, pelo duplo poder de despersonalização que tive de desenvolver. Mas, enfim, creio que não saiu mau, e que dá o Álvaro em botão...* (pp. 208-209)

(vi) [...] *Mais uns apontamentos nesta matéria... Eu vejo diante de mim, no espaço incolor mas real do sonho, as caras, os gestos de Caeiro, Ricardo Reis e Álvaro de Campos. Construí-lhes as idades e as vidas. [...] Álvaro de Campos nasceu em Tavira, no dia 15 de Outubro de 1890 (às 1.30 da tarde, diz-me o Ferreira Gomes; e é verdade, pois, feito o horóscopo para essa hora, está certo). Este, como sabe, é engenheiro naval (por Glasgow), mas agora está aqui em Lisboa em inactividade.* (pp. 209)

(vii) *Álvaro de Campos é alto (1,75 m de altura, mais dois cm do que eu), magro e um pouco tendente a curvar-se. Cara rapada todos – o Caeiro louro sem cor, olhos azuis; Reis de vago moreno mate; Campos, entre o branco e moreno, tipo vagamente de judeu português, cabelo, porém, liso e normalmente apartado ao lado, monóculo.* [...] (pp. 209)

(viii) *Álvaro de Campos teve uma educação vulgar de liceu; depois foi mandado para a Escócia estudar engenharia, primeiro mecânica e depois naval. Numas férias fez a viagem a Oriente de onde resultou o Opiário. Ensinou-lhe latim um tio beirão que era padre.* (pp. 209-210)

(ix) *Como escrevo em nome destes três? Caeiro, por pira e inesperada inspiração, sem saber ou sequer calcular que iria escrever. Ricardo Reis, depois de uma deliberação abstracta, que subitamente se concretiza numa ode. Campos, quando sinto um súbito impulso para escrever e não sei o quê.* (pp. 210)

(x) *A prosa, salvo o que o raciocínio dá de ténue à minha, é igual a esta, e o português perfeitamente igual; ao passo que Caeiro escrevia mal o português, Campos razoavelmente mas com lapsos como dizer «eu próprio» em vez de «eu mesmo».* (pp. 210)

Quis, desta forma, despertar nos alunos o interesse por umas das “criações” de Fernando Pessoa e ajudá-los na sua construção do autor de “Opiário”, a partir da descrição que o próprio Fernando Pessoa deixou.

A leitura dos excertos foi feita a partir dos livros cuja bibliografia acima mencionei e que levei para a aula, pois considero que enriquece qualquer aula o contacto com outros livros que não o manual escolar. A utilização destes livros permitiu, também, familiarizar os alunos com autores de referência da nossa literatura e especialistas em Fernando Pessoa.

Lidas algumas passagens da carta, recorri, novamente, a um comentário de Jacinto do Prado Coelho, para consolidar a questão da transição evolutiva que este heterónimo percorre e dialoguei com os alunos sobre o mesmo:

Dos vários heterónimos é o único que percorre sensivelmente uma curva evolutiva. Tem três fases: a do Opiário, poema com a data fictícia de III-1914; a do

futurismo whitmaniano, exuberantemente documentado na Ode Triunfal (VI-1914), em Dois excertos de odes (30-VI-1914), Ode Marítima (publicada do n.º 2 do Orpheu, 1915), Saudação a Walt Whitman (11-VI-1915) e Passagem das Horas (22-V-1916), para só episódicamente assomar a poemas posteriores; enfim, uma terceira fase a que chamarei pessoal por estar liberta de influências nítidas, desde Casa branca nau preta (11-X-1916) até 1935, ano da morte de Pessoa.

Campos é o primeiro a reconhecer uma evolução: «Fui em tempos poeta decadente; hoje creio que estou decadente, e já o não sou». E, na poesia à memória de Caeiro, declara que o mestre, acordando-o para a «sensação» e a «nova alma», lhe tirou a capacidade de ser apenas um decadente «estupidamente pretensioso / Que poderia ao menos vir a agradecer...» (pág.31) (Coelho: 1963, 56-57).

Depois disto, embora a primeira fase, *fase Decadentista*, não conste do Programa da disciplina, considere importante mostrar aos alunos, de forma breve, alguns dos primeiros versos do poema “Opiário”. Fi-lo de modo a sensibilizá-los para os traços gerais que caracterizam esta fase e para que conseguissem estabelecer algumas comparações com as outras duas fases evolutivas de Álvaro de Campos.

Posteriormente, iniciámos o estudo da segunda fase do poeta: *fase Futurista/Sensacionista*. Pedi, então, aos alunos que fizessem uma leitura silenciosa, a partir do manual, da primeira parte do poema “Ode Triunfal” que tinha delimitado no plano de aula. De seguida, procedeu-se à leitura em voz alta e à análise interactiva do excerto lido, a partir, mais uma vez, do manual dos alunos. A primeira aula terminou desta forma, tendo conseguido respeitar o plano de aula que tinha previsto, embora mesmo quase na hora de saída.

♦ 2.º bloco de noventa minutos

♦ Objectivos:

- Caracterizar a segunda fase de Álvaro de Campos: *fase Futurista/Sensacionista*;
- Fruir o poema “Ode Triunfal”;
- Analisar, temática e estilisticamente, a parte do poema “Ode Triunfal” lida na aula;
- Reconhecer a influência do futurista Walt Whitman e do sensacionista Marinetti, na segunda fase de Álvaro de Campos;
- Consolidar as características que definem a segunda fase evolutiva de Álvaro de Campos, reconhecendo-as no poema;

- Fruir o poema “Todas as cartas de amor são ridículas” ;
- Analisar, temática e estilisticamente, o poema “Todas as cartas de amor são ridículas”;
- Consolidar as características que definem a terceira fase evolutiva de Álvaro de Campos, reconhecendo-as no poema;
- Caracterizar a terceira fase evolutiva de Álvaro de Campos: *fase Intimista/Abúlica*.

♦ **Conteúdos:**

- A segunda fase evolutiva de Álvaro de Campos: *fase Futurista/Sensacionista*.
- Leitura: poema “Ode Triunfal” (estratégias de leitura: leitura global, leitura selectiva e leitura analítica e crítica);
- A terceira fase evolutiva de Álvaro de Campos: *fase Intimista/Abúlica*;
- Leitura: poema “Todas as cartas de amor são ridículas”, de Álvaro de Campos (estratégias de leitura: leitura global, leitura selectiva e leitura analítica e crítica);
- Compreensão oral: Visualização de um vídeo com o poema “Todas as cartas de amor; são ridículas”, recitado por Maria Bethânia, com imagens relacionadas com Fernando Pessoa (actividades de pré-escuta/visionamento, escuta/visionamento e pós-escuta/visionamento).



Na aula seguinte, continuámos o estudo do poema iniciado na aula anterior – “Ode Triunfal” ([Anexo 3](#)). Desta vez, optei pela recitação da segunda parte do poema a partir do CD áudio que acompanha o manual escolar. O ar entusiasta dos alunos foi o primeiro sinal do interesse que a audição do poema suscitou. A “Ode Triunfal” é, de facto, um poema que possibilita uma recitação bastante expressiva e cativante, pelas suas “características sensacionistas”, ligadas à civilização moderna, à industrialização do mundo contemporâneo, à exaltação da máquina, tão notórias na expressividade da linguagem, tanto a nível fónico como morfosintáctico e semântico. Os alunos ouviram, assim, a recitação da segunda parte, seguida da leitura do poema pelo

manual, sem acompanhamento áudio. Depois da leitura silenciosa, passei pela segunda vez à versão áudio.

A análise do poema foi feita oralmente, a um ritmo que permitia aos alunos tirarem os seus apontamentos, desta vez com o suporte de um *powerpoint* didáctico, com texto e imagens. Desta forma, terminei o estudo da segunda fase de Álvaro de Campos – *fase Futurista/Sensacionista*.

Uma vez que a unidade didáctica só pôde corresponder a um conjunto de seis aulas, devido ao calendário da disciplina, tive de fazer escolhas a nível de conteúdos e estruturar as aulas da melhor forma que consegui. Assim, considerei que o excerto do poema “Ode Triunfal” que escolhi, com a ajuda da professora cooperante, era suficientemente elucidativo das características que definem a segunda fase evolutiva do “discípulo de Caeiro”. Este poema engloba bem os traços caracterizadores da poética de Álvaro de Campos futurista/sensacionista, do poeta da vertigem, das sensações modernas, da volúpia, da imaginação e da energia explosiva. Do poeta defensor de uma estética não-aristotélica, baseada não já na ideia de beleza, mas sim na ideia de força. Do cantor delirante da energia, do progresso e da civilização industrial, influenciado por Walt Whitman e por Marinetti. Todos estes aspectos estavam referidos no *powerpoint*.

Na segunda parte da aula, como introdução à terceira fase de Campos – *fase Intimista/Abúlica*, projectei um vídeo com o poema “Todas as cartas de amor são ridículas”, recitado por Maria Bethânia. A declamação do poema por Maria Bethânia era acompanhada por imagens de Fernando Pessoa e de aspectos relacionados com a sua obra. O vídeo foi retirado do *Youtube*. Os alunos deixaram-se envolver e afirmaram gostar do poema, principalmente os mais românticos, que se anteciparam a comentá-lo.

A análise deste poema também foi acompanhada por um *powerpoint* didáctico, tendo sido nele exploradas as características tanto temáticas/estéticas como formais/estilísticas do poema, que correspondem à *fase Intimista/Abúlica*. Neste poema pretendia-se que os alunos identificassem os aspectos relevantes para a interpretação do mesmo, relacionados tanto com a estrutura interna como com a externa, a questão da intelectualização das emoções e a distanciação irónica a exprimir

a nostalgia e a amargura relativamente ao passado que se perdeu e a que o poema fazia referência.

Esta aula decorreu com normalidade, terminou dentro do tempo previsto e o plano de aula foi cumprido.

♦ 3.º bloco de noventa minutos

♦ Objectivos:

- Fruir o poema “Apontamento”, a partir da visualização e audição do videoclip de Margarida Pinto;
- Analisar tematicamente o poema “Apontamento”;
- Reconhecer outro tipo de dimensão da poesia, no trabalho da cantora Margarida Pinto;
- Consolidar as características que definem a terceira fase evolutiva de Álvaro de Campos, reconhecendo-as no poema;
- Partilhar opiniões e interpretações com os colegas, sobre o poema “Apontamento”, ouvido e lido.

♦ Conteúdos:

- Compreensão oral: Visualização de um videoclip de Margarida Pinto, cuja letra da música é o poema “Apontamento”, de Álvaro de Campos (actividades de pré-escuta/visionamento, escuta/visionamento e pós-escuta/visionamento);
- Leitura: poema “Apontamento” (estratégias de leitura: leitura global, leitura selectiva e leitura analítica e crítica);
- Características da terceira fase evolutiva de Álvaro de Campos, *fase Intimista/Abúlica*.



Na terceira aula da unidade didáctica comecei por projectar um vídeo que retirei do *Youtube* e que consistia no *videoclip* da música “Apontamento”⁸, de

⁸ Consultado em <http://www.youtube.com/watch?v=1haO2zpFYrw>.

Margarida Pinto ([Anexo 4](#)). A música é totalmente cantada em português e tem como letra este poema de Álvaro de Campos. A nível de metodologia, comecei pela reprodução do *videoclip* sem qualquer introdução prévia, com o intuito de perceber qual o primeiro impacto do mesmo nos alunos. Posteriormente, pedi aos alunos que expusessem, oralmente, o que tinham achado da letra da música e do vídeo. Em geral, os alunos afirmaram ter gostado e mostraram-se surpreendidos quando lhes expliquei que a letra da música que tinham acabado de ouvir correspondia a um poema da autoria de Álvaro de Campos.

A escolha deste poema permitiu-me confrontar os alunos com uma das múltiplas facetas da poesia. Sendo a poesia e a música duas artes de comunicação que se podem intimamente associar, tentei sensibilizar os alunos para a actualidade que se pode atribuir ao poema “Apontamento” de Álvaro de Campos. É interessante perceber que uma cantora contemporânea utilizou um dos poemas de um autor do século anterior para o seu primeiro trabalho a solo.

Os alunos identificaram a cantora Margarida Pinto como uma das vocalistas do grupo musical *Coldfinger*, grupo bastante conhecido e apreciado pelos adolescentes actualmente, embora apenas uma aluna conhecesse esta música.

Expliquei à turma que Fernando Pessoa é revisitado pela cantora através do heterónimo Álvaro de Campos, a partir do tema que apresentei na aula “Apontamento” (nome, também, do título do seu primeiro trabalho a solo) e de “Na véspera de Não Chegar a Partir Nunca”. Margarida Pinto tem também outra canção baseada no poema “Não digas nada”, de Fernando Pessoa.

Para ajudar os alunos a fruírem o poema e na sua análise do mesmo, pedi à turma que se organizasse em grupos de quatro e partilhassem e discutissem, em conjunto, o que tinham sentido em relação ao poema. Como refere Maria Raquel Delgado-Martins, “*em grupo, a construção de sentidos pode alargar-se pela expressão e negociação de interpretações que respeitem as características próprias de cada obra e que valorizem aspectos contextuais*”. Pedi-lhes que comentassem a relação existente entre o poema de Álvaro de Campos e o trabalho de Margarida Pinto. Foi-lhes solicitado, ainda, que respondessem a algumas questões lançadas em relação à mensagem do poema, tais como: a explicação da comparação que é feita logo no início

do poema, as sensações que são representadas ao longo do poema, os sentimentos do “eu”, expressos e sugeridos por essas mesmas sensações e, por fim, que justificassem o papel atribuído à *criada*.

Depois de os alunos terem terminado as tarefas que lhes tinham sido pedidas, discutimos, em conjunto, as conclusões a que cada grupo tinha chegado.

Mais uma vez, o tempo e o plano de aula foram respeitados. No entanto, nesta aula, os alunos tiveram de sair trinta minutos mais cedo, devido aos preparativos do aniversário da ESMC.

♦ 4.º bloco de noventa minutos

♦ Objectivos:

- Visualizar e comentar um documentário sobre Fernando Pessoa (actividades pré-escuta/visionamento, -escuta/visionamento, -pós-escuta/visionamento);
- Rever e consolidar a matéria referente a Álvaro de Campos;

♦ Conteúdos:

- Vida e obra de Fernando Pessoa.



Na primeira parte da quarta aula, os alunos começaram por assistir a um vídeo de um dos programas televisivos que passou há algum tempo na RTP1 - “Os Grandes Portugueses”, sobre a vida e obra de Fernando Pessoa⁹ (Anexo 5). Reproduzi este vídeo por englobar vários níveis de multimédia e combinar informação, biografia, documentário e entretenimento e, por isso, poder agradar aos alunos.

Posteriormente, conversei com os alunos sobre aquilo que o vídeo retrata, fomentando o diálogo sobre o que haviam estudado até ali sobre Fernando Pessoa e sobre os seus heterónimos.

⁹ Consultado em <http://www.youtube.com/watch?v=1haO2zpFYrw>.

De seguida, fiz com os alunos uma revisão do conteúdo programático da unidade didáctica em questão, a partir da esquematização da matéria, projectada num *powerpoint*. Distribuí, ainda, as folhas com um esquema-síntese sobre os traços caracterizadores da poética de Fernando Pessoa e dos seus heterónimos, Alberto Caeiro, Ricardo Reis e Álvaro de Campos.

A aula terminou com a exposição e explicação aos alunos sobre as conclusões a que eu tinha chegado em relação às respostas que eles deram no inquérito de diagnóstico, a que tinham respondido na primeira aula. Li e comentei as que achei mais interessantes.

Nesta aula os alunos tiveram, também, de sair mais cedo, devido ao teste da disciplina de Matemática que iam ter a seguir.

♦ 5.º bloco de noventa minutos e 6.º bloco de quarenta e cinco minutos

♦ Objectivos:

- Declamar expressivamente um poema de Álvaro de Campos;
- Exercitar a expressão oral;
- Adequar o discurso à finalidade e à situação de comunicação;
- Apresentar oralmente a pesquisa realizada sobre um tema relacionado com Álvaro de Campos;
- Avaliar o trabalho dos colegas;
- Auto-avaliar o desempenho ao longo da unidade didáctica.

♦ Conteúdos:

- Aspectos biográficos de Álvaro de Campos e principais características da sua obra (características temáticas/estéticas e características formais/estilísticas);
- Locais da cidade de Lisboa relacionados com Fernando Pessoa;
- O conceito de Modernismo, os três principais artistas impulsionadores do Modernismo português, os principais órgãos de difusão do Modernismo e os objectivos da revista Orpheu.

- As três fases evolutivas de Álvaro de Campos (data aproximada e características temáticas/estéticas e características formais/estilísticas dos poemas;



A quinta e última aula corresponderam às apresentações orais dos trabalhos de grupo ([Anexo 6](#)).

Na sexta aula transmiti aos alunos a minha avaliação das apresentações orais e do trabalho desenvolvido ao longo das seis aulas que compuseram a unidade didáctica, tanto da minha parte como da deles. A auto-avaliação por parte dos alunos também foi propiciada, oralmente, bem como uma troca de impressões sobre o meu desempenho e as minhas escolhas em relação à sequência de aprendizagem, por parte deles.

Com efeito, a sequência das aulas foi propositada. Comecei com uma aula mais tradicional, seguida de outras complementadas com o recurso às TIC, quando considerei pertinente a sua utilização, pretendendo, deste modo, comparar os resultados dos diferentes processos de aprendizagem. Fundamentalmente, quis perceber qual o impacto que as diferentes formas de estudar os poemas tiveram na turma, de forma a confirmar a utilização das TIC enquanto meios facilitadores da aprendizagem. Como refere Vítor Manuel Aguiar e Silva e tal como foi tido em conta na unidade didáctica, *“ao longo do ensino básico e secundário, a disciplina de Português, tendo o texto literário como área nuclear, na perspectiva atrás delineada, deve desempenhar um papel central na educação das crianças, dos jovens e dos adolescentes, com o adequado aproveitamento das possíveis articulações dos textos literários com textospictóricos, com textos musicais e com textos fílmicos, por exemplo”* (AGUIAR e SILVA, 1998-1999: 26).

Assim, na última aula dialoguei, então, com a turma sobre a leitura/audição dos poemas estudados, de maneira a perceber quais as diferenças que sentiram, se tinham gostado e se consideravam que a audição dos poemas nestes moldes influenciava positivamente e de alguma maneira a sua capacidade de sentir e perceber poesia.

3.4. AVALIAÇÃO

Mudar os pontos de vista sobre a avaliação implica mudar radicalmente muitas das percepções que temos sobre como ensinar para conseguir que os estudantes aprendam. Pensar na avaliação como eixo central do dispositivo pedagógico de um currículo é um ponto de vista nada habitual, mas é como acentuar um dos elementos curriculares que mais pode favorecer uma mudança na prática educativa dos professores e no êxito das aprendizagens.

Jaume Jorba & Neus Sanmartí, *A função pedagógica da avaliação*

Como já foi referido, o plano de estudos do Mestrado em Ensino prevê que os mestrandos desenvolvam, numa escola, uma componente prática na qual realizem a planificação, execução e avaliação de uma unidade didáctica, em consonância com o trabalho desenvolvido na faculdade. Com efeito, neste subcapítulo definir-se-á “avaliação” e relacionar-se-á este conceito com a unidade curricular leccionada.

Tratando-se de uma componente essencial do processo ensino-aprendizagem, a avaliação constitui-se como um elemento fundamental do currículo e apresenta-se como um factor decisivo na sua gestão e reforma. De acordo com Maria Raquel Delgado-Martins, entende-se por avaliação o *conjunto de actos praticados por instrutor e instruendos que permitam verificar o grau de proficiência dos instruendos nas aptidões especificadas nos objectivos educacionais. Idealmente a avaliação deve ser feita imediatamente antes e no termo da execução do módulo* (2006: 35).

O processo avaliativo permite, assim, ao professor diagnosticar, verificar, prever, reformular e reorientá-lo, de forma a melhorar o seu trabalho e a fomentar o sucesso escolar. No entanto, para que isto realmente aconteça, de forma equilibrada e produtiva, é necessário que a avaliação seja *“sistemática e cuidadosa para ser objectiva e rigorosa”*. Enquanto *“parte integrante de um percurso pedagógico”*, pressupõe *“uma atitude formativa criteriosa que acompanhe e contribua para o desenvolvimento das competências do aluno ao longo do ano escolar e/ou do ciclo de estudos”* (PLP, 2002:29).

É de referir, ainda, que a avaliação das aprendizagens apresenta basicamente dois tipos de funções: *“uma de carácter social, de selecção e classificação, mas*

também de orientação dos alunos” e outra de “carácter pedagógico, de ajuste do processo de ensino aprendizagem, de reconhecimento das mudanças que devem, progressivamente, ser introduzidas nesse processo para que todos os alunos aprendam de forma significativa” (JORBA & SANMARTÍ, 1993: 26).

Posto isto, a planificação, a execução e a avaliação da unidade didáctica leccionada foram idealizadas e postas em prática em equilíbrio com o planeamento da professora cooperante, definido no princípio do ano lectivo, e com o próprio ritmo da turma. Significa isto que as três fases, planificação, execução e, nomeadamente, a fase de avaliação, tiveram de ser pensadas e estruturadas de acordo com algumas circunstâncias, independentes do meu planeamento.

Por um lado, a unidade didáctica foi leccionada numa turma de 12.º ano, ano de escolaridade decisivo devido ao facto de corresponder ao fim de um ciclo, em que os exames nacionais assumem, sem dúvida, um peso significativo. A turma era uma turma do Curso de Ciências e Tecnologias e a maioria dos alunos pretendia concorrer ao ensino superior, nomeadamente a cursos que exigem médias muito altas, pelo que o sucesso nos exames era uma obrigatoriedade e uma meta a atingir. Como refere Maria Raquel Delgado-Martins, *“os alunos e os professores de qualquer nível de ensino não podem ficar indiferentes a estes exames nacionais, até porque terão de os realizar no fim de cada ciclo escolar e porque deles dependerá o seu futuro pessoal e profissional”* (2006: 63). Neste sentido, para além do facto de a avaliação ter sido estruturada e adequada à turma, o meu trabalho experimental teve de ser o mais rigoroso e claro possível, para que a matéria ficasse bem consolidada e para não desequilibrar o trabalho e o ritmo desenvolvido pela professora cooperante. Claro que qualquer matéria, em qualquer turma, deve ficar bem consolidada, no entanto, devo confessar que este aspecto teve um peso considerável no meu trabalho.

Por outro lado, a minha intervenção teve de ser realizada no fim do mês de Novembro e princípio do mês de Dezembro, o que coincidiu com o final do primeiro período e, como tal, com o momento de realização do elemento de avaliação sumativa quantitativa, a realizar pela professora cooperante.

Deste modo, considerando o que foi acima mencionado, na fase inicial da planificação da unidade didáctica, ficaram decididos três aspectos: (i) seria a professora

cooperante a realizar uma prova escrita como elemento da avaliação sumativa dos alunos do primeiro período; (ii) os conteúdos a avaliar nessa mesma prova seriam os que a professora leccionou: Fernando Pessoa ortónimo e os heterónimos Alberto Caeiro e Ricardo Reis; e (iii) eu avaliaria os alunos em relação ao conteúdo da minha unidade didáctica (Álvaro de Campos), a partir de uma avaliação sumativa qualitativa.

Como tal, tendo em conta as condicionantes mencionadas e o tipo de trabalho realizado ao longo da unidade didáctica, desenvolvi, para além da observação directa e contínua dos alunos, inerente a qualquer unidade curricular, outras três modalidades de avaliação: a avaliação de diagnóstico, a avaliação sumativa qualitativa e a auto-avaliação e co-avaliação.

De facto, como refere Maria Raquel Delgado-Martins, *“cada disciplina deve escolher, de entre as possíveis formas de avaliação, as que melhor se adaptam à área. No entanto, podem-se fazer ao longo da formação e para cada unidade avaliações diferenciadas para que os alunos treinem as capacidades necessárias para atingir o objectivo de uma prática de investigação. A avaliação dessa formação só poderia ser feita por uma prova que colocasse aos alunos uma questão que exigisse um procedimento investigativo”* (2006: 67).

Neste sentido, a avaliação de diagnóstico consistiu num inquérito de diagnóstico que construí para os alunos para a primeira aula da unidade didáctica (Anexo 7). Este inquérito nasce da consciência de que a avaliação inicial é ou deverá ser uma avaliação diagnóstica, que deve utilizar os instrumentos adequados ao nível da turma, com o objectivo principal de identificar o modo como os alunos estão preparados ou aptos a desempenhar as tarefas que o professor previu e planeou. O professor poderá, através dessa análise diagnóstica, encontrar os instrumentos e/ou metodologias mais adequadas ao cumprimento dos objectivos definidos para a turma e para a unidade didáctica em causa.

Assim, tendo em conta o conceito e o objectivo de uma avaliação inicial, adaptei o inquérito de diagnóstico à unidade didáctica e ao meu objectivo relativamente às informações que desejava obter. Nesta unidade didáctica, este instrumento funcionou como um diagnóstico para eu aferir qual a relação que os

alunos tinham com a poesia em geral e os seus conhecimentos sobre Fernando Pessoa, ortónimo e heterónimos, que já haviam estudado (Alberto Caeiro e Ricardo Reis).

Com efeito, por um lado, como indica o Programa de Língua Portuguesa, “o ensino deve incrementar e diversificar as experiências comunicativas do aluno” (2002: 31); por outro lado, visto o meu trabalho estar relacionado com as TIC, decidi incorporá-las nas tarefas a serem pedidas aos alunos. Assim, em relação à minha avaliação sumativa, esta consistiu num trabalho de grupo, a ser apresentado oralmente, sobre Álvaro de Campos e a sua obra. Foram, então, pedidas aos grupos de trabalho formados duas tarefas:

a) em primeiro lugar, foi-lhes pedido que seleccionassem um poema de Álvaro de Campos e que o declamassem no momento da apresentação oral e indicassem a fase evolutiva do autor em que se inseria o poema. Em relação a esta tarefa era necessário, também, que justificassem a fase em que o inseriam e a escolha do poema, escolha com a qual todo o grupo teria de concordar.

Em relação a esta sessão de “poesia dita”, foi pedido aos alunos que ensaiassem a leitura do poema que escolhessem, não esquecendo: (i) a audição atenta de poemas ditos por profissionais, por exemplo, na internet ou em cd’s de manuais que eu poria à sua disposição; (ii) a boa articulação e colocação da voz, uma vez que, num poema, todos os sons são importantes e todos têm de ser ouvidos; (iii) o ritmo adequado, porque quem ouve não entende uma leitura demasiado acelerada; (iv) a entoação, evitando a monotonia; e (v) a expressividade, ao serviço do sentido do poema. A professora cooperante tinha uma base de dados com os *e-mails* dos alunos, pelo que optei por lhes enviar por este meio estas indicações, devido ao facto de estar relacionado com as TIC e de ser também uma forma diferente de contactar com eles e de lhes lembrar que havia trabalho para ser feito. Além disso, todos os alunos tinham internet em sua casa, como pude verificar nos dados que a directora de turma me facultou (apresentados neste relatório no subcapítulo 3.2., destinado à caracterização da turma).

b) em segundo lugar, foi pedido a cada grupo que investigasse na internet informações sobre a vida e a obra do autor. A partir da sua pesquisa, teriam de construir um *powerpoint* que utilizariam como suporte nas apresentações orais dos

trabalhos. Foi, ainda, indicado aos alunos que poderiam, evidentemente, utilizar outras fontes de pesquisa complementares. A turma, composta por vinte e três alunos, foi dividida em cinco grupos de quatro alunos e um grupo de três alunos. Em relação à composição dos grupos, deixei que fosse feita pelos alunos, de forma a que os alunos se organizassem entre eles e criassem grupos de trabalho, possivelmente, já existentes. Aos grupos de quatro alunos correspondia uma apresentação de vinte minutos (cinco minutos para cada um) e ao grupo composto por três alunos quinze minutos de apresentação (cinco minutos para cada um).

A investigação pedida não foi, porém, aleatória. Foram atribuídas aos grupos pesquisas específicas, isto é, cada grupo pesquisou sobre determinados temas, escolhidos por mim. Na escolha dos temas, tentei ser criativa, pois, conhecendo a realidade da turma e da pressão escolar a que os alunos estavam sujeitos nesta altura do ano, desejei proporcionar-lhes uma tarefa, ao mesmo tempo que útil e sistematizadora do que havíamos trabalhado, também dinâmica e original. Talvez assim os alunos se sentissem mais motivados e fruissem esta tarefa de modo diferente, cumprindo, desse modo, outro dos principais objectivos desta unidade didáctica: a fruição da leitura de poesia de Álvaro de Campos. Assim, o 1.º, 3.º e 6.º temas surgiram tendo em conta que a ESMC comemorava naquela altura (25 de Novembro) o seu aniversário e que todas as turmas se encontravam a desenvolver actividades para apresentar no jantar comemorativo. Os temas número 2, 4 e 5 contêm actividades que poderiam perfeitamente ser plausíveis para alunos pré-universitários do 12.º ano de escolaridade.

Posto isto, os temas foram os seguintes:

- ▶ **Grupo 1:** Imaginem-se num café concerto intitulado “Fernando Pessoa e o seu “eu” múltiplo”, realizado na ESMC e organizado pelas turmas do 12.º ano. Elaborem uma apresentação dos aspectos biográficos do seu heterónimo Álvaro de Campos e das principais características da sua obra (características temáticas/estéticas e características formais/estilísticas), para apresentar no café concerto.

- ▶ **Grupo 2:** Imaginem que tinham de mostrar e apresentar alguns “lugares literários”, em Lisboa, relacionados com Fernando Pessoa, um dos maiores poetas da Literatura Portuguesa do século XX, a um pequeno grupo de alunos do vosso ano de escolaridade, vindos de uma escola do interior. Indiquem os locais que elegiam e expliquem qual a sua relação com o poeta.

- ▶ **Grupo 3:** Suponham que tinham de fazer uma apresentação no aniversário da ESMC, para o grupo de professores de Português da escola, com o título “Modernismo: literatura e artes plásticas”. Neste desafio têm de ter em conta os seguintes aspectos: (i) o conceito de Modernismo; (ii) os nomes dos três principais artistas que impulsionaram o Modernismo português; (iii) os principais órgãos de difusão do Modernismo; e (iv) os objectivos da revista Orpheu.

- ▶ **Grupo 4:** Imaginem que têm de fazer uma apresentação da 1ª fase evolutiva de Álvaro de Campos na Casa-Museu Fernando Pessoa, no dia 21 de Março – Dia da Poesia, a um grupo de estudantes do 12.º ano de escolaridade. Têm de ter em conta os seguintes aspectos: a data aproximada desta fase, as características temáticas/estéticas e as características formais/estilísticas dos poemas, bem como a indicação de alguns poemas do autor, desta fase.

- ▶ **Grupo 5:** Suponham que eram um grupo de caloiros da Faculdade de Letras e que os estudantes veteranos vos pediam, numa praxe, para fazer uma apresentação da 2ª fase evolutiva de Álvaro de Campos. Têm de ter em conta os seguintes aspectos: a data aproximada desta fase, as características temáticas/estéticas e as características formais/estilísticas dos poemas, bem como a indicação de alguns poemas do autor, desta fase.

- ▶ **Grupo 6:** Imaginem-se num café concerto intitulado “Fernando Pessoa e o seu “eu” múltiplo”, realizado na ESMC e organizado pelas turmas do 12.º ano. Elaborem uma apresentação sobre a 3ª fase evolutiva de Álvaro de Campos, tendo em conta os seguintes aspectos: a data aproximada desta fase, as características

temáticas/estéticas e as características formais/estilísticas dos poemas, bem como a indicação de alguns poemas do autor, desta fase.

Para as apresentações orais foram, ainda, indicadas aos alunos as páginas 68 e 69 do manual escolar (*Interacções*, da Texto Editores), cujo conteúdo se relaciona com as etapas que se deve ter em conta na preparação de uma exposição oral, de forma detalhada.

No momento das apresentações orais foi, também, tida em conta a avaliação do trabalho pelos colegas (co-avaliação), isto é, foi distribuída a cada aluno uma grelha com o nome de todos os alunos, dispostos pelos respectivos grupos, de modo a que se avaliassem uns aos outros ([Anexo 12](#)). A partir de uma grelha a preencher com símbolos indicadores de critérios de qualidade, [+], [-], [+/-], os alunos avaliavam o trabalho dos colegas, através de parâmetros de desempenho por mim definidos. A minha avaliação (avaliação sumativa qualitativa) dos trabalhos de grupo foi feita nos mesmos moldes, isto é, a partir de uma grelha a ser preenchida com os mesmos símbolos, embora com critérios de desempenho diferentes ([Anexo 13](#)). Como o próprio Programa de Língua Portuguesa sugere, *“para observação da execução de uma tarefa, será útil recorrer a listas de verificação; para a avaliação do desempenho oral e escrito serão adequadas escalas de classificação (numéricas, de frequência e descritivas) onde constem os critérios de desempenho, tais como as competências linguísticas, discursiva e sociolinguística”*; e acrescenta, ainda, que este tipo de avaliação poderá ser feito com *“recurso a grelhas de observação que identifiquem os vários parâmetros a avaliar e os critérios de desempenho requeridos para cada um deles. [...] As listas de verificação e as escalas de classificação parecem ser os instrumentos adequados à auto- e co-avaliação em trabalhos individuais ou de grupo”* (2002: 30).

Relativamente à auto-avaliação, foi feita oralmente no final da unidade didáctica, numa conversa que tive com os alunos sobre a minha avaliação do trabalho desenvolvido ao longo das seis aulas, de um modo geral, e na qual também lhes pedi que partilhassem as suas opiniões em relação ao meu trabalho e ao trabalho que eles

próprios desempenharam e que referissem o que mais gostaram e o que gostavam que tivesse sido diferente.

Os tipos de avaliação realizados foram, assim, definidos a partir das leituras executadas para o efeito e daquilo que está previsto no Programa de Língua Portuguesa do Ensino Secundário, enquanto *“instrumento regulador do ensino-aprendizagem da língua portuguesa nas componentes Compreensão Oral, Expressão Oral, Expressão Escrita, Leitura e Funcionamento da Língua, instituídas como competências nucleares desta disciplina”* (2002: 3).

Deste modo, sendo a avaliação uma componente essencial do processo ensino-aprendizagem, as modalidades de avaliação concretizadas – a avaliação de diagnóstico, a avaliação sumativa qualitativa e a auto-avaliação e co-avaliação, bem como a avaliação formativa contínua – foram aquelas que me pareceram as mais adequadas à unidade didáctica planificada e à turma em que foram aplicadas.

3.4.1. MATERIAIS UTILIZADOS E ANÁLISE DOS DADOS RECOLHIDOS

“A aprendizagem deve fazer-se em função do aluno: tanto do ponto de vista das suas expectativas como da sua psicologia e do seu mundo. As actividades na sala de aula podem ser variadas, o que é necessário é que elas sejam adaptadas aos objectivos a atingir, que promovam e suscitem a autonomia.”


Olívia Figueiredo, *Didáctica do Português Língua Materna*


Ao longo das seis aulas que compuseram a unidade didáctica foram utilizados e distribuídos aos alunos diferentes materiais. Os materiais serão apresentados e justificados neste subcapítulo, pela ordem em que foram distribuídos e utilizados.


Como já foi referido anteriormente, os alunos foram avaliados diagnosticamente em relação à sua opinião sobre a poesia em geral e sobre a obra poética de Fernando Pessoa e dos seus heterónimos, a partir de um inquérito de diagnóstico. Assim, de seguida, são apresentadas as respostas dos alunos em relação às oito questões pelas quais o inquérito era composto e, posteriormente são avaliados os dados recolhidos. Apesar de a turma ser composta por vinte e três alunos, apenas vinte responderam ao inquérito, uma vez que três alunos faltaram à aula nesse dia.


Pergunta 1: **O que é para ti poesia?**

Respostas dos alunos¹⁰:

 “Para mim a poesia é uma forma de expressar os sentimentos, o nosso estado de espírito, a nossa maneira de ser... com ela ganhamos conhecimento, cultura e interesses nunca antes despertados.”

 “Para mim, a poesia é uma arte, em que os pensamentos e os sentimentos do poeta são transmitidos aos leitores, através de uma forma metafórica e imagénica.”

 “Para mim a poesia é o meu “eu” mais sentimental que se expressa através de sentimentos e emoções.”

 “Para mim, poesia são mais do que palavras. É um modo de comunicar com o “eu” pessoal, com as nossas próprias metamorfoses e emoções cruas.”

¹⁰ As respostas foram transcritas sem correcções, respeitando na íntegra o que os alunos escreveram.

✎ “A poesia é a arte universal que permite ao sujeito poético poder expressar-se e proporcionando ao leitor um momento de reflexão e simultaneamente despertar um determinado sentimento, diferente do sentimento causado no sentimento poético.”

✎ “Para mim a poesia é arte, arte no seu estado mais puro e belo. As emoções que transmite, a sua musicalidade, transcendem a realidade e são capazes de nos remeter ao nosso imaginário.”

✎ “A poesia é um jogo de palavras... Sinceramente não sei explicar muito bem o que é para mim a poesia, mas ela é capaz de me fazer despoletar alguns sentimentos e de me pôr a pensar e reflectir.”

✎ “Para mim, a poesia é um modo de expressar emoções essas que muitas vezes são escritas por palavras pois o poeta não os consegue transmitir senão assim. Além disso a poesia, ao contrário da prosa, tem um impacto maior no leitor na medida em que recorre muito à pontuação exclamativa, interrogativa, etc...”

✎ “A poesia é uma forma de expressarmos os nossos sentimentos.”

✎ “Poesia é a expressão dos sentimentos de quem a escreve e a abertura do mesmo ao Mundo.”

✎ “São um jogo de palavras descritas em forma de rima, que exemplifica o que o poeta está a sentir, a pensar ou a observar.”

✎ “Poesia é uma forma de nos expressarmos e mostrarmos as nossas emoções, opiniões e pareceres.”

✎ “Para mim a poesia é uma maneira de me expressar, tanto sentimentos, como a minha maneira de pensar acerca do quotidiano, entre outras coisas.”

✎ “Para mim, a poesia é algo belo que nos transmite e desperta sentimentos e emoções.”

✎ “A poesia é algo que se escreve, e que faz sentido, estando por vezes incógnito e de onde cada pessoa pode tirar as suas conclusões.”

✎ “A poesia para mim é um modo de expressão que se faz de uma forma muito sentida.”

✎ “Poesia é uma forma de expressar os nossos sentimentos de maneira sentida e profunda.”


✎ “A poesia é uma maneira de expressarmos a nossa opinião e os nossos sentimentos através da escrita.”


✎ “É um texto que rima.”


✎ “Para mim a poesia é viver um conjunto de emoções sem sair do lugar.”


Pergunta 2: Gostas de ler/ouvir poesia? Porquê?


Respostas dos alunos:


 “Gosto de ler e gosto de ouvir poesia, gosto mais de ouvir, porque alguns dão-me força e inspiram-me. Inspiram-me a fazer coisas que muitas vezes não tenho coragem, e também me acalmam a alma.”


 “Gosto de ler poesia mas nem sempre de a ouvir declamada. Adoro a melodia e a riqueza de palavras e das mensagens directas ou subteis que os poemas escondem.”


 “Gosto muito porque além de me lembrar momentos da minha infância (uma vez que a minha avó escrevia e publicava poemas), também desperta o meu lado sentimental, trazendo paz e calma”


 “Sim, porque é uma forma de nos expressarmos livremente, transmite emoções nunca antes sentidas, sendo por vezes até inexplicáveis.”


 “Para ser sincera, ler/ouvir poesia não faz parte dos meus hábitos e por isso, as únicas vezes que leio/ouço é nas aulas de português, mas de um modo geral gosto, porque é agradável e muitas vezes proporciona-nos uma reflexão sobre a sua mensagem.”


 “Sim, gosto principalmente de ler poesia. Aprecio este tipo de leitura pelas emoções que transmite e o facto de em muitas das vezes me identificar com certos poemas.”


 “Às vezes gosto de ler poesia, mas ouvi-la não tenho o hábito. Gosto de ler às vezes, dependendo do estado de espírito.”


 “Sim, porque é relaxante, embora algumas vezes não entenda o seu significado.”

 “Sim gosto de ler poesia porque é uma boa maneira de sentir emoções.”

 “Depende da poesia, claro. Existem autores que escrevem poesia cativadora, mas outros conseguem transformá-la em algo enfadonho. Porém, de modo geral, gosto de ouvir e ler poesia, pois muitas delas expressam o que realmente sinto.”

 “Gosto de ler poesia, mas mais por curiosidade.”

 “Sim gosto bastante de ler poesia, talvez por ser uma forma diferente de expressar emoções e ideias, um caminho para a liberdade.

 “Sim, porque a poesia parece algo harmonioso e porque muitas vezes me identifico com ela.”

- ✎ “Sim, porque faz-me pensar de uma forma muito mais serena e com o coração.”
- ✎ “Em certas alturas sim. Pois permite-nos reflectir sobre certos aspectos da vida.”
- ✎ “Mais ou menos, a poesia tem obras muito bonitas, mas não é algo que me cativa muito.”
- ✎ “Depende, não consigo entender, na maioria das vezes, o que os autores pretendem transmitir. Mas, ouvir poesia é relaxante, acalma-me e há poesias simples e muito bonitas e verdadeiras, que nos tocam.”
- ✎ “Depende, por vezes já li poemas, dos quais não entendo nada, não gosto da escrita e não me transmite coisa alguma.”
- ✎ “Não sou muito apreciadora de poesia, mas prefiro ler a ouvir, porque alguns autores são muito complexos quando escrevem.”
- ✎ “Não muito. Gosto mais de texto normais, acho poesia um bocado chato.”

Pergunta 3: *Recordas-te de como e quando contactaste pela primeira vez com poesia?*

Respostas dos alunos:

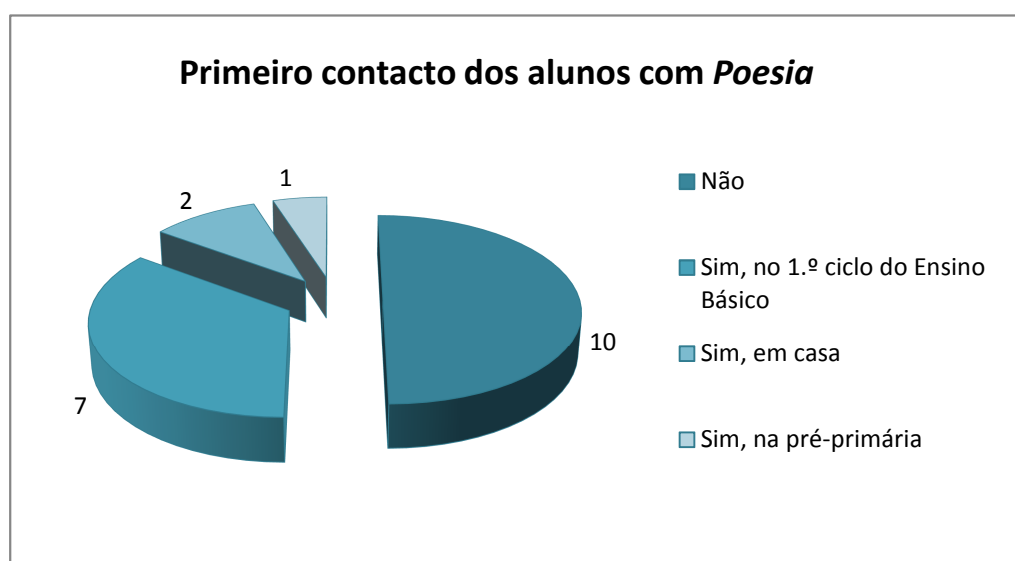


Gráfico 12. Primeiro contacto dos alunos com Poesia

Pergunta 4: Tens algum poeta preferido? Se sim, qual?

Respostas dos alunos:

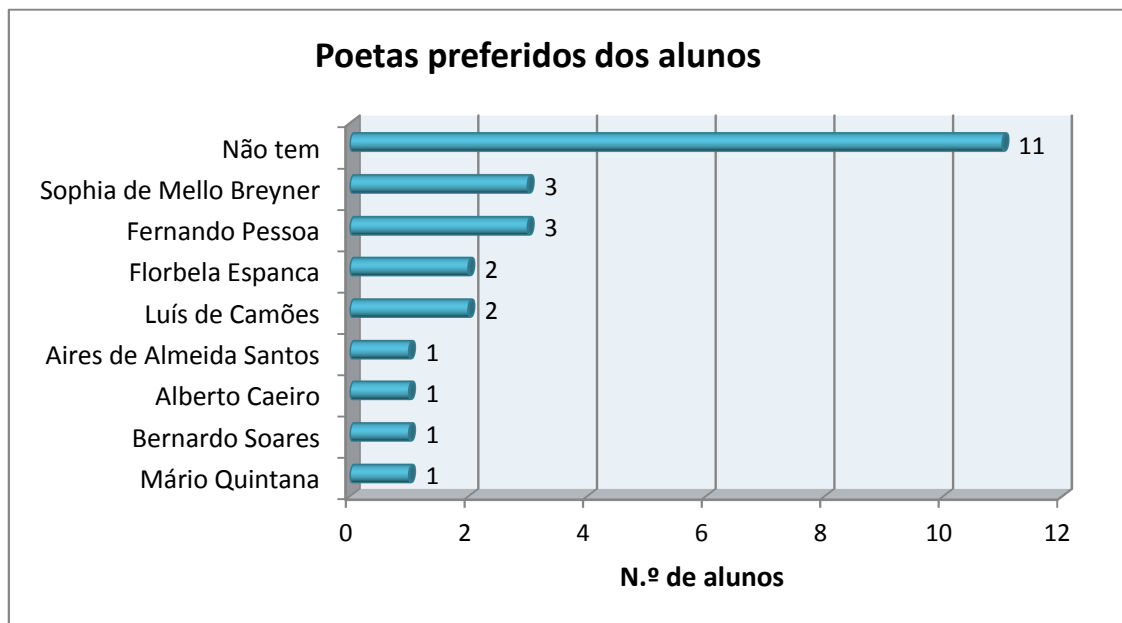


Gráfico 13. Poetas preferidos dos alunos

Pergunta 5: Lembras-te de algum poema que te tenha marcado? Se sim, qual e porquê?

Respostas dos alunos:

✎ “Sim, um sobre a amizade, porque ao ler aquele poema apliquei-o ao dia-a-dia, que me fez perceber e dar muito mais valor à amizade e aos meus amigos. Foi uma coisa que aprendi e que agora vive sempre comigo.”

✎ “Sim, existem vários poemas que me marcaram, nomeadamente um sobre a água que ouvi declamar nos Açores, um sobre o Natal escrito pelo meu avô e várias composições presentes nas músicas dos Within Temptation.”

✎ “Gostei muito de um poema de Fernando Pessoa que falava sobre a vida de um avô e de um neto e das infâncias de ambos. Gosto também da Autopsicografia de Fernando Pessoa.”

✎ “ “Glória numa flor”, pois é diferente, distante de tudo o que tinha lido antes.”

✎ “Lembro-me de ter analisado um poema de Fernando Pessoa no teste, no entanto não me recordo do nome, mas gostei bastante.”

✎ “Sim, é um poema de Fernando Pessoa ortónimo, cujo, não sei o nome, mas fala do envelhecimento e mostra-nos como a vida passa a correr. «Quando era novo a mim dizia,/ “Como passam os dias, dia a dia,/ sem nada conseguido ou intentado”./ Mais velho digo com igual enfado,/ “Como dia após dia os dias vão,/ Sem nada feito e nada na intenção.”/ Assim naturalmente envelhecido,/ Direi com igual voz e sentido,/ “Um dia virá, o dia em que já não direi nada,/ Quem nada foi nem é,/ não dirá nada.”»”

✎ “Sim, “Para a minha filha” de Aires de Almeida Santos, porque foi escrito para a minha avó e porque era algo que eu gostaria que os meus pais escrevessem para mim.”

✎ “Sim. Gosto muito de um do Fernando Pessoa, que não demos nas aulas, de muitos de Sophia de Mello Breyner e há ainda mais alguns que me marcaram mas que neste momento não me recordo.”

✎ “Gosto de Amor é fogo que arde sem se ver. É um dos poucos poemas que acho que tem mais significado.”

✎ “Talvez os Lusíadas, devido ao facto de ter estado meio ano a lê-lo em todas as aulas.”

✎ “Penso que cada um deles deve marcar as pessoas de uma ou de outra forma.”

✎ Nove alunos responderam que “não”.

Pergunta 6: Já tinhas tido contacto com a *poesia* de Fernando Pessoa?

Respostas dos alunos:

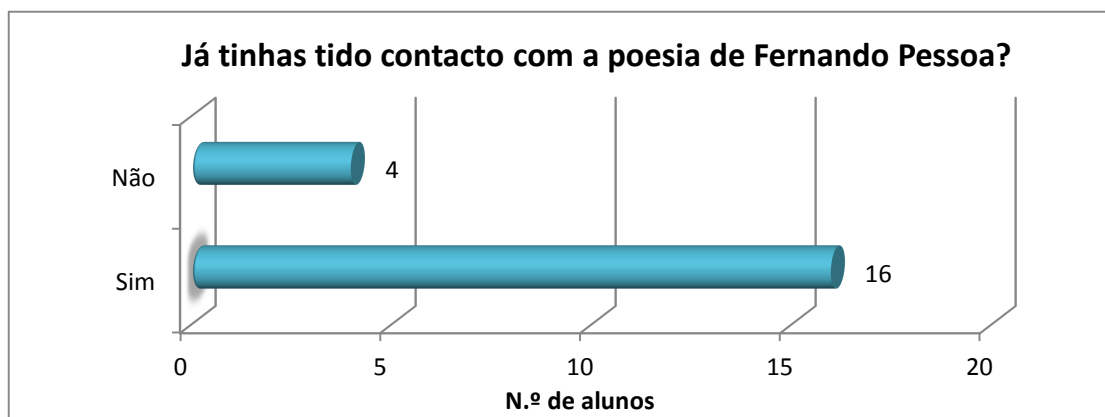



Gráfico 14. Já tinhas contactado com a poesia de Fernando Pessoa?


⇒ **Em que circunstâncias?**


Respostas dos alunos:


 Em contexto escolar, nas aulas e em clubes de poesia; na televisão; na rádio; na internet; em casa; através de familiares; no estrangeiro (Rússia); “em Lisboa, quando três jovens universitários me abordaram vestidos de Fernando Pessoa”.


Pergunta 7: O que encontraste na *poesia* de Fernando Pessoa (ortónimo), Alberto Caeiro e Ricardo Reis (heterónimos) que te levasse a optar pela sua leitura? Justifica.


Respostas dos alunos:


 “Na poesia de Fernando Pessoa sem dúvida que a sua insistência no pensar e no consciente da vida me cativa mais. Em Alberto Caeiro a sua simplicidade e sinceridade do que vê e sente fascina-me muito. Em Ricardo Reis não é um poeta que me cativa”.


 “O que mais gostei foi de Alberto Caeiro, porque vê as coisas simples da vida e não pensa demais.”


 “Fernando Pessoa ortónimo sempre me cativou e já lia à algum tempo, em Alberto Caeiro o facto de ele ser simples e de amar a Natureza e em Ricardo Reis, ele é muito calmo, acha que devemos deixar que a vida nos guie.”

 “É como ler poemas de pessoas completamente diferentes (No final, a verdade é que são realmente consciências diferentes).”

 “Não foi bem optar pela sua leitura, mas sim teve que ser para os testes. Mas a poesia que provavelmente gostasse tanto foi Fernando Pessoa”

 “Apesar de não ter tido qualquer hipótese de escolha (é de leitura obrigatória...), as temáticas de Ricardo Reis e Alberto Caeiro cativaram-me bastante, por serem simples e expressarem alegria e felicidade. Achei a poesia de F. Pessoa ortónimo bastante difícil e enfadonha.”

 “A diferença com que escreviam poemas.”

 “Todos eles transmitem uma mensagem muito importante. Além disso escrevem de modo interessante”

✎ “Apesar de ser de leitura obrigatória, gostei bastante de Fernando Pessoa e seus heterónimos, nomeadamente devido à melodia e a rima presentes e os temas abordados – o pensamento, a razão, o Mundo, etc.”

✎ “Muita melancolia (Fernando Pessoa), quase só fala de dor. Eu não optaria por escolher este tipo de poesia.”

✎ “Encontrei em Fernando Pessoa um enorme desejo de ser alguém inconsciente, em Alberto Caeiro um amor enorme pelo que a Natureza nos dá e em Ricardo Reis uma vontade grande de pensar e viver sobre as suas filosofias.”

✎ “O facto de Fernando Pessoa ter criado heterónimos, expressando-se de forma diferente, como se cada um desses heterónimos existisse na realidade.”

✎ “Na poesia de Fernando Pessoa (ortónimo), como (heterónimo) encontrei coisas marcantes, mas também tristes, porque ele vivia muito num mundo só dele, rodeado de muita solidão, mas marcante, pois alguns dos seus poemas talvez retratem episódios que aconteceram na sua vida.”

✎ “O que gostei mais foi Ricardo Reis, porque era dos mais simples de perceber e que falava do facto de viver a vida e que tinha as suas teorias.”

✎ “Foi a forma diferente como escrevem e pensam, apesar de serem a mesma pessoa.”

✎ “A poesia que mais gostei foi a de Alberto Caeiro, porque gosto da sua filosofia de vida e da sua forma de pensar.”

✎ “(Se não fossemos “obrigados” a dar nas aulas, talvez nunca tivesse optado pela leitura.) Gostei mais de Alberto Caeiro porque era simples de perceber e abordava a natureza...”

✎ “talvez a que tenha gostado mais seja Alberto Caeiro.”

✎ “Eu não optei, fui obrigado a ler pela minha professora de português.”

✎ “Nunca tinha lido poesia de Fernando Pessoa, nem dos outros heterónimos. Mas encontro muitas diferenças na escrita de todos eles. Pelo que li nas aulas prefiro Alberto Caeiro com uma poesia simples e subtil, pois apesar de não ser muito instruído conseguia fazer poemas lindíssimos.”

Pergunta 8: Já leste Álvaro de Campos? Gostaste? Justifica.

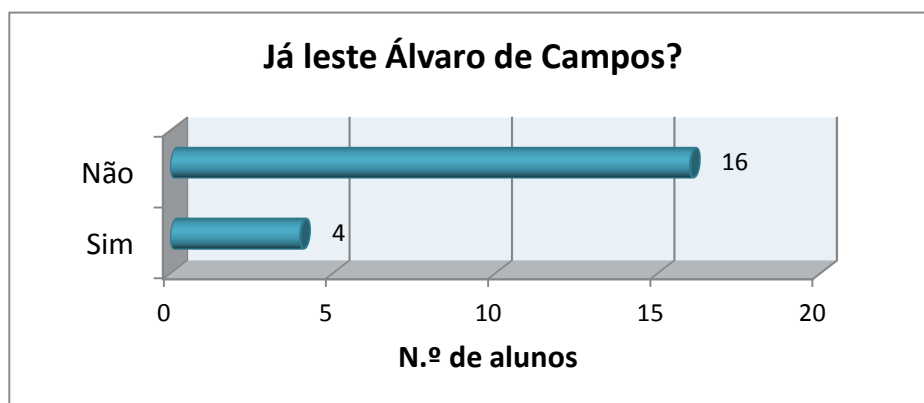


Gráfico 15. Já leste Álvaro de Campos?

Justificações dos alunos:

“Já li Álvaro de Campos e gostei, embora ache que os poemas dele são muito extensos, transmitiu-me alguma simplicidade e sabedoria.”

“Gosto, mas de todos os heterónimos é talvez o que gosto menos. Apresenta uma certa ironia, o realismo futurista e satírico, por vezes um pouco “bruto” e “exagerado.”

“Já li alguns poemas que estão no livro manual de Português mas não foi dos que mais gostei, talvez também porque não soube interpretar da melhor maneira.”

“Sim já li e gostei um pouco, não é dos que mais aprecie, pois de todos os outros heterónimos o que mais gostei foi de Alberto Caeiro, pois relaciona-se mais com a Natureza.”

Assim, as respostas ao inquérito demonstram que, de um modo geral, os alunos gostam de poesia. Embora alguns alunos demonstrem ter mais contacto do que outros com este género literário, é interessante perceber o significado especial e particular que a poesia tem para eles. Especial e particular enquanto algo que reside num plano superior e com características muito específicas. Ler as respostas dos alunos fez-me sentir, mal ou bem, que, para eles, embora por vezes possa ser complexa, a poesia lhes permite viajar para onde quiserem. E, como qualquer viagem, implica viver uma aventura, enfrentar obstáculos e desvendá-los, pôr à prova a inteligência.

As respostas à **primeira questão, “O que é para ti poesia?”**, permitem perceber que, genericamente, os alunos associam a poesia à arte, às emoções, aos sentimentos, à liberdade, ao estado de espírito de quem a escreve, ao “eu mais sentimental”, a “um modo de expressão”. Associam-na a tudo isto e bem, uma vez que o próprio Fernando Pessoa definiu poesia como *“a emoção expressa em ritmo através do pensamento”* (SILVA, 2009:53). Apesar de um aluno afirmar que para ele a poesia é “um texto que rima”, outros alunos, quando a definem como “um jogo de palavras”, não restringem a sua resposta a isto, associando-a, também, ao que acima foi dito.

Em relação à **segunda pergunta, “Gostas de ler/ouvir poesia?”**, é interessante verificar que a grande maioria dos alunos prefere ler poesia e que poucos afirmam gostar de ouvir poesia, uma vez que aderiram bastante bem à declamação do poema “Ode Triunfal”, que demos na segunda aula da unidade didáctica. No entanto, julgo que o que levou poucos alunos a responder que gostam de ouvir poesia se prende com o facto de não viverem esta experiência mais vezes. Se tal acontecesse, provavelmente, a sua opinião seria diferente, pois considero que o que está em causa não é o “não gostar”, mas sim o desconhecimento ou a pouca prática em relação a este modo de sentir poesia. Afinal, *“não se pode conhecer, nem estudar, nem ensinar, nem viver, aquilo que, no fundo e em verdade, se não ama”* (SENA, 1984: 103).

Dos vinte alunos, apenas três admitem não gostar muito de poesia e para outros dois o gostar depende do entendimento ou não dos poemas. No entanto, apesar do seu gosto depender do entendimento, um destes alunos acrescenta o seguinte: “ouvir poesia é relaxante, acalma-me e há poesias simples e muito bonitas e verdadeiras, que nos tocam”.

Os alunos que afirmam gostar de poesia, justificaram-no dizendo que a poesia inspira, dá força e paz, acalma, relembra momentos da infância e que é algo que permite expressar livremente emoções e ideias. Outros alunos reconhecem que gostam de poesia devido à sua melodia, à “riqueza das palavras” e “das mensagens directas” ou “subtis” e que ler/ouvir poesia é “relaxante” e faz “pensar de uma forma muito mais serena e com o coração”, permitindo, também “reflectir sobre certos aspectos da vida”.

A **pergunta número três, “Recordas-te de como e quando contactaste pela primeira vez com *poesia*?”**, mostra que dez dos alunos da turma não se recordam de como e quando contactaram com a poesia pela primeira vez. Os outros dez alunos recordam-se, sendo que sete deles afirmam tê-lo feito no 1.º ciclo do Ensino Básico; dois em casa e um na pré-primária: “a educadora ensinou-nos um poema chamado “Tudo ao contrário” – ainda hoje me recordo de todos os versos”.

Em relação à **pergunta número quatro, “Tens algum poeta preferido? Se sim, qual?”**, onze alunos afirmam não ter; três indicam Sophia de Mello Breyner como a sua poetisa preferida; outros três referem ser Fernando Pessoa; outros dois elegem Florbela Espanca; outros dois Luís de Camões; um aluno menciona Alberto Caeiro; outro indica Bernardo Soares; outro refere Mário Quintana e, finalmente, um aluno indica Aires de Almeida Santos.

As respostas à **quinta questão, “Lembras-te de algum poema que te tenha marcado? Se sim, qual e porquê?”**, demonstram que nove alunos não referem qualquer poema. Efectivamente, apenas cinco alunos indicam o nome de alguns poemas e atribuem as escolhas aos seus temas, como se pode verificar nas suas respostas transcritas no início deste subcapítulo; outros mencionam apenas terem gostado de poemas de determinados autores (Fernando Pessoa, Aires de Almeida Santos e Sophia de Mello Breyner), embora não se recordem dos títulos. Um dos alunos, apesar de não se lembrar do título do poema, refere o autor (Fernando Pessoa), a temática (o envelhecimento) e, inclusivamente, transcreve alguns versos do poema.

Relativamente à **sexta pergunta, “Já tinhas tido contacto com a *poesia* de Fernando Pessoa? Em que circunstâncias?”**, dezasseis alunos responderam que “sim” e quatro alunos “não”. Quanto às circunstâncias, são interessantes e variadas: em contexto escolar, nas aulas e em clubes de poesia; na televisão; na rádio; na internet; em casa; através de familiares; no estrangeiro (Rússia) e “em Lisboa, quando três jovens universitários me abordaram vestidos de Fernando Pessoa”. Em relação a esta questão, considero que, apesar de os alunos terem respondido de forma clara e objectiva, talvez devesse ter especificado que me referia a um contacto com a poesia de Fernando Pessoa, antes de o terem estudado no 12.º ano de escolaridade.

À pergunta número sete, **“O que encontraste na *poesia* de Fernando Pessoa (ortónimo), Alberto Caeiro e Ricardo Reis (heterónimos) que te levasse a optar pela sua leitura? Justifica.”**, os alunos responderam de forma bastante interessante, devido à profundidade das suas respostas, que demonstram conhecimento pelas temáticas dos poemas de Fernando Pessoa, Alberto Caeiro e Ricardo Reis.

Em relação a Fernando Pessoa, os alunos justificam as suas respostas, referindo, por um lado, a “insistência no pensar e no consciente da vida” e a capacidade de criação dos heterónimos; por outro lado, outros alunos consideram a poesia deste autor “melancólica”, “enfadonha” e “difícil”.

Quanto a Alberto Caeiro, os alunos referem “a sua simplicidade e sinceridade do que vê e sente”, a “sua filosofia de vida e a sua forma de pensar”, o facto de ver “as coisas simples da vida e não [pensar] demais” e de “ser simples e de amar a Natureza”.

Finalmente, relativamente a Ricardo Reis, os alunos afirmam que aquilo que os leva a optar pela sua leitura se relaciona com o facto de o autor ser “muito calmo”, expressar “alegria e felicidade” e achar “que devemos deixar que a vida nos guie”, pela “vontade grande de pensar e viver sobre as suas filosofias”,

Como se pode verificar nas transcrições das respostas ao inquérito, os alunos deram a esta pergunta diferentes interpretações. Uns consideraram que tinham de escolher entre os três poetas e justificar, outros referiram, e bem, o que acharam mais interessante na poética de cada um, outros, ainda, afirmaram não ter optado, uma vez que se trata de um conteúdo obrigatório do 12.º ano, e outros, por exemplo, descreveram as diferenças existentes entre os três. Assim, penso que talvez a pergunta pudesse ter sido formulada de forma mais curta e objectiva.

Por último, a **questão número oito, “Já leste Álvaro de Campos? Gostaste? Justifica.”**, indica que, dos vinte alunos, apenas quatro já tinham lido Álvaro de Campos. Estes quatro alunos afirmaram ter gostado da poesia deste autor, embora reconheçam que dos três heterónimos é aquele de que menos gostam, porque, apesar de transmitir “alguma simplicidade e sabedoria”, “apresenta uma certa ironia” e um “realismo futurista e satírico, por vezes um pouco “bruto” e “exagerado”.

De um modo geral, considero que o inquérito funcionou bem, na medida em que me ajudou a repensar as aulas seguintes, atendendo às opiniões e posições dos

alunos. Gostei de perceber que os alunos tinham uma ideia favorável em relação à poesia e que, apesar de não serem leitores assíduos,

Um reparo que também tem de ser feito, prende-se com a epígrafe de Manuel Gusmão, “*a poesia é ela mesma uma escuta de si*”, que coloquei no lado direito do inquérito, depois do cabeçalho ([Anexo 7](#)). Hoje não a colocaria, porque, ao observar posteriormente a ficha, percebi que esta frase pode induzir os alunos a uma ideia sobre a poesia e um inquérito de diagnóstico não pode dar qualquer ideia prévia acerca do assunto, nem influenciar de algum modo o aluno.

Foi, também, distribuída aos alunos uma folha com o poema “Apontamento”, visto este poema não constar do manual escolar por eles utilizado ([Anexo 8](#)). Como já foi referido, para trabalhar este poema foi pedido um pequeno trabalho de grupo aos alunos, a partir de algumas questões sobre o mesmo. Essas questões foram projectadas no *powerpoint* utilizado nessa aula. Esta estratégia, diferente daquela a que os alunos estão habituados, tem também a vantagem de ser mais ecológica, na medida em que permite poupar papel. Efectivamente, optei por projectar as perguntas através de um *powerpoint*, por se tratar de uma turma de 12.º ano. Numa turma do ensino básico, por exemplo, não o faria, por considerar que poderia levar à dispersão dos alunos, visto serem ainda muito dependentes do suporte escrito.

No final da unidade didáctica, foram distribuídas aos alunos duas folhas com esquemas-síntese dos traços caracterizadores da poética de Fernando Pessoa, ortónimo, e dos seus heterónimos, Alberto Caeiro, Ricardo Reis e Álvaro de Campos ([Anexos 14 e 15](#)). As folhas tinham como objectivo ajudar os alunos a consolidar a matéria e auxiliá-los no seu estudo para o teste sumativo e para o exame nacional de Português, tendo marcado também o final da sequência de aprendizagem referente a “Fernando Pessoa, ortónimo e heterónimos”. Os conteúdos foram seleccionados a partir das leituras que fiz de alguns manuais do 12.º ano de escolaridade e de acordo com a bibliografia que fui lendo.

Como já foi referido, ao longo da unidade didáctica, mais precisamente a partir da segunda aula, fui utilizando alguns *powerpoints*, construídos por mim, que funcionaram como recursos atractivos e complementares ao meu trabalho ([Anexos 9, 10 e 11](#)). Em outras aulas que leccionei já tinha utilizado esta ferramenta e gostado

bastante da forma apelativa com que pode sistematizar informações e atrair a atenção dos alunos. Confesso que é um material que gosto muito de construir e utilizar.

Posto isto, como já foi referido, este subcapítulo destina-se, também, à apresentação e análise dos dados recolhidos em relação à avaliação sumativa qualitativa dos alunos.

Como já foi mencionado, as apresentações orais dos trabalhos de grupo desenvolvidos pelos alunos consistiram: (i) na declamação de um poema de Álvaro de Campos e na justificação da escolha do poema, bem como da fase evolutiva do autor em que o mesmo se insere e (ii) na exposição da pesquisa efectuada sobre os temas que atribuí aos grupos.

Assim, os poemas de Álvaro de Campos escolhidos pelos alunos para as apresentações orais foram os seguintes:

- ▶ **Grupo 1:** Poema “Dactilografia”.
- ▶ **Grupo 2:** Poema “A Fernando Pessoa”.
- ▶ **Grupo 3:** Poema “Aniversário”.
- ▶ **Grupo 4:** Poema “Opiário”.
- ▶ **Grupo 5:** Poema “Ode Marítima”.
- ▶ **Grupo 6:** Poema “O que há em mim é sobretudo cansaço”.

Com efeito, as escolhas dos alunos agradaram-me e pareceram-me pertinentes. De um modo geral, os alunos foram criativos e declamaram os poemas de forma clara e expressiva, adequando a postura e a voz à situação.

O grupo 1 tinha de elaborar uma apresentação sobre os aspectos biográficos de Álvaro de Campos e sobre as principais características da sua obra, pelo que justificaram a escolha que fizeram relacionando-a com os primeiros versos do próprio poema: “*Traço, sozinho, no meu cubículo de engenheiro, o plano,/ Firmo o projecto, aqui isolado,/ Remoto até de quem sou.*”. Os alunos referiram que o tema do seu trabalho, os aspectos biográficos e as principais características da obra de Álvaro de

Campos se relacionava com o projecto/plano que o sujeito poético “*traça, sozinho, no [seu] cubículo de engenheiro*”. O grupo referiu ainda que a fase evolutiva de Álvaro de Campos de que mais gostaram foi a fase *Intimista/Abúlica*, este aspecto era unânime no grupo, e que, por isso, escolheram um poema desta fase do autor. É de destacar que este grupo foi bastante criativo, pois o poema foi dito por um aluno do sexo masculino que se caracterizou de Álvaro de Campos – vestia um casaco de fato com um laço, usava um monóculo e tinha bigode. O aluno recitou o poema, sentado numa cadeira, em frente a uma mesa, que correspondia a uma possível secretária, e em cima desta encontrava-se uma máquina de escrever (que um dos alunos do grupo levou para a apresentação). O aluno recitou o poema à medida que o ia escrevendo à máquina. Este grupo foi dos mais criativos e a turma gostou muito desta ideia dos colegas.

O grupo 2 (grupo composto por três alunos) apresentou à turma dois “lugares literários” situados em Lisboa, relacionados com Fernando Pessoa. Como um dos locais que o grupo referiu foi a Casa-Museu Fernando Pessoa, os alunos escolheram um poema que seleccionaram no banco de poesia que é possível consultar no sítio deste espaço, na internet. O poema escolhido, “A Fernando Pessoa”, trata-se de um poema que Álvaro de Campos dedica a Fernando Pessoa e foi esse aspecto que agradou aos alunos e que os levou a escolhê-lo. Assim, considereei positivo o facto de estes alunos não se terem restringindo à selecção de um poema que constasse do manual escolar, como quase todos os outros grupos fizeram.

O grupo 3, por sua vez, escolheu o poema “Aniversário” porque o tema que lhes foi atribuído pedia que supusessem que tinham de fazer uma apresentação no aniversário da ESMC, a um grupo de professores de Português. O aluno que declamou este poema foi bastante expressivo, sentou-se no chão e recitou-o de semblante triste e com sentimento, virado para a janela, olhando o horizonte. Este aluno colocou a folha onde o poema estava escrito, com um tamanho de letra grande, presa a uma parte lateral de uma mesa, sentando-se a olhar para a janela de forma a que se pensasse que não estava a ser lido. O efeito também foi muito engraçado.

Em relação ao grupo 4, os alunos tinham que apresentar a 1.ª fase evolutiva de Álvaro de Campos, pelo que o poema seleccionado foi “Opiário”. Os alunos pediram-

me ajuda em relação à escolha do poema, uma vez que nas aulas se falou brevemente sobre esta fase. Como tal, sugeri-lhes que declamassem este poema e que, caso quisessem, escolhessem apenas algumas estrofes. O grupo optou, então, por serem dois alunos a declamarem o poema, intercalando as estrofes. Este grupo também esteve bastante bem, embora de forma mais simples do que os outros. No entanto, como foi um aluno e uma aluna a fazê-lo, a alternância de vozes ficou engraçada.

O grupo 5 foi, de facto, um dos mais criativos. Neste grupo estavam dois dos alunos que tocam guitarra e cantam numa banda, pelo que o poema, “Ode Marítima”, foi musicado ao som da guitarra. Como o poema é de grande dimensão, pedi aos alunos, como fiz com o outro grupo, que escolhessem apenas algumas estrofes, pelo que seleccionaram as nove primeiras estrofes do poema. Os alunos referiram que escolheram este poema porque o seu tema se relacionava com a 2.ª fase de Álvaro de Campos e o poema insere-se nesta fase. Explicaram, ainda, que quando fizeram a pesquisa sobre o tema na internet, os poemas “Ode Triunfal” e “Ode Marítima” eram aqueles que apareciam em primeiro lugar e, como a “Ode Triunfal” já tínhamos dado em aula, escolheram este. A turma gostou bastante deste grupo.

Quanto ao grupo 6, este foi aquele que demonstrou menos empenho. Os alunos escolheram o poema “O que há em mim é sobretudo cansaço” e justificaram a sua escolha referindo que é um dos poemas que se insere na fase a que correspondia o seu tema, a 3.ª fase, e que constava do manual escolar. Uma das alunas declamou o poema a partir da leitura do manual e de forma um pouco acelerada.

O momento das declamações dos poemas, pelo que me pareceu, foi dos mais agradáveis, tanto para mim como para a turma. Os alunos divertiram-se, demonstraram empenho e, de um modo geral, afirmaram ter gostado da experiência. O balanço que faço é, sem dúvida, positivo porque penso que os alunos gostaram e aderiram a esta forma de sentir e viver a poesia. Neste sentido, em relação à segunda parte das apresentações, também senti que os alunos se empenharam e gostaram de trabalhar nestes moldes e com o recurso às TIC.

Em anexo, encontram-se os dois *powerpoints*¹¹ utilizados nas suas apresentações orais que considero terem sido construídos com mais rigor e que

¹¹ Foram retiradas dos *powerpoints* as identificações dos alunos.

reúnem mais e melhores características.

O *powerpoint* do grupo dois (Anexo 16) foi um dos melhores a ser apresentado, na medida em que foi um dos que correspondeu, de forma bastante positiva, a mais parâmetros de avaliação. Os alunos construíram slides com bom gosto: simples, claros e objectivos, com um grafismo agradável, a nível de estrutura escolhida, tipo de letra e organização das imagens e texto. É de destacar a selecção de imagens, o facto de terem tido o cuidado de referir a bibliografia de onde retiraram a informação e de terem focado os aspectos mais interessantes em relação aos dois locais que escolheram. O número de slides foi o adequado e o grupo respeitou o tempo de que dispunha. Como já referi, este grupo era composto por três alunos, pelo que um deles declamou o poema e os outros dois apresentaram o *powerpoint*. Aquilo que apontei aos alunos, no balanço que fiz, relaciona-se com o texto, que, na minha opinião, podiam ter transformado em texto deles em vez de o terem copiado, na íntegra, dos sítios da internet (embora tivessem colocado, e bem, a referência bibliográfica). E, ainda, o facto de, em alguns slides, não terem colocado a informação por tópicos, em vez de texto corrido, o que tornaria a apresentação ainda mais clara.

O *powerpoint* do grupo 5 (Anexo 17) foi, também, um dos que considerei ter maior qualidade, devido ao rigor e pertinência da informação, bem como à parte visual da apresentação. Ambos os grupos escolheram apresentações que o Microsoft Office PowerPoint 2007 disponibiliza. Tal como o grupo 2, estes alunos tiveram em atenção a indicação da referência bibliográfica, pelo que demonstraram ter pesquisado em alguns sítios, na internet, não se restringindo apenas a um. Estes alunos utilizaram, ainda, o manual escolar. A nível de organização da apresentação, dois dos alunos, como já mencionei, encarregaram-se da declamação do poema e os outros dois da apresentação do *powerpoint*.

Em relação aos outros grupos, de um modo geral, gostei dos trabalhos que desenvolveram e apresentaram, uns mais cuidados do que outros, mas a escolha da informação foi pertinente e, de uma forma ou de outra, foram criativos. Destaco, ainda, a apresentação do grupo 3, porque considero que este grupo trabalhou o tema mais difícil: “Modernismo: literatura e artes plásticas”. Contudo, quando defini o tema baseei-me no manual escolar dos alunos (*Interacções*, da Texto Editores), que contém

quatro páginas sobre esta questão, mais precisamente a definição de Modernismo, de Jacinto do Prado Coelho, que consta do *Dicionário de Literatura*¹² da editora Figueirinhas, ilustrada, inclusivamente, com imagens (“Página d’O *Notícias Ilustrado* (1928) – os protagonistas do Modernismo”; “Rosto do primeiro número do *Orpheu*”, “Página de *Portugal Futurista*”, “«Ode Triunfal», publicada no n.º 1 de *Orpheu*”, “Capa do n.º1 da revista *Presença*, outro dos órgãos de difusão do Modernismo”, entre outras).

Posto isto, considero, efectivamente, que este trabalho contribuiu para a consolidação de conhecimentos referentes a este conteúdo programático e que os alunos gostaram do que desenvolveram.

Com efeito, os dados recolhidos foram avaliados, analisados e interpretados de acordo com duas perspectivas diferentes, mas complementares. Em primeiro lugar, os dados recolhidos durante a unidade didáctica tinham como principal objectivo avaliar o cumprimento dos objectivos traçados no plano de cada aula e na planificação da unidade didáctica e, através dessa análise, poder confrontar os alunos com a minha análise do seu desempenho e trabalho. Tal como também já foi referido, é inerente a qualquer unidade didáctica esta fase final de avaliação do trabalho. Não só os alunos deverão perceber o que desempenharam, especialmente alunos de um nível maduro como o de 12.º ano, como o professor deve verificar o cumprimento do seu trabalho.

Em segundo lugar, estes mesmos dados são essenciais para a análise da minha unidade didáctica, eles próprios servem para avaliar a progressão do meu trabalho e a adequação (ou não) da metodologia utilizada.

Com efeito, ao longo da construção da unidade didáctica, a componente da avaliação foi, pois, aquela que me levou mais tempo a definir, na medida em que tinha de combinar dois importantes factores: as condicionantes inerentes ao trabalho com uma turma que acompanhei pontualmente e o facto de desejar fazer algo interessante e benéfico para a aprendizagem dos alunos, relacionado com as TIC.

¹² COELHO, Jacinto do Prado (1984). *Dicionário da Literatura*, 3.ª edição., 2.º vol. Porto: Figueirinhas.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste capítulo será apresentada uma reflexão pessoal global sobre o trabalho desenvolvido ao longo da unidade curricular, focado no impacto que as TIC tiveram na motivação e exploração da leitura de Álvaro de Campos da turma de 12.º ano com que trabalhei. Por fim, indicar-se-ão algumas sugestões para eventuais linhas futuras de actuação, relacionadas com o assunto em estudo.

Como professor tem aprendido a sentir-se tocado pelo privilégio de aprender.

David Mourão-Ferreira, *Jogo de Espelhos*

A tarefa da educação é, para mim, das mais delicadas. Supõe, a meu ver, amor, desprendimento, firmeza, paciência e decisão. Considero que educar, para além de uma ciência, é também uma arte, pois não tem regras fixas e porque cada caso é um caso e cada circunstância é única, ainda que implique respeito por um determinado conjunto de códigos, enquanto ciência que é.

O Mestrado em Ensino representou para mim o acesso à aquisição das ferramentas base para poder vir a exercer uma carreira profissional na área do Ensino e, desta forma, transmitir os conhecimentos e as competências adquiridas ao longo da minha formação. Este percurso incutiu-me, ainda, a importância que reside no facto de essa transmissão de conhecimento ter de ser feita com clareza e rigor, dedicação e empenho. A procura contínua do meu próprio aperfeiçoamento não pode, efectivamente, ser descurada, para que consiga utilizar as minhas capacidades para ajudar no desenvolvimento dos alunos, na sua aprendizagem e educação, da forma mais benéfica e coerente.

O estudo e a pesquisa realizados, ao longo dos dois últimos anos, nas cadeiras que compõem o plano de estudos do Mestrado, de forma particular o percurso que percorri nas cadeiras de Introdução à Prática Profissional do Português, constituíram,

assim, o acesso aos conhecimentos necessários para a concretização do trabalho prático e para a realização deste relatório. O acompanhamento e a experiência da professora cooperante, a observação directa que fiz das suas aulas e das suas turmas, bem como toda a aprendizagem inerente ao trabalho que realizei na escola, em paralelo com o percurso percorrido nas unidades curriculares do Mestrado, foram, também, fundamentais e uma mais-valia para o meu trabalho e crescimento, enquanto pessoa e futura professora.

Ao longo da minha formação, fui-me tornando uma adepta das Tecnologias de Informação e Comunicação – TIC – e como, no futuro, pretendo fazer parte do grupo de professores utilizadores das mesmas, percebi que poderia ser um tema interessante a trabalhar nas aulas e a explorar no relatório. Afinal, quando utilizadas na sala de aula de forma contextualizada e subordinada ao currículo específico da disciplina, neste caso da disciplina de Português, as TIC podem ajudar o professor no seu trabalho diário com os alunos. Com efeito, o próprio Programa de Língua Portuguesa indica como objectivo da disciplina de Português a utilização de *“métodos e técnicas de pesquisa, registo e tratamento de informação, nomeadamente com recurso às novas tecnologias de informação e comunicação (TIC)”* (2002:7).

Considero, desta forma, que as TIC se integram nas duas realidades centrais do processo ensino-aprendizagem: aprender e ensinar, nas diversas actividades possíveis de promover dentro e fora da sala de aula, e que podem, no caso da disciplina de Português, contribuir para a proficiência da leitura dos alunos e para a sua motivação e interesse pelos conteúdos programáticos. A partir de uma formação eficaz e concreta neste domínio, os professores podem tirar bastantes benefícios das TIC, enquanto meios de gestão, de comunicação, de pesquisa ou de produção.

Na realidade, o objectivo de grande parte das reformas educativas tem estado bastante direccionado para o desenvolvimento de competências. No entanto, penso que é importante repensar-se, paralelamente à determinação dos conteúdos e ao desenvolvimento de competências, a questão da rotina dos professores. Quero com isto dizer que, embora a teoria que envolve o contexto educativo seja fundamental, é necessário repensar as práticas em sala de aula, de forma a promover a criatividade, que por vezes escasseia no contexto escolar, a diversidade de estratégias e, com isto,

fomentar a motivação, tanto dos professores como dos alunos. As TIC, pelas suas potencialidades, podem constituir ferramentas bastante úteis para o professor diversificar estratégias de ensino e fomentar a motivação dos alunos. Na minha unidade didáctica, tanto na preparação como na sua concretização, foi, precisamente, isto que comprovei.

Neste sentido, na sequência de aprendizagem que desenvolvi, referente ao heterónimo de Fernando Pessoa – Álvaro de Campos, conteúdo obrigatório do 12.º ano de escolaridade, utilizei as TIC como recursos complementares na motivação e exploração da leitura da poesia do referido poeta. No planeamento da unidade didáctica, parti da ideia consciente de que as TIC não devem ser vistas pelo professor como a solução essencial para a desmotivação ou para algum tipo de insucesso escolar que ocorra e de que é necessário que o professor as integre didacticamente de forma coerente.

De facto, as TIC ajudaram-me a motivar e a estimular os alunos para a leitura da poesia de Álvaro de Campos, enquanto ferramentas atractivas e com potencialidades interessantes para o professor e para o aluno, como o são o computador e, através dele e do *datashow*, a projecção de *powerpoints* e de vídeos retirados da internet, por exemplo.

As TIC, na unidade didáctica em questão, desempenharam, assim, a função de recursos complementares na motivação da leitura de poesia, sem, obviamente, terem substituído o estudo dos poemas, isto é, da obra de um dos mais importantes escritores da Literatura Portuguesa do século XX e que deve fazer parte da cultura geral de qualquer aluno.

A sequência das aulas leccionadas foi pensada com o intuito de avaliar a reacção dos alunos em relação à utilização das TIC, num conteúdo programático que envolveu, principalmente, as competências da leitura, da compreensão oral e da expressão oral. Numa primeira aula não utilizei qualquer recurso ligado às TIC, ao contrário do que fui fazendo nas aulas seguintes, sempre que achei pertinente e adequado. Desta forma, pude comprovar, como julgava, que os alunos reagem bastante bem ao uso destas ferramentas e que as mesmas me ajudaram a manter os alunos atentos e interessados. No entanto, o papel do professor, enquanto guia e

facilitador de aprendizagens, é fundamental e claramente exigente. Foi isto que tive presente ao longo da unidade curricular e que procurei desempenhar: o papel de guia e de facilitadora de aprendizagens e as TIC ajudaram-me a concretizá-lo.

Relativamente ao conteúdo programático que esteve na base da unidade didáctica leccionada, a poesia de Fernando Pessoa heterónimo – Álvaro de Campos, devo fazer que não é um conteúdo fácil, embora tenha sido agradável e desafiante trabalhar este autor e utilizar as TIC para a motivação da leitura da sua poesia. As características formais e estilísticas dos seus poemas, por exemplo, permitiram uma complementaridade do trabalho com as TIC interessante e apelativa, quando projectava um poema num *powerpoint*, ou quando passava o registo áudio da sua recitação.

Complementando as suas aulas com o recurso às TIC, o professor pode, por exemplo, promover um papel mais activo, por parte do aluno, no processo de ensino-aprendizagem, processo este que o professor orienta e acompanha. No caso desta unidade didáctica, a pesquisa para o trabalho de grupo, por exemplo, possibilitou isto mesmo. Em vez de o ensino-aprendizagem se restringir a um debitar de matéria da minha parte, o aluno teve um papel mais interventivo, devido à pesquisa e à selecção de informação que teve de fazer, com recurso à internet por exemplo, bem como às competências envolvidas, inerentes a qualquer trabalho de grupo. Além disso, em relação à competência da leitura, o Programa da disciplina prevê a utilização de *“diferentes recursos e fontes de informação para dar resposta a necessidades concretas de informação e de aprendizagem”* (2002: 32).

Posto isto, como já referi no capítulo relacionado com Álvaro de Campos, ao contrário do que o Programa de Língua Portuguesa indica, optei por dar a conhecer aos alunos a primeira fase evolutiva do autor: *fase Intimista/Abúlica*. O facto de ter acompanhado a turma desde a primeira fase do estágio permitiu-me observar e analisar os alunos de forma mais aprofundada, o que me levou a considerar não ser desadequado mostrar-lhes um pouco desta fase. Apresentei, assim, aos alunos alguns dos primeiros versos do poema “Opiário”, de forma a sensibilizá-los para os traços gerais que caracterizam a primeira fase de Álvaro de Campos.

Penso que, para os alunos, grande parte do interessante da obra de Álvaro de

Campos reside na novidade da evolução pela qual o autor passa. Sendo o “filho indisciplinado da sensação”, como lhe chamou o próprio Pessoa, é curioso compreender a própria ordem das suas transformações e, com isto, a destreza e habilidade de Fernando Pessoa na criação dos seus heterónimos, todos eles com características tão peculiares. A sua capacidade para criar personagens dentro de si próprio é uma das características que podem despertar gosto nos alunos e sensibilizá-los para a riqueza e grandeza da sua obra. Como afirma Octávio Paz, em *Fernando Pessoa, o desconhecido de si mesmo*, “o segredo deste poeta está escrito no seu nome: *“Pessoa quer dizer personagem e vem de persona, máscara dos actores romanos, Máscara, personagem de ficção, ninguém: Pessoa. A sua história poderia reduzir-se à viagem entre a irrealidade da sua vida quotidiana e a realidade das suas ficções. Estas ficções são os poetas Alberto Caeiro, Álvaro de Campos, Ricardo Reis, e, sobretudo, ele mesmo, Fernando Pessoa. (...) O verdadeiro Pessoa é outro”*”¹³.

Posto isto, coloca-se, então, outra questão: como se ensina poesia, como se fala de poesia, principalmente para mim, professora estagiária e pouco experiente no domínio educativo? Pois bem, ao longo da unidade didáctica que leccionei, optei, decididamente, por não restringir o ensino da poesia de Álvaro de Campos à prática exaustiva da análise de poemas ou de excertos dos mesmos.

Considero que o prazer de ler, a afirmação de cada aluno e o alargamento das suas experiências resultam das diversas ideias que são capazes de construir. O estudo de determinado autor não parte apenas dos aspectos técnicos ou linguísticos da sua obra, mas também dos aspectos estéticos. O interesse dos alunos por Álvaro de Campos, por exemplo, não é, certamente, despertado apenas pelos temas dos seus poemas e pela análise gramatical dos mesmos. O que os atrai está, provavelmente, mais relacionado com as suas vivências e com a sua personalidade. É sabido que não há regras fixas para a análise de um texto literário, sendo, por isso, uma actividade fortemente dependente do empenho e do talento do professor. Como refere Maria Raquel Delgado-Martins, “o erro em que se incorre frequentemente é fazer análises óbvias: identificar palavras que traduzam intenções ou sentimentos do autor ou identificar metáforas como se fossem exclusivas da linguagem poética. Também é

¹³ Consultado em <http://www.prof2000.pt/users/cfaeca/nova%20pasta/oficina/f%20pessoa/fp3.html>, no dia 10 de Agosto de 2010.

perigoso fazer análises a partir de posturas teorizantes sobre a génese da língua ou da criação literária porque, em ambos os casos, o ponto de partida deve ser o que se «sente» quando somos confrontados com textos literários” (2006, 288).

No caso, mais uma vez, da unidade didáctica que tive a oportunidade de leccionar, mais precisamente no estudo da poesia de Álvaro de Campos que fiz com os alunos, senti que quantas mais emoções conseguia convocar para a leitura e para o sentir dos alunos face à mesma, mais consolidada ficava a matéria em si e mais participação conseguia da sua parte. Considero que a adesão emocional ao texto, neste caso à poesia, tem esse poder e a complementaridade do trabalho com as TIC também foi uma mais-valia neste sentido.

Trabalhar Fernando Pessoa, “um novelo embrulhado para o lado de dentro”, mais precisamente Álvaro de Campos, foi embarcar numa viagem de um “universo estilhaçado”. Como refere Jorge de Sena, *“nada, em Fernando Pessoa, se pode considerar gratuito, como bem claramente é demonstrado por ele próprio, no capital documento de 1915. É ele um poeta português, a quem não são aplicáveis as acusações de «O caso mental português», talvez o mais percuciente dos seus ensaios. A uma poderosa cultura e um extraordinário talento, sobrepôs-se, nele, sempre, um sublime e sistemático sentido das coisas e da Vida”* (SENA, 1982: 33-34).

Além disso, *“a utilização de textos literários na sala de aula pode ser um momento de eleição para aliciar os alunos a ler e a desfrutar obras literárias sob muitos pontos de vista”* (Delgado-Martins: 2006, 18).

Posto isto, o trabalho desenvolvido na disciplina de Português no Ensino Secundário pretende propiciar, estimular e desenvolver, ao longo dos três anos do ciclo, competências linguísticas nos domínios do oral e do escrito, competências de leitura a diversos níveis e a capacidade de reflexão sobre a língua. A avaliação do trabalho incide, assim, sobre essas competências, através da utilização de diferentes instrumentos de formação, aplicação, verificação e classificação.

Como tal, adequando isto à sequência de aprendizagem leccionada, considero que uma mais-valia do meu trabalho consistiu, também, no facto de me ter esforçado por adequar a unidade didáctica que planeei, tanto a nível de estratégias de ensino como de recursos utilizados, aos conteúdos e objectivos de aprendizagem, bem como

ao ano e nível da turma. Tentei, ainda, neste sentido, realizar diferentes modalidades de avaliação, tais como a avaliação diagnóstica ou inicial, a avaliação sumativa qualitativa e, também, a auto-avaliação e a co-avaliação, no âmbito de uma avaliação formativa.

Neste sentido, julgo que uma boa prática que realizei na unidade leccionada se relaciona com a avaliação de diagnóstico que fiz aos alunos, na primeira aula. Apesar dos reparos que fiz ao inquérito, referidos no subcapítulo 3.4.1., penso que utilizei um instrumento adequado ao ano e ao nível de escolaridade com que trabalhei, tendo em conta os conhecimentos prévios que tinha da turma.

Tal como refere o Programa da disciplina de Português, *“a avaliação da aprendizagem em Língua Portuguesa deverá contemplar os seguintes aspectos: adequar técnicas e instrumentos aos objectivos e conteúdos, e ao processo de ensino-aprendizagem; especificar, de forma clara, o objecto da avaliação, os critérios e as estratégias; propiciar a auto-avaliação e a co-avaliação; fornecer ao aluno um feedback em tempo útil”* (2002: 29).

Efectivamente, tive o cuidado de, logo na primeira aula da unidade didáctica, explicar aos alunos, de modo claro e objectivo, a forma como iam ser avaliados e a partir de que critérios. No final da unidade, por sua vez, conversei com os alunos, de um modo geral, sobre a minha avaliação do trabalho desenvolvido por eles ao longo das seis aulas e ouvi a partilha das suas opiniões em relação ao meu trabalho e ao trabalho que eles próprios desempenharam, propiciando, assim, a auto-avaliação. Isto permitiu-me dar-lhes um *“feedback em tempo útil”* e ouvir as suas opiniões e críticas, encarando-as como construtivas para mim, enquanto pessoa, e para o meu trabalho futuro. Além disso, apesar de a minha experiência ser muito pouca, permitiu-me perceber o quão esta troca de impressões é positiva para os alunos e para um trabalho construtivo e evolutivo do professor, favorecendo o bom ambiente.

Ao longo da unidade didáctica, tentei, ainda, incentivar a aprendizagem colaborativa na sala de aula, uma vez que considero que este tipo de trabalho permite ao aluno desenvolver competências sociais e linguísticas. Penso que o trabalho com outros colegas leva os alunos a expressar a sua opinião e os seus conhecimentos e fomenta, também, o desenvolvimento de competências de organização do

pensamento para conseguir a sua expressão e fluidez. Julgo que a interacção e o *feedback* imediato entre os alunos não põe em causa a autonomia do trabalho, antes estimula a proficiência da língua e do discurso, bem como a partilha de opiniões, o domínio de argumentação, quando necessário, e o domínio da oralidade, *“competência transversal que deve permitir ao aluno a sua afirmação pessoal e a sua integração numa comunidade, ora como locutor eficaz, ora como ouvinte crítico, ora como interlocutor, em suma, como cidadão”* (2002: 18).

Como refere tão sensatamente Eduardo Lourenço em relação à educação dos nossos jovens, é necessário *“educar para o desenvolvimento (...) ou seja, educá-los no sentido de lhes proporcionar condições materiais, psicológicas e sociais que ajudem a ir além do egocentrismo intelectual, afectivo e moral (...) capazes de compreender de um ponto de vista teórico, e assumir, de um ponto de vista prático, que há perspectivas e ideias diferentes das nossas que merecem ser atendidas (descentração intelectual), que nem todas as pessoas partilham os nossos desejos e afectos (descentração afectiva), e que há outros que têm direitos que são tão legítimos quanto os nossos (descentração moral)”* (1996:189).

É de referir, também, que para a questão da avaliação contribuíram, efectivamente, os conteúdos das cadeiras de Currículo e Avaliação e de Escola como Organização Educativa, unidades curriculares do segundo ano do Mestrado em Ensino.

Posto isto, a faixa etária dos 15 aos 17/18 anos compreende parte da adolescência (10-20 anos). Corresponde, pois, a um período de transição para a vida adulta, em que os jovens passam por grandes transformações físicas e psicológicas.

Com efeito, os alunos da turma de 12.º ano com que trabalhei situam-se nesta faixa etária, com idades compreendidas entre os 16 e os 18 anos, como se pode observar no gráfico número 2, representado no subcapítulo referente à caracterização da turma (3.2.). Quando conheci a turma, os alunos frequentavam o 11.º ano de escolaridade e foi nesse mesmo ano lectivo e a estes alunos que dei a minha primeira aula de Português, pelo que me liguei bastante a eles emocionalmente.

Neste sentido, posso afirmar que me sinto muito privilegiada por ter iniciado o meu percurso profissional com uma turma com as características como as que esta tinha. O facto de os alunos já se conhecerem há algum tempo e de alguns já

estudarem juntos desde o Ensino Básico, influenciou o ambiente agradável e de companheirismo da turma. Embora isso tenha representado, por vezes, um desafio para mim, na medida em que a confiança e o conhecimento mútuo geravam demasiada conversa entre os alunos, quando, por exemplo, estavam mais cansados ou em dias de teste em outras disciplinas. Os alunos eram, também, bastante educados e simpáticos, obedecendo-me naquilo que lhes pedia. Algo de que também gostei bastante foi do interesse que os alunos demonstraram pelo meu Mestrado, fazendo-me várias perguntas e mostrando-se interessados para me ajudar no que fosse necessário. Chegaram, inclusivamente, a convidar-me para ir com eles à sua viagem de finalistas.

Outro aspecto relevante prende-se com o facto de a maioria dos alunos da turma, frequentando o Curso de Ciências e Tecnologias, pretender concorrer ao ensino superior (ver gráfico número 9, no subcapítulo relativo à caracterização da turma), nomeadamente a cursos que exigem médias muito altas, como o curso de medicina e as engenharias, pelo que era nítida alguma ambição. Esta ambição, no entanto, fomentava o esforço dos alunos e o desejo de querer manter um certo nível de resultados, devido às metas que queriam atingir. Para eles o sucesso nos exames nacionais era uma obrigatoriedade, pelo que tinham a consciência de que deveriam esforçar-se nas aulas para consolidar os conteúdos. E o conteúdo programático referente a Fernando Pessoa era um dos possíveis a constar do exame. Este aspecto era exigente para os alunos mas também para mim, levando a que o meu trabalho experimental tivesse de ser o mais rigoroso, objectivo e claro possível, para não desequilibrar o trabalho e o ritmo desenvolvido pela professora cooperante.

De facto, a tarefa de ensinar não é fácil. Cada aluno é único, dispondo de diferentes estilos e capacidades de aprendizagem, interesses, experiências e motivações. Além disso, cada aluno faz determinadas exigências ao professor e esta pequena vivência de estágio permitiu-me comprová-lo na prática, contribuindo para a minha certeza em relação a uma carreira profissional na via do ensino.

Outro aspecto que não posso deixar de realçar tem a ver com o facto de alguns dos alunos desta turma fazerem parte de uma banda há já algum tempo. Para além de tocarem e cantarem, compõem as suas próprias letras. Esta peculiaridade faz com que

esses mesmos alunos tenham uma sensibilidade muito própria para a leitura e estudo de poesia. Algumas alunas também têm por hábito a escrita de poesia e manifestaram o seu gosto por este género literário nas aulas, com intervenções e análises bastante interessantes e coerentes. Esta particularidade foi bastante benéfica para a unidade didáctica e gerou momentos bastante interessantes.

Em relação ao conjunto das seis aulas que compuseram a unidade didáctica leccionada, de um modo geral, julgo que correram bem. No entanto, se repetisse a unidade didáctica, estruturá-la-ia de outra forma. Em relação à primeira aula, apesar de ter conseguido respeitar o plano definido, considero que foram focados muitos conteúdos e aspectos sobre o desenrolar da unidade didáctica, para uma só aula. Em relação à terceira e quarta aulas, devido às condicionantes do tempo, uma vez que os alunos tiveram de sair mais cedo, gostaria de ter apresentado mais poemas. No entanto, tentei colmatar esta questão com a escolha e a apresentação de alguns poemas por parte dos grupos, nas apresentações orais. Gostei, também, de trabalhar as competências da Leitura e da Compreensão/Expressão oral. Tratando-se de alunos pré-universitários, é importante que experienciem nas aulas situações em que seja estimulada a proficiência da leitura e em que tenham de adequar o seu discurso à finalidade e à situação de comunicação, bem como participem de forma construtiva em situações de comunicação, relacionadas com a actividade escolar, respeitando as orientações que as regem.

De facto, como dizia no capítulo introdutório, a nível global, esta unidade didáctica permite comprovar que as TIC, quando bem inseridas no processo ensino-aprendizagem, funcionam como uma boa oportunidade para descobrir ou redescobrir o prazer pela aprendizagem. Contudo, ressalta a certeza de que mais importante é a motivação que o professor transmite e incute nos alunos.

Como diria Sebastião da Gama, a propósito da profissão de professor: *“sei coisas que vocês não sabem, do mesmo modo que vocês sabem coisas que eu não sei ou já me esqueci. [...] “A aula é nossa” (2003: 15).*

Passagem das Horas

*Trago dentro do meu coração,
Como num cofre que se não pode fechar de cheio,
Todos os lugares onde estive,
Todos os portos a que cheguei,
Todas as paisagens que vi através de janelas ou vigias,
Ou de tombadilhos, sonhando,
E tudo isso, que é tanto, é pouco para o que eu quero.*

*A entrada de Singapura, manhã subindo, cor verde,
O coral das Maldivas em passagem cálida,
Macau à uma hora da noite... Acordo de repente...
Yat-iô--ô-ô-ô-ô-ô-ô ... Ghi-...
E aquilo soa-me do fundo de uma outra realidade...
A estatura norte-africana quase de Zanzibar ao sol...
Dar-es-Salaam (a saída é difícil)...
Majunga, Nossi-Bé, verduras de Madagáscar...
Tempestades em torno ao Guardafui...
E o Cabo da Boa Esperança nítido ao sol da madrugada...
E a Cidade do Cabo com a Montanha da Mesa ao fundo...*

*Viajei por mais terras do que aquelas em que toquei...
Vi mais paisagens do que aquelas em que pus os olhos...
Experimentei mais sensações do que todas as sensações que senti,
Porque, por mais que sentisse, sempre me faltou que sentir
E a vida sempre me doeu, sempre foi pouco, e eu infeliz.*

*A certos momentos do dia recordo tudo isto e apavoro-me,
Penso em que é que me ficará desta vida aos bocados, deste auge,
Desta estrada às curvas, deste automóvel à beira da estrada, deste aviso,
Desta turbulência tranquila de sensações desencontradas,
Desta transfusão, desta insubsistência, desta convergência iriada,
Deste desassossego no fundo de todos os cálices,
Desta angústia no fundo de todos os prazeres,
Desta saciedade antecipada na asa de todas as chávenas,
Deste jogo de cartas fastiento entre o Cabo da Boa Esperança e as Canárias.*

*Não sei se a vida é pouco ou demais para mim.
Não sei se sinto de mais ou de menos, não sei
Se me falta escrúpulo espiritual, ponto-de-apoio na inteligência,
Consanguinidade com o mistério das coisas, choque
Aos contactos, sangue sob golpes, estremeção aos ruídos,
Ou se há outra significação para isto mais cómoda e feliz.*

Álvaro de Campos (1916)

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGUIAR E SILVA, Vítor Manuel de (1998-1999). “Sobre o ensino do texto literário”. *Diacrítica*, 13-14. Universidade do Minho.
- ALEGRE, Manuel (1965). “A poesia não se explica...” Em MAGALHÃES, Olga & COSTA, Fernanda (2010). *Entre Margens, 10º ano – Caderno do Professor* (pp. 58-59). Porto: Porto Editora.
- ALVES, Filomena Martins, & MOURA, Graça Bernardino (2005). *Página Seguinte – Português 12.º ano*. Lisboa: Texto Editores.
- AMOR, Emília (2006). *Didáctica do Português – Fundamentos e Metodologia*. Lisboa: Texto Editores.
- AZEVEDO, António (2005). *Fernando Pessoa – Outramento e heteronímia*. Teoria das Artes e Literatura. Lisboa: Instituto Piaget.
- AZEVEDO, Mário (2006). *Teses, relatórios e trabalhos escolares* (5ª ed.). Lisboa: Universidade Católica Editora.
- AZÓIA, Fátima, & SANTOS, Fátima (2005-2008). *Interacções – Português 12.º ano*. Porto: Texto Editores.
- CABRAL, Maria Manuela (2002). *Como abordar... o texto poético*. Porto: Areal Editores.
- FRANCO, José António (1999). *A poesia como estratégia*. Porto: Campo das Letras.
- GUEDES, Teresa (2002). *Poetas «difíceis»? – Um Mito*. Lisboa: Editorial Caminho.
- JORBA, Jaume e SAMMARTÍ, Neus (1993). “A função pedagógica da avaliação”. Em BALLESTER, Margarida et al. (2003). *Avaliação como apoio à aprendizagem*. Porto Alegre: Artmed.
- BEATRIZ, Maria Fortunata (2006). *Ensino das TIC: que práticas de avaliação?*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Lisboa.
- CAMPOS, Álvaro de (2005-2008). *Ode Triunfal* (excerto 5’05”). Em *Interacções – Português B 12.º ano* [CD]. Porto: Texto Editores.

- COELHO, Jacinto do Prado (1963). *Diversidade e Unidade em Fernando Pessoa* (2ª ed., refundida e acrescentada). Lisboa: Editorial Verbo.
- COSTA, Fernando António Albuquerque (2008). *A utilização das TIC em contexto educativo: representações e práticas de professores*. Dissertação de Doutoramento. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Lisboa.
- COSTA, Fernando António Albuquerque, PERALTA, Helena, & VISEU, Sofia (Eds.). (2008). *As TIC na Educação em Portugal. Concepções e Práticas*. Porto: Porto Editora.
- COSTA, João Almeida, & SAMPAIO e MELO, A. (2004). *Dicionário de Língua Portuguesa*. Porto: Porto Editora.
- CUNHA, Celso, & CINTRA, Lindley (1984). *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa: Edições João Sá da Costa.
- DELGADO-MARTINS, Maria Raquel, & FERREIRA, Hugo Gil (2006). *Português Corrente – Estilos do Português no Ensino Secundário*. Lisboa: Editorial Caminho.
- DELGADO-MARTINS, Maria Raquel et al. (1996). *Formar professores de português, hoje*. Lisboa: Edições Colibri.
- DELGADO-MARTINS, Maria Raquel et al. (2005). *Para a Didáctica do Português. Seis Estudos de Linguística*. Lisboa: Edições Colibri.
- NEVES, Margarida Braga (2006). “Uma experiência contagiante: sobre formação e práticas dos professores de Português”. in DUARTE, Inês & MORÃO, Paula (org.) (2006). *Ensino do Português para o Século XXI*. Lisboa: Edições Colibri.
- FERNANDES, Cidália (2009). *Fernando Pessoa*. Lisboa: Didáctica Editora.
- FERNANDES, Rosa Celeste de Almeida Micaelo, (2006). *Atitudes dos professores face às TIC e sua utilização nas práticas educativas ao nível do ensino secundário*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Lisboa.
- FIGUEIREDO, Olívia (2005). *Didáctica do Português Língua Materna*. Porto: Edições Asa.
- GAMA, Sebastião da (2003). *Diário: Pequena história da minha vida de professor*. Sintra: Edições Arrábida.
- HOUAISS, Antônio & VILLAR, Mauro de Salles (2003). *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Lisboa: Temas e Debates.

- <http://casafernandopessoa.cm-lisboa.pt/index.php?id=2246>
- <http://ciberduvidas.sapo.pt>
- <http://www.esmcargaleiro.pt/>
- http://www.netprof.pt/netprof/servlet/getDocumento?id_versao=11497
- <http://www.portaldalinguaportuguesa.org/>
- <http://www.youtube.com/watch?v=1haO2zpFYrw>
- http://www.youtube.com/watch?v=DrUBeOKL0Lo&feature=Playlist&p=FC85E52A3A8E309E&playnext_from=PL&playnext=1&index=2
- <http://www.youtube.com/watch?v=qL-cB3OIG2s>
- <http://www.prof2000.pt/users/cfaeca/nova%20pasta/oficina/f%20pessoa/fp3.html>
- LOPES, Teresa Rita (1993). *Álvaro de Campos – Livro de Versos*. Lisboa: Editorial Estampa.
- LOURENÇO, Eduardo (1981). *Fernando Pessoa Revisitado. Leitura Estruturante do Drama em Gente* (2ª ed.). Lisboa: Moraes.
- LOURENÇO, Orlando (1996). *Educar hoje crianças para o amanhã*. Porto: Porto Editora.
- MAGALHÃES, Graça (Org.) (2007). *As Viagens na poesia*. Lisboa: Lisboa Editora.
- MATEUS, Maria Helena Mira et al. (2003). *Gramática da Língua Portuguesa* (5ª ed. revista e aumentada). Lisboa: Caminho.
- MEIRIEU, Philippe (2005). *Lettre à un jeune professeur*. Paris: France Inter et ESF.
- MOREIRA, Vasco, & PIMENTA, Hilário (2009). *Preparação para o Exame Nacional 2010 – Português 12.º ano*. Porto: Porto Editora.
- MOURÃO-FERREIRA David (1993). *Jogo de Espelhos*. Lisboa: Editorial Presença.
- PESSOA, Fernando (2006). *Poesia de Fernando Pessoa* (introdução e selecção de Adolfo Casais Monteiro). 3ª Edição. Lisboa: Editorial Presença.

- PESSOA, Fernando (2007). *Poesias – Heterónimos* (introdução e organização de Auxília Ramos e Zaida Braga). Porto: Porto Editora.
- PLP (2002). *Programa de Português 10.º, 11.º, 12.º anos – Cursos Gerais e Cursos Tecnológicos*. Lisboa: Ministério da Educação.
- PONTE, João Pedro da (1997). *As Novas Tecnologias e a Educação*. Lisboa: Texto Editora.
- RODRIGUES, Urbano Tavares (s/d). Prefácio de *Os Poemas da Minha Vida*. Em MAGALHÃES, O. & COSTA, F. (2010). *Entre Margens, 10º ano – Caderno do Professor* (p. 102). Porto: Porto Editora.
- ROSA, Leonel (1999). “As Tecnologias de Informação e Comunicação na escola e os Centros de Recursos Educativos. Algumas reflexões”. Comunicação apresentada no *II Encontro de Nacional de Centros de Recursos Educativos*. Recuperado em 19 de Março de 2010 de http://www.univ-ab.pt/~porto/textos/Leonel/Pessoal/tic_cre.htm.
- SANTOS, Maria de Lurdes Lima dos et al. (2007). *A Leitura em Portugal*. Gabinete de Estatística e Planeamento da Educação (GEPE). Lisboa: Editorial do Ministério da Educação.
- SENA, Jorge de (1981). *Fernando Pessoa e Cª Heterónima (Estudos coligidos 1940-1978) – Volumes I e II*. Lisboa: Edições 70.
- SENA, Jorge de (1984). "Amor da Literatura", in *O Reino da Estupidez – I*, 3.ª edição revista e aumentada. Lisboa: Moraes.
- SILVA, Ana Maria Fernandes Ávila da (2004). *Professores utilizadores das TIC em contexto educativo: estudo de caso numa escola*. Dissertação de Mestrado. FPCEUL.
- SILVA, Libório Manuel (2008). *Palavras de Fernando Pessoa*. Lisboa: Centro Atlântico.
- SILVA, Maria Gabriela de Sousa e (2008). *Ler e Amar na Adolescência*. Lisboa: Livros Horizonte.
- SILVA, Paulo Neves da (2009). *Citações e pensamentos de Fernando Pessoa*. Alfragide: Casa das Letras.
- TARDIF, Jean (1998). *Intégrer les nouvelles technologies de l'information. Quel cadre pédagogique?* Paris: ESF.

6. ANEXOS



Desenho de Almada Negreiros.



Ano lectivo

2009/2010

Planificação da unidade didáctica: Fernando Pessoa heterónimo – Álvaro de Campos

Disciplina: Português – 12.º ano

Professora cooperante: Fátima Fonseca

Mestranda: Vanessa Antunes

Duração: 5 blocos de 90 minutos + 1 bloco de 45 minutos

Manual: *Interacções* ♦ Português 12.º ano - Texto Editores

Objectivos:

1. Mobilizar conhecimentos prévios;
2. Utilizar diferentes estratégias de escuta e de leitura;
3. Apreender os diversos sentidos da poesia;
4. Programar a produção da oralidade a partir das fases de planificação, execução, avaliação;
5. Utilizar as TIC;
6. Pesquisar e organizar a informação recolhida;
7. Adequar o discurso à situação comunicativa, fomentando uma expressão oral fluente e correcta;
8. Fruir a poesia da autoria de Álvaro de Campos e caracterizar as três fases evolutivas do autor.
9. Reconhecer a importância de Fernando Pessoa e da sua obra na Literatura Portuguesa;
10. Expor pontos de vista e gostos pessoais;

Tipologias textuais	Competências Nucleares e Competências de Comunicação/ Estratégia/ Formação para a Cidadania				Materiais/ Recursos	Avaliação
	Compreensão/ Expressão oral	Escrita	Leitura	Funcionamento da Língua		
✓ <u>Textos líricos</u> • Leitura literária: Fernando Pessoa,	♦ Actividades de pré-escuta/visionamento, escuta/visionamento e pós-escuta/visionamento	♦ Actividades de planificação, execução e	♦ <u>Textos líricos</u> • Leitura literária: Fernando Pessoa	♦ Interação discursiva;	⇒ Fichas com o inquérito de diagnóstico;	♦ <u>Observação directa:</u> - pontualidade;

<p>o ortónimo e os heterónimos.</p> <p>- Poemas da autoria de Álvaro de Campos.</p>	<p>.</p> <ul style="list-style-type: none"> ♦ Apresentação e troca de pontos de vista; ♦ Partilha de reacções; ♦ Exposição/ Apresentação oral de trabalhos de grupo; ♦ Adequação do discurso à intenção de comunicação. 	<p>avaliação.</p> <ul style="list-style-type: none"> ♦ Registo de apontamentos. 	<p>heterónimo: Álvaro de Campos.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Actividades de pré-leitura, leitura e pós-leitura; - Estratégias de leitura: leitura global, leitura selectiva e leitura analítica e crítica; - Álvaro de Campos - a Vanguarda e o sensacionismo; - a abulia e o tédio. 	<p>- Características estilísticas dos poemas.</p>	<p>⇒ Quadro branco;</p> <p>⇒ Marcadores para o quadro branco;</p> <p>⇒ Computador portátil;</p> <p>⇒ <i>Datashow</i>;</p> <p>⇒ <i>Powerpoint</i>;</p> <p>⇒ Manual.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - assiduidade; - comportamento; - atenção; - interesse; - envolvimento nas tarefas; - capacidade de reflexão; ♦ <u>Avaliação de diagnóstico.</u> ♦ <u>Avaliação sumativa qualitativa.</u> ♦ <u>Co-avaliação.</u> ♦ <u>Auto-avaliação.</u>
---	---	--	--	---	--	--



Ano lectivo
2009/2010

PLANO DE AULA

Disciplina: Português - 12.º ano

Professora cooperante: Fátima Fonseca

Mestranda: Vanessa Antunes

Duração: 90 minutos

Manual: *Interacções ♦ Português 12.º ano*, Texto Editores.

17/11/2009

Aula n.º 1

Sumário:

Indicação dos métodos de avaliação a serem utilizados na unidade didáctica.

Iniciação ao estudo de Álvaro de Campos, a partir de excertos de comentários de autores de referência.

Leitura e análise do perfil literário de Álvaro de Campos, traçado na carta escrita por Fernando Pessoa a Adolfo Casais Monteiro.

As primeiras fases evolutivas do autor: *fase Decadentista* ("Opiário") e introdução à *fase Futurista/Sensacionista* ("Ode Triunfal").

Objectivos	Conteúdos	Actividades	Materiais/ Recursos	Tempo	Avaliação
- Tomar consciência da forma de avaliação utilizada na unidade didáctica (observação directa e contínua e		- Diálogo com os alunos sobre a forma como iam ser avaliados;		5 minutos	<u>Observação directa:</u> - pontualidade;

<p>avaliação qualitativa, a partir de um trabalho de grupo);</p> <p>- Tomar conhecimento das indicações e dos parâmetros a seguir na preparação da apresentação oral e na construção do <i>powerpoint</i>;</p> <p>- Dar opinião e mostrar conhecimentos sobre a poesia em geral e a poesia de Fernando Pessoa, ortónimo e heterónimos, em particular;</p> <p>- Reconhecer o mérito literário de Fernando Pessoa na Literatura Portuguesa;</p>					
		<p>- Explicação das indicações e dos parâmetros a ter em conta na apresentação oral do trabalho de grupo;</p>		5 minutos	<p>- comportamento;</p> <p>- atenção;</p> <p>- interesse;</p>
		<p>- Preenchimento de um inquérito de diagnóstico;</p>	<p>⇒ Fichas com o inquérito de diagnóstico;</p>	15 minutos	<p>- envolvimento nas tarefas;</p>
			<p>⇒ Quadro branco;</p>		
	<p>- Fernando Pessoa e o seu papel na Cultura e Literatura Portuguesas;</p>	<p>- Diálogo com os alunos a partir de um comentário de Jorge de Sena sobre o reconhecido mérito literário de Fernando Pessoa na Literatura</p>	<p>⇒ Marcadores para o quadro branco;</p>	5 minutos	<p>- pertinência da participação;</p> <p>- capacidade de</p>

- Reconhecer a questão da heteronímia em Fernando Pessoa;	- A questão da heteronímia em Fernando Pessoa;	Portuguesa; - Discussão com os alunos sobre a questão da heteronímia em Fernando Pessoa, a partir de uma afirmação de Jacinto do Prado Coelho;		10 minutos	reflexão; - expressão oral;
- Traçar e analisar o perfil literário e o retrato físico e psicológico de Álvaro de Campos, a partir da carta que Fernando Pessoa escreveu a Adolfo Casais Monteiro;	- Os traços caracterizadores de Álvaro de Campos, mencionados na «Carta de Fernando Pessoa sobre a génese dos heterónimos», dirigida a Adolfo Casais Monteiro;	- Diálogo com os alunos sobre os excertos relacionados com Álvaro de Campos, retirados da carta escrita a Adolfo Casais Monteiro por Fernando Pessoa;	⇒ Computador portátil; ⇒ <i>Datashow</i> ; ⇒ <i>Powerpoint</i> com os excertos da carta em questão;	15 minutos	
- Reconhecer os traços gerais que caracterizam a primeira fase de Álvaro de Campos: <i>fase Decadentista</i> ;	- A primeira fase evolutiva de Álvaro de Campos: <i>fase Decadentista</i> ;	- Observação dos traços gerais que caracterizam a primeira fase evolutiva de Álvaro de Campos: <i>fase Decadentista</i> ;		10 minutos	

<ul style="list-style-type: none"> - Observar a temática do poema “Opiário” e associá-lo à primeira fase evolutiva do autor, a partir de alguns versos do poema; 	<u>Texto lírico</u> <ul style="list-style-type: none"> - Fernando Pessoa heterónimo: Álvaro de Campos; - poema “Opiário”; 	<ul style="list-style-type: none"> - Leitura de alguns versos do poema “Opiário”; 	<p>⇒ <i>Powerpoint</i> com a sistematização das características das duas primeiras fases evolutivas do autor;</p>		
<ul style="list-style-type: none"> - Caracterizar a segunda fase de Álvaro de Campos: <i>fase Futurista/Sensacionista</i>; 	<ul style="list-style-type: none"> - A segunda fase evolutiva de Álvaro de Campos: <i>fase Futurista/Sensacionista</i>; 	<ul style="list-style-type: none"> - Observação e identificação das características da segunda fase evolutiva de Álvaro de Campos: <i>Futurista/Sensacionista</i>; 		- 10 minutos	
<ul style="list-style-type: none"> - Analisar, temática e estilisticamente, a parte do poema “Ode Triunfal” lida na aula; 	<ul style="list-style-type: none"> - poema “Ode Triunfal”. 	<ul style="list-style-type: none"> - Leitura e análise de parte do poema “Ode Triunfal”; 	<p>⇒ Manual;</p>	- 15 minutos	
<ul style="list-style-type: none"> - Consolidar as características que definem a segunda fase evolutiva de Álvaro de Campos, reconhecendo-as no poema. 					



Ano lectivo
2009/2010

PLANO DE AULA

Disciplina: Português - 12.º ano

Professora cooperante: Fátima Fonseca

Mestranda: Vanessa Antunes

Duração: 90 minutos

Manual: *Interações ♦ Português 12.º ano*, Texto Editores.

23/11/2009

Aula n.º 2

Sumário:

Continuação da leitura e análise do poema “Ode triunfal”.

Consolidação da segunda fase evolutiva de Álvaro de Campos: *fase Futurista/Sensacionista*.

A terceira fase evolutiva de Álvaro de Campos: *fase Intimista/Abúlica*.

Audição e análise do poema “Todas as cartas de amor são ridículas”, dito por Maria Bethânia.

Objectivos	Conteúdos	Actividades	Materiais/ Recursos	Tempo	Avaliação
- Caracterizar a segunda fase de Álvaro de Campos: <i>fase Futurista/Sensacionista</i> ;	- A segunda fase evolutiva de Álvaro de Campos: <i>fase Futurista/Sensacionista</i> ;	- Continuação da leitura e análise de parte do poema “Ode Triunfal”;	⇒ Manual;		<u>Observação directa:</u> - pontualidade

<ul style="list-style-type: none"> - Fruir o poema “Ode Triunfal”; - Analisar, temática e estilisticamente, a parte do poema “Ode Triunfal” lida na aula; - Reconhecer a influência do futurista Walt Whitman e do sensacionista Marinetti, na segunda fase de Álvaro de Campos; - Consolidar as características que definem a segunda fase evolutiva de Álvaro de Campos, reconhecendo-as no poema; 	<ul style="list-style-type: none"> - poema “Ode Triunfal”; 	<ul style="list-style-type: none"> - Continuação da observação e identificação das características da segunda fase evolutiva de Álvaro de Campos: <i>fase Futurista/Sensacionista</i>; - Registo de notas e apontamentos sobre as características formais/estilísticas do poema “Ode Triunfal”. 	<ul style="list-style-type: none"> ⇒ <i>Powerpoint</i>; ⇒ Computador portátil; ⇒ <i>Datashow</i>; ⇒ Caneta, lápis e borracha; ⇒ Quadro branco; 	<ul style="list-style-type: none"> 10 minutos. 10 minutos. 20 minutos. 	<ul style="list-style-type: none"> - comportamento; - atenção; - interesse; - envolvimento nas tarefas; - pertinência da participação; - capacidade de reflexão;
--	---	---	---	---	--

<p>- Fruir o poema “ Todas as cartas de amor são ridículas”;</p> <p>- Analisar, temática e estilisticamente, o poema “Todas as cartas de amor são ridículas”;</p> <p>- Consolidar as características que definem a terceira fase evolutiva de Álvaro de Campos, reconhecendo-as no poema;</p> <p>- Caracterizar a terceira fase evolutiva de Álvaro de Campos: <i>fase Intimista/Abúlica</i>.</p>	<p>- A terceira fase evolutiva de Álvaro de Campos: <i>fase Intimista/Abúlica</i>;</p> <p>- <u>Leitura</u></p> <ul style="list-style-type: none"> poema “Todas as cartas de amor são ridículas”, de Álvaro de Campos; <p>-<u>Compreensão oral</u></p> <ul style="list-style-type: none"> Visualização de um vídeo com o poema “Todas as cartas de amor são ridículas” recitado por Maria Bethânia, com imagens relacionadas com Fernando Pessoa. 	<p>- Observação e identificação das características da terceira fase evolutiva de Álvaro de Campos: <i>fase Intimista/Abúlica</i>;</p> <p>- Audição e análise do poema “Todas as cartas de amor são ridículas” (actividades de pré-escuta/visionamento, -escuta/visionamento, -pós-escuta/visionamento);</p> <p>- Registo de notas e apontamentos sobre as características formais/estilísticas do poema “Todas as cartas de amor são ridículas”.</p>	<p>⇒ Marcadores para o quadro branco;</p>	<p>15 minutos.</p> <p>15 minutos.</p> <p>10 minutos.</p> <p>10 minutos.</p>	
---	--	---	---	---	--



Ano lectivo
2009/2010

PLANO DE AULA

Disciplina: Português - 12.º ano

Professora cooperante: Fátima Fonseca

Mestranda: Vanessa Antunes

Duração: 90 minutos

Manual: *Interações ♦ Português 12.º ano*, Texto Editores.

24/11/2009

Aula n.º3

Sumário:

Visualização e audição do videoclip de Margarida Pinto, cuja letra é o poema “Apontamento”, de Álvaro de Campos.

Trabalho de grupo sobre o poema.

Objectivos	Conteúdos	Actividades	Materiais/ Recursos	Tempo	Avaliação
- Fruir o poema “Apontamento”, a partir da visualização e audição do videoclip de Margarida Pinto;	- <u>Compreensão oral</u> • Visualização de um videoclip de Margarida Pinto, cuja letra da música é o poema “Apontamento”, de Álvaro de Campos;	- Observação e identificação das características da segunda terceira fase evolutiva de Álvaro de Campos: <i>Intimista/Abúlica</i> ;	⇒ Computador portátil;	20 minutos.	<u>Observação directa:</u> - pontualidade; - comportamento;

<p>- Analisar tematicamente o poema “Apontamento”;</p> <p>- Reconhecer outro tipo de dimensão da poesia, no trabalho da cantora Margarida Pinto;</p> <p>- Consolidar as características que definem a terceira fase evolutiva de Álvaro de Campos, reconhecendo-as no poema;</p> <p>- Partilhar opiniões e interpretações com os colegas, sobre o poema “Apontamento”, ouvido e lido.</p>	<p>- <u>Leitura:</u></p> <p>• Poema “Apontamento”;</p> <p>- Características da terceira fase evolutiva de Álvaro de Campos, <i>fase Intimista/Abúlica</i>.</p>	<p>- Audição do poema “Apontamento” (actividades de pré-escuta/visionamento, -escuta/visionamento, -pós-escuta/visionamento);</p> <p>- Registo de notas e apontamentos sobre as características formais/estilísticas do poema “Apontamento”;</p> <p>- Análise do poema, em grupo, a partir de algumas questões;</p> <p>- Observação e identificação das características da terceira fase evolutiva de Álvaro de Campos no poema “Apontamento”;</p> <p>- Discussão das respostas e conclusões dos trabalhos de grupo.</p>	<p>⇒ <i>Datashow</i>;</p> <p>⇒ Ficha com o poema “Apontamento”;</p> <p>⇒ Quadro branco;</p> <p>⇒ Marcadores para o quadro branco;</p> <p>⇒ Caneta, lápis e borracha;</p>	<p>10 minutos.</p> <p>10 minutos.</p> <p>20 minutos.</p> <p>15 minutos.</p> <p>15 minutos.</p>	<p>- atenção;</p> <p>- interesse;</p> <p>- envolvimento nas tarefas;</p> <p>- pertinência da participação;</p> <p>- capacidade de reflexão;</p>
---	--	--	--	--	---



Ano lectivo
2009/2010

PLANO DE AULA

Disciplina: Português - 12.º ano

Professora cooperante: Fátima Fonseca

Mestranda: Vanessa Antunes

Duração: 90 minutos

Manual: *Interacções ♦ Português 12.º ano*, Texto Editores.

30/11/2009

Aula n.º 4

Sumário:

Visualização de um documentários sobre Fernando Pessoa,
Revisão dos conteúdos leccionados.

Objectivos	Conteúdos	Actividades	Materiais/ Recursos	Tempo	Avaliação
- Visualizar e comentar um documentário sobre Fernando Pessoa (actividades pré-escuta/visionamento, - escuta/visionamento, - pós-	- A vida e obra de Fernando Pessoa, documentário "Os Grandes Portugueses".	- Visualização de um documentário sobre Fernando Pessoa (actividades pré-escuta/visionamento, - escuta/visionamento, - pós-	⇒ Manual; ⇒ Computador portátil; ⇒ <i>Datashow</i> ;	20 minutos.	<u>Observação directa:</u> - pontualidade; - comportamento;

escuta/visionamento);		escuta/visionamento);			
- Rever e consolidar a matéria referente a Álvaro de Campos.	- Síntese dos traços caracterizadores da poética de Fernando Pessoa e dos seus heterónimos, Alberto Caeiro, Ricardo Reis e Álvaro de Campos.	- Discussão sobre os conteúdos do vídeo;	⇒ Quadro branco;	25 minutos.	- atenção;
		- Revisão e consolidação da matéria;	⇒ Marcadores para o quadro branco;	30 minutos.	- interesse;
		- Distribuição dos esquemas-síntese, sobre os traços caracterizadores da poética de Fernando Pessoa e dos seus heterónimos, Alberto Caeiro, Ricardo Reis e Álvaro de Campos;	⇒ Caneta, lápis e borracha;		- envolvimento nas tarefas;
		- <i>Feedback</i> dos inquéritos de diagnóstico.		15 minutos.	- pertinência da participação;
					- capacidade de reflexão;



Ano lectivo
2009/2010

PLANO DE AULA

Disciplina: Português - 12.º ano

Professora cooperante: Fátima Fonseca

Mestranda: Vanessa Antunes

Duração: 90 minutos + 45 minutos

Manual: *Interações ♦ Português 12.º ano*, Texto Editores.

30/11/2009

Aula n.º 5 e 6

Sumário:

Apresentações dos trabalhos de grupo.

Objectivos	Conteúdos	Actividades	Materiais/ Recursos	Tempo	Avaliação
- Declamar expressivamente um poema de Álvaro de Campos; - Treinar a fluidez da expressão oral;	- Aspectos biográficos de Álvaro de Campos e principais características da sua obra (características temáticas/estéticas e características	- <u>Expressão oral:</u> ▪ Declamação de um poema de Álvaro de Campos;	⇒ Computador portátil; ⇒ Datashow;	20 minutos para os grupos de 4 alunos e 15 minutos para o grupo de 3 alunos.	- <u>Observação directa</u>

<p>- Adequar o discurso à finalidade e à situação de comunicação;</p> <p>- Apresentar oralmente a pesquisa realizada sobre um tema relacionado com Álvaro de Campos;</p> <p>- Avaliar o trabalho dos colegas;</p> <p>- Auto-avaliar o desempenho ao longo da unidade didáctica.</p>	<p>formais/estilísticas);</p> <p>- Locais da cidade de Lisboa relacionados com Fernando Pessoa;</p> <p>- Conceito de Modernismo, os três principais artistas impulsionadores do Modernismo português, os principais órgãos de difusão do Modernismo e os objectivos da revista Orpheu;</p> <p>- A três fases evolutivas de Álvaro de Campos (data aproximada e características temáticas/estéticas e características formais/estilísticas dos poemas.</p>	<p>- Apresentação da pesquisa realizada sobre um tema relacionado com Álvaro de Campos;</p> <p>- Avaliação do trabalho dos colegas e do seu próprio trabalho.</p>	<p>⇒ Powerpoint;</p> <p>⇒ Quadro branco;</p> <p>⇒ Marcadores para quadro branco.</p>	<p>20 minutos.</p>	<p>- <u>Avaliação sumativa</u></p> <p>- <u>Co-avaliação;</u></p> <p>- <u>Auto-avaliação.</u></p>
---	---	---	--	--------------------	--

Escola Secundária Manuel Cargaleiro

Português ♦ 12.º ano



“A poesia é ela mesma uma escuta de si”.

Manuel Gusmão

Inquérito de diagnóstico

1. O que é para ti *poesia*?

2. Gostas de ler/ouvir *poesia*? Porquê?

3. Recordas-te de como e quando contactaste pela primeira vez com *poesia*?

4. Tens algum poeta preferido? Se sim, qual?

5. Lembras-te de algum poema que te tenha marcado? Se sim, qual e porquê?

6. Já tinhas tido contacto com a *poesia* de Fernando Pessoa? Em que circunstâncias?

7. O que encontraste na *poesia* de Fernando Pessoa (ortónimo), Alberto Caeiro e Ricardo Reis (heterónimos) que te levasse a optar pela sua leitura? Justifica.

8. Já leste Álvaro de Campos? Gostaste? Porquê?

Nome: N.º.....

Escola Secundária Manuel Cargaleiro

Português ♦ 12.º ano



*Campos é Pessoa mais nu deixando correr à
solta a torrente da angústia que o sufoca, fazendo
o processo da sua abulia.*

Eduardo Lourenço

Apontamento

A minha alma partiu-se como um vaso vazio.
Caiu pela escada excessivamente abaixo.
Caiu das mãos da criada descuidada.
Caiu, fez-se em mais pedaços do que havia loiça no vaso.

Asneira? Impossível? Sei lá!
Tenho mais sensações do que tinha quando me sentia eu.
Sou um espalhamento de cacos sobre um capacho por sacudir.

Fiz barulho na queda como um vaso que se partia.
Os deuses que há debruçam-se do parapeito da escada.
E fitam os cacos que a criada deles fez de mim.

Não se zanguem com ela.
São tolerantes com ela.
O que era eu um vaso vazio?

Olham os cacos absurdamente conscientes,
Mas conscientes de si mesmos, não conscientes deles.

Olham e sorriem.
Sorriem tolerantes à criada involuntária.

Alastra a grande escadaria atapetada de estrelas.
Um caco brilha, virado do exterior lustroso, entre os astros.
A minha obra? A minha alma principal? A minha vida?
Um caco.
E os deuses olham-no especialmente, pois não sabem por que ficou ali.

19

Álvaro de Campos

3

É o único heterónimo que reconhece uma evolução:



Fui em tempos poeta decadente ; hoje creio que estou decadente, e já o não sou.

Passa por três fases distintas...

O filho indisciplinado da sensação...

Álvaro de Campos

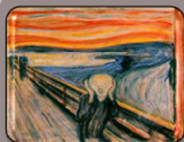
4



1ª fase: decadentista



2ª fase: futurista e sensacionista



3ª fase: intimista

O filho indisciplinado da sensação...

Campos Futurista e Sensacionista



2ª fase: futurista e sensacionista

⇒ Nesta fase poética, o autor, para além de celebrar o triunfo da máquina, da energia mecânica e da civilização moderna, canta também os escândalos e corrupções da contemporaneidade, em sintonia com o futurismo.

⇒ O ideal de futurista em Álvaro de Campos fá-lo distanciar-se do passado para exaltar a necessidade de uma nova vida futura, onde se tenha a consciência da sensação do poder e do triunfo.

5

Campos Futurista e Sensacionista



2ª fase: futurista e sensacionista

⇒ Esta fase está também marcada pela intelectualização das sensações ou pela sua desordem. Como verdadeiro sensacionista, o poeta procura o excesso violento de sensações à maneira whitmaniana.

⇒ Álvaro de Campos, por sua vez, sentindo a complexidade e a dinâmica da vida moderna, procura sentir a violência e a força de todas as sensações ("sentir tudo de todas as maneiras").

6



Campos Futurista e Sensacionista



⇒ Fase poética marcada:

- pela inspiração em Walt Whitman e no *futurismo* de Marinetti através do *sensacionismo*;
 - pela intelectualização das sensações ou pela sua desordem;
 - pela integração na civilização da máquina, pela pressa mecanicista e pela inquietude.
- Poesia repleta de vitalidade, manifestando a predilecção pelo belo feroz, que contraria a concepção aristotélica de belo (“Escrevo rangendo os dentes, fera para a beleza disto. / Para a beleza disto totalmente desconhecida dos antigos.”).
- Além de celebrar o triunfo da máquina, da energia mecânica e da civilização moderna, canta também os escândalos e corrupções da contemporaneidade, em sintonia com o *futurismo*.

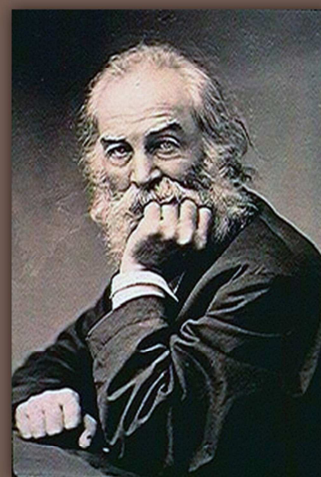
7

Alexandre Campion

WALT WHITMAN

8

- Poeta norte-americano (1819-1892).
- Elevou a categoria poética a condição do homem moderno, celebrando a natureza humana e a vida em geral em termos pouco convencionais.
- Na obra *Leaves of Grass*, exprime em poemas visionários um certo panteísmo e um ideal de unidade cósmica que o Eu representa.
- Introduziu uma nova subjectividade na concepção poética e fez da sua poesia um hino à vida. A técnica inovadora dos seus poemas, nos quais a ideia de totalidade se traduziu no verso livre, influenciou não apenas a literatura americana posterior, mas todo o lirismo moderno, incluindo o poeta e ensaísta português Fernando Pessoa.



Walt Whitman. In *Infopédia* [Em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2009.

Contradigo-me? Pois bem, então contradigo-me. Sou extenso, contenho multiplicidades...

Saudação a Walt Whitman por Álvaro de Campos



Portugal Infinito, onze de junho de mil novecentos e quinze...

Hé-lá-á-á-á-á-á!

De aqui de Portugal, todas as épocas no meu cérebro,

Saúdo-te, Walt, saúdo-te, meu irmão em Universo,

Eu, de monóculo e casaco exageradamente cintado,

Não sou indigno de ti, bem o sabes, Walt,

Não sou indigno de ti, basta saudar-te para o não ser...

(...)

Olha pra mim: tu sabes que eu, Álvaro de Campos,

engenheiro, Poeta sensacionista, Não sou teu discípulo, não

sou teu amigo, não sou teu cantor, Tu sabes que eu sou Tu e

estás contente com isso!

(...)

Abram-me todas as portas! Por força que hei de passar! Minha

senha? Walt Whitman! Mas não dou senha nenhuma...

O filho indisciplinado da sensação...

MARINETTI

10

- Escritor italiano (1876-1914).

Marinetti foi pois o padrinho de Álvaro de Campos, mas o neófito Pessoa-Campos evidenciou desde o início uma certa personalidade. Como os futuristas, é anti-simbólico, anti-filosófico, glorifica as máquinas, a técnica, a velocidade, a conquista das distâncias, mas estes sentimentos são apenas meios para fins mais elevados.



Georges Güntert, *Fernando Pessoa, O Eu Estranho*, Publicações Dom Quixote.

Grassava, então, (em 1914) nos meios literários avançados, o entusiasmo por uma poesia que espelhasse a civilização industrial da época. Em França e na Itália, Marinetti divulgara a partir de 1909 os princípios basilares do futurismo: luta sem quartel às tradições, à cultura feita; exaltação dos instintos guerreiros, apologia de um novo Homem protótipo isento de sensibilidade, saudável, amoral, dominador, livre de todas as peias.

Jacinto Prado Coelho, *Diversidade e Unidade em Fernando Pessoa*, 7ª ed., Editorial Verbo.

Afirmamos que a magnificência do mundo enriqueceu-se de uma beleza nova: a beleza da velocidade. Um automóvel de corrida com o seu capo tornado com grossos tubos semelhantes a serpentes de sopro explosivo...

“Ode Triunfal”



- Exemplifica claramente esta fase poética de Álvaro de Campos, cantando a fraternidade de todas as dinâmicas.
- Título – sugere logo qualquer coisa de grandioso, não só no conteúdo como na forma;
- A irregularidade métrica e estética, típicas da poesia modernista, afastam logo o poema da lírica tradicional portuguesa;
- A nível estilístico, sobressaem inúmeras metáforas, comparações, imagens, apóstrofes, hipérboles, anáforas..., a fim de realçar o *sensacionismo*;
- Nesta ode, nem tudo é entusiasmo. Logo no início o poeta escreve “À dolorosa luz das grandes lâmpadas eléctricas da fábrica” e tem “febre”;
- Ao longo do texto há um desfilar irónico dos escândalos da época: a desumanização, a hipocrisia, a corrupção, a miséria, a pilhagem, os falhanços da técnica (desastres, naufrágios), a prostituição de menores, entre outros.;

11

“Ode Triunfal”



- O poeta tanto manifesta o desejo de humanizar as máquinas, através das apóstrofes (“Ó rodas, ó engrenagens, ó máquinas!...”), como também de se materializar ao identificar-se com as máquinas (“Ah! poder eu exprimir-me como um motor se exprime! Ser completo como uma máquina!”);
- Surpreendente no poema: depois de o poeta ironizar os ridículos da sociedade moderna, ele identifica-se com eles ao exprimir (“Ah, como eu desejava ser o *souteneur* disto tudo!”);
- Excesso de expressão: enumerações exageradas, exclamações, interjeições variadas, versos formados apenas com verbos, mistura de níveis de língua, estrangeirismos, neologismos, desvios sintácticos;
- Estilo esfusiente, espreado, torrencial, monótono pela simplicidade dos processos;
- Introduz na linguagem poética a terminologia do mundo mecânico e cosmopolita, contemporâneo das máquinas e da luz eléctrica.

12

- Poema muito longo, versos brancos.

“Todas as cartas de amor são ridículas”



▪ Estrutura interna

T
e
s
e

→ “Todas” – carácter geral das cartas de amor.

→ “Também [eu]” – carácter particular das cartas de amor.

→ **Antítese**, iniciada pela conjunção coordenativa adversativa “mas”, a expor a amargura pelo passado perdido.

→ **Síntese**, iniciada por “Todas... como...” – discurso parentético que realiza uma conclusão sobre a vida vivida e sentida pelo sujeito poético.

13

“Todas as cartas de amor são ridículas”



Quem me dera no tempo em que escrevia
Sem dar por isso
Cartas de amor
Ridículas,

A verdade é que hoje
As minhas memórias
Dessas cartas de amor
É que são
Ridículas.

(Todas as palavras esdrúxulas,
Como os sentimentos esdrúxulos,
São naturalmente
Ridículas.)



Distanciação irónica a
exprimir nostalgia e
amargura
relativamente ao
passado que se
perdeu.



Intelectualização das
emoções.

14

26

Álvaro de Campos

3

É o único heterónimo que reconhece uma evolução:



Fui em tempos poeta decadente ; hoje creio que estou decadente, e já o não sou.

Passa por três fases distintas...



O filho indisciplinado da sensação...

Álvaro de Campos

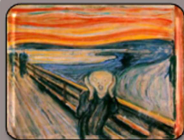
4



1ª fase: decadentista



2ª fase: futurista e sensacionista



3ª fase: intimista



O filho indisciplinado da sensação...

Campos Intimista



3ª fase: intimista

⇒ Fase poética marcada pela depressão, pela melancolia, pelo cansaço, pela abulia, pelo tédio, pela revolta e pelo inconformismo perante a incapacidade das realizações; as saudades da infância.

5

“Apontamento”

6

A minha alma partiu-se como um vaso vazio.
Caiu pela escada excessivamente abaixo.
Caiu das mãos da criada descuidada.
Caiu, fez-se em mais pedaços do que havia loiça no vaso.

Asneira? Impossível? Sei lá!
Tenho mais sensações do que tinha quando me sentia eu.
Sou um espalhamento de cacos sobre um capacho por sacudir.

O filho indisciplinado da sensação...

“Apontamento”

7

Fiz barulho na queda como um vaso que se partia.
Os deuses que há debruçam-se do parapeito da
escada.
E fitam os cacos que a criada deles fez de mim.

Não se zanguem com ela.
São tolerantes com ela.
O que era eu um vaso vazio?

Olham os cacos absurdamente conscientes,
Mas conscientes de si mesmos, não conscientes
deles.



O filho indisciplinado da sensação...

“Apontamento”

8

Olham e sorriem.
Sorriem tolerantes à criada involuntária.

Alastra a grande escadaria atapetada de estrelas.
Um caco brilha, virado do exterior lustroso, entre os astros.
A minha obra? A minha alma principal? A minha vida?
Um caco.
E os deuses olham-no especialmente, pois não sabem por
que ficou ali.



O filho indisciplinado da sensação...

Trabalho de grupo

- Comparação inicial;
- Sensações representadas ao longo do poema;
- Sentimentos do “eu” expressos e sugeridos pelas sensações;
- Papel atribuído à criada.

“Apontamento”



31

Álvaro de Campos



- Poeta da modernidade que, numa linguagem impetuosa, excessiva, canta o mundo contemporâneo, celebra o triunfo da máquina e da civilização moderna, da força mecânica e da velocidade;
- Integrado no espírito do *modernismo* e das *vanguardas* europeias, que rompem com as tendências e concepções artísticas e de cultura, na senda de uma nova visão estética, apresenta a beleza dos “maquinismos em fúria” e da força da máquina por oposição à beleza tradicionalmente concebida;
- Exalta o progresso técnico, essa “nova revelação metálica e dinâmica de Deus”;
- A sua procura da chave do ser e da inteligência do mundo torna-se desesperante;
- Para o poeta a sensação é tudo;

3

Álvaro de Campos

4

É o único heterónimo que reconhece uma evolução:



Fui em tempos poeta decadente ; hoje creio que estou decadente, e já o não sou.

Passa por três fases distintas...

O filho indisciplinado da sensação...

Álvaro de Campos

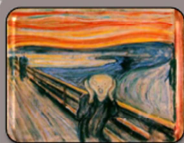
5



1ª fase: decadentista



2ª fase: futurista e sensacionista



3ª fase: intimista

O filho indisciplinado da sensação...

Campos Decadentista



1ª fase: decadentista

⇒ Nesta fase poética, o autor, para além de celebrar o triunfo da máquina, da energia mecânica e da civilização moderna, canta também os escândalos e corrupções da contemporaneidade, em sintonia com o futurismo.

⇒ O ideal de futurista em Álvaro de Campos fá-lo distanciar-se do passado para exaltar a necessidade de uma nova vida futura, onde se tenha a consciência da sensação do poder e do triunfo.

6

Campos Decadentista



Algumas composições iniciais



Decadentismo



“E eu vou buscar ao ópio que consola
Um Oriente ao oriente do Oriente.
Moro no rés-do-chão do pensamento
E ver passar a Vida faz-me tédio.
A minha Pátria é onde não estou.”



“Opiário” (1º n.º do *Orpheu*)

⇒ **Fase poética que se traduz por sentimentos de:**

- tédio, enfado, náusea, cansaço, abatimento, fuga à monotonia, necessidade de novas sensações, da evasão, de fuga à monotonia...

7

Campos Futurista e Sensacionista



2ª fase: futurista e sensacionista

⇒ Nesta fase poética, o autor, para além de celebrar o triunfo da máquina, da energia mecânica e da civilização moderna, canta também os escândalos e corrupções da contemporaneidade, em sintonia com o futurismo.

⇒ O ideal de futurista em Álvaro de Campos fá-lo distanciar-se do passado para exaltar a necessidade de uma nova vida futura, onde se tenha a consciência da sensação do poder e do triunfo.

8



Campos Futurista e Sensacionista



2ª fase: futurista e sensacionista

⇒ Esta fase está também marcada pela intelectualização das sensações ou pela sua desordem. Como verdadeiro sensacionista, o poeta procura o excesso violento de sensações à maneira whitmaniana.

⇒ Álvaro de Campos, por sua vez, sentindo a complexidade e a dinâmica da vida moderna, procura sentir a violência e a força de todas as sensações (“sentir tudo de todas as maneiras”).

9

Campos Futurista e Sensacionista



⇒ Fase poética marcada:

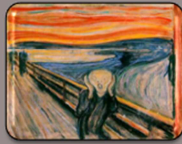
- pela inspiração em Walt Whitman e no *futurismo* de Marinetti através do *sensacionismo*;
- pela intelectualização das sensações ou pela sua desordem;
- pela integração na civilização da máquina, pela pressa mecanicista e pela inquietude.

■ Poesia repleta de vitalidade, manifestando a predilecção pelo belo feroz, que contraria a concepção aristotélica de belo (“Escrevo rangendo os dentes, fera para a beleza disto. / Para a beleza disto totalmente desconhecida dos antigos.”).

■ Além de celebrar o triunfo da máquina, da energia mecânica e da civilização moderna, canta também os escândalos e corrupções da contemporaneidade, em sintonia com o *futurismo*.

10

Campos Intimista



3ª fase: intimista

⇒ Fase poética marcada pela depressão, pela melancolia, pelo cansaço, pela abulia, pelo tédio, pela revolta e pelo inconformismo perante a incapacidade das realizações; as saudades da infância.

11



Campos Intimista



⇒ Fase poética marcada pela abulia, pelo tédio, pela revolta e pelo inconformismo.

- Atordoado pelo mistério das sensações que busca compreender, procura mergulhar em si mesmo, o que faz com que...



perante a incapacidade das realizações, volte ao abatimento.

- Após a exaltação da heróica e a obsessão dos “mecanismos em fúria”, cai no desânimo e na frustração.
- Face à incapacidade das realizações, sente-se abatido.
- O abatimento que provoca o “supremíssimo cansaço” lembra o *decadentismo*, mas esta *decadência* não possui o mesmo sentido.

12


Campos Intimista



- Depois de transmitir o espírito do mundo moderno, da energia e da velocidade, evocando as sensações da vida urbana e industrial, assume, uma angústia existencial e sensacionista, num vazio completo, que se estilhaça, que se fragmenta em mil pedaços de novas sensações confusas, num cansaço psíquico que não consegue definir;
- A falta de sentido da existência humana, traduz as contradições do homem moderno que vive entre a exaltação dos avanços técnicos e o desassossego ou a desesperança da própria vida.

Anexo 12. Grelha distribuída aos alunos para a co-avaliação das apresentações orais.

⇒ A preencher com os símbolos: [+], [-] e [+/-]

<div>Parâmetros</div> <div>Alunos</div>		 <u>Apresentações orais dos trabalhos de grupo</u>						
		a) Expressividade na declamação do poema. b) Domínio do tema do trabalho. c) Pertinência das informações apresentadas.			d) Tom de voz audível e adequação do discurso. e) Clareza do discurso e correcção linguística. f) Utilização adequada do <i>powerpoint</i> e outros possíveis recursos. g) Postura correcta.			
		a)	b)	c)	d)	e)	f)	g)
Grupo <input type="checkbox"/>								
Grupo <input type="checkbox"/>								
Grupo <input type="checkbox"/>								
Grupo <input type="checkbox"/>								
Grupo <input type="checkbox"/>								
Grupo <input type="checkbox"/>								

Parâmetros Alunos		Apresentações orais dos trabalhos de grupo										
		Domínio lexical, fónico, morfosintáctico, textual e paralinguístico										
		a) Expressividade na declamação do poema. b) Domínio do tema do trabalho. c) Pertinência das informações apresentadas. d) Postura corporal. e) Adequação do tom de voz.					f) Riqueza/variedade vocabular. g) Adequação do discurso ao nível de língua e correcção linguística. h) Encadeamento lógico das ideias. i) Utilização adequada do <i>powerpoint</i> e outros possíveis recursos. j) Qualidade do <i>powerpoint</i> .					
		a)	b)	c)	d)	e)	f)	g)	h)	i)	j)	Avaliação sumativa final
Grupo 1	-		+	+	[+/-]	[+/-]	[+/-]	+	[+/-]	+	Bom	
	-			+	[+/-]	-	[+/-]	[+/-]	+		[+/-]	Bom
	-			+	[+/-]	[+/-]	[+/-]	[+/-]	+		+	Bom
	-	+			+	+						Muito Bom
Grupo 2	-		+	+	+	+	+	+	+	+	Muito Bom	
	-			+	[+/-]	-	[+/-]	[+/-]	[+/-]		+	Bom
	-			+	+	[+/-]	+	+	+		+	Muito Bom
	-	+			[+/-]	+						Bom
Grupo 3	-		+	[+/-]		[+/-]	+	[+/-]	[+/-]	+	Bom	
	-			+	[+/-]	-	+	[+/-]	[+/-]		[+/-]	Bom
	-			+	+	[+/-]	[+/-]	[+/-]	[+/-]		+	Bom
	-	+			+	+						Muito Bom
Grupo 4	-		+	+	+	[+/-]	[+/-]	[+/-]	[+/-]	+	Bom	
	-			+	[+/-]	+	+	+	+		+	Muito Bom
	-			+	[+/-]	-	[+/-]	[+/-]	[+/-]		[+/-]	Bom
	-	+			[+/-]	[+/-]						Bom
Grupo 5	-		+	+	+	+	+	+	[+/-]	+	Muito Bom	
	-			+	+	+	+	+	[+/-]		+	Muito Bom
	-			+	[+/-]	[+/-]	+	[+/-]	+		+	Bom
	-	+		+	+	+						Muito Bom
Grupo 6	-		+	[+/-]	[+/-]	[+/-]	+	+	[+/-]	[+/-]	Bom	
	-			[+/-]	[+/-]	-	[+/-]	[+/-]	-		-	Suficiente
	-	-			[+/-]	-						Suficiente

Escola Secundária Manuel Cargaleiro

24 de Novembro de 2009

Português ♦ 12.º ano



*O poeta é um fingidor.
Finge tão completamente
Que chega a fingir que é dor
A dor que deveras sente.*

Fernando Pessoa

FERNANDO PESSOA, um novelo embrulhado para o lado de dentro

“Nada sou, nada posso, nada sigo./ Trago, por ilusão, meu ser comigo.”

Síntese	<ul style="list-style-type: none">• Percurso poético: o Simbolismo, o Paulismo, o Interseccionismo, o Fingimento Poético e o Sensacionismo.• Percurso temático: A cisão do EU, a dor de pensar, o tédio e a solidão, a desilusão e a nostalgia da infância.• Percurso estilístico: eufonia excepcional, rimas ricas, aliterações subtis, magia sonora, uso da métrica tradicional; adjectivação muito expressiva, pontuação emotiva, expressividade de tempos e modos verbais; comparações, metáforas ricas, uso de símbolos, oximoros.
----------------	---

ÁLVARO DE CAMPOS, o filho indisciplinado da sensação

“Sentir tudo de todas as maneiras./ Viver tudo de todos os lados./ Ser a mesma coisa de todos os modos possíveis ao mesmo tempo.”

Síntese	<ul style="list-style-type: none">• É o único heterónimo que reconhece uma evolução, passando por três fases distintas: 1ª fase – <i>Decadentista</i>, 2ª fase – <i>Futurista/Sensacionista</i> e 3ª fase – <i>Intimista</i>;• Predomínio da emoção espontânea e torrencial;• O elogio da civilização industrial, moderna, da velocidade e das máquinas, da energia e da força, do progresso;• Um poeta virado para o exterior, que tenta banir o vício de pensar e acolhe todas as sensações;• A ansiedade e a confusão emocional – angústia existencial;• O tédio, a náusea, o desencontro com os outros;• A presença terrível e labiríntica do “eu” de que o poeta se tenta libertar;• A fragmentação do “eu”, a perda de identidade;• O sentido do absurdo;• A excitação da procura, da busca incessante;• O verso livre e longo;• Um estilo esfuziante, torrencial, dinâmico;• Exclamações, interjeições, enumerações caóticas, anáforas, aliterações, onomatopeias;• Uma desordem de ritmos, violência de metáforas – desespero por não poder meter todas as sensações nas palavras.
----------------	---

*Não sei quantas almas tenho.
Cada momento mudei.
Continuamente me estranho.
Nunca me vi nem achei.*

Fernando Pessoa

ALBERTO CAEIRO, o Mestre

“... eu sou do tamanho do que vejo e não do tamanho da minha altura...”

Síntese	<ul style="list-style-type: none">• Vive de impressões, fundamentalmente visuais;• Identifica-se com a natureza e vive de acordo com as suas leis;• É instintivo e espontâneo;• Prefere a objectividade;• Abre-se para o mundo exterior;• Recusa a introspecção e a subjectividade;• Repudia a expressão sentimental;• Vive no presente;• Defende a existência, em vez do pensamento;• Faz poesia involuntariamente;• Transforma o abstracto no concreto;• Usa uma linguagem simples, familiar e denotativa;• Cultiva o verso livre.
----------------	--

RICARDO REIS, um epicurista triste

“Eu, porém, antes diria que a poesia é uma música que se faz com ideias, e por isso com palavras.”

Síntese	<ul style="list-style-type: none">• Faz dos Gregos o modelo de sabedoria (visível na aceitação do destino, de forma digna e activa);• Opõe a moral pagã à cristã, uma vez que considera a primeira uma moral de orientação e de disciplina, enquanto a segunda se impõe como a moral da renúncia e do desapego;• Segue as filosofias do epicurismo, do estoicismo e do <i>carpe diem</i>;• Considera que a sabedoria consiste em gozar a vida moderadamente e através do exercício da razão;• Recusa as grandes emoções e as paixões por considerá-las confinadoras da liberdade;• É um moralista;• Tem consciência da dor provocada pela natureza transitória/efémera do homem;• Receia a velhice e a morte;• Dramatiza o pensamento;• É clássico ao nível de estilo;• Emprega monólogos;• Utiliza a ode e o versilibrismo;• Usa hipérbatos, latinismos, metáforas, comparações;• Prefere o presente, o gerúndio e o imperativo.
----------------	--



Fernando Pessoa e o seu “eu” múltiplo



Casa Fernando Pessoa



Casa-museu Fernando Pessoa

Um universo plural

Inaugurada em Novembro de 1993, a Casa Fernando Pessoa foi concebida pela Câmara Municipal de Lisboa como um centro cultural destinado a homenagear Fernando Pessoa e a sua memória na cidade onde viveu e no bairro onde passou os seus últimos quinze anos de vida, Campo de Ourique.

Possuindo um auditório, jardim, salas de exposição, objectos de arte, uma biblioteca exclusivamente dedicada à poesia, além de uma parte do espólio do poeta (objectos e mobiliário que pertenceram ao poeta e que são actualmente património municipal), a Casa Fernando Pessoa é um pequeno universo polivalente onde, nos seus três pisos principais, se realizam colóquios, sessões de leitura de poesia, encontros de escritores, espectáculos musicais e de teatro, conferências temáticas, workshops, exposições de artes plásticas, sessões de apresentação de livros, ateliers para crianças, numa programação o mais possível diversificada.



▪A arquitectura da Casa Fernando Pessoa transporta-nos ao “labirinto pessoano” e à melancolia e frieza da sua vida sentimental aqui representada pela utilização do branco.

▪O último quarto de Fernando Pessoa está situado no 1º piso, e encontra-se reconstituído tal como era em vida do poeta, com alguns móveis que lhe pertenceram e que o acompanharam ao longo de uma vida de mudanças de habitação - dezasseis no total.

▪Neste quarto encontra-se a cómoda onde Fernando Pessoa terá escrito, na noite de 8 de Março de 1914, três dos seus poemas maiores: O Guardador de Rebanhos, de Alberto Caeiro, A Chuva Oblíqua, de Fernando Pessoa, e a Ode Triunfal, de Álvaro de Campos.

▪Encontra-se aí ainda a máquina de escrever que pertenceu a um dos escritórios onde Pessoa trabalhou como tradutor. Foi nela que Fernando Pessoa escreveu grande parte dos poemas do seu heterónimo Álvaro de Campos.

- Fernando Pessoa
- Banco de Poesia
- Biblioteca



Reunir mais vozes à volta dos livros

A biblioteca, que ocupa uma parte do piso térreo e do 1º piso, e é constituída por três núcleos essenciais: a biblioteca particular de Fernando Pessoa (cerca de 1200 títulos), adquirida à família do poeta; a biblioteca pessoana activa e passiva, onde se encontra quase tudo o que foi escrito por e sobre Pessoa; e um fundo de poesia portuguesa e estrangeira. Há condições especiais para investigadores da obra de Fernando Pessoa.

É igualmente nesse espaço que está exposto o “Retrato de Fernando Pessoa”, pintado por José de Almada Negreiros em 1954 para o café Os Irmãos Unidos, posteriormente vendido em leilão e mais tarde oferecido à Câmara Municipal de Lisboa por Jorge de Brito.

Casa-museu Fernando Pessoa

Horário:
De Segunda a Sábado,
das 10h00 às 18h00

Horário da Biblioteca:

De Segunda a Sexta,
das 10h00 às 18h00

VISITEM-NA!

Entrada livre

Visitas Guiadas para estabelecimentos de ensino

<http://casafernandopessoa.cm-lisboa.pt>



CAFÉ A BRASILEIRA





- Estátua de Fernando Pessoa no exterior d'A Brasileira.





A **Brasileira do Chiado** é um café emblemático, fundado em 19 de Novembro de 1905, situado na Rua Garrett, junto ao Largo do Chiado, em Lisboa.

A Brasileira do Chiado vendia o "genuíno café do Brasil", produto muito pouco apreciado ou até evitado pelas donas de casa lisboetas naquela época.

Adriano Telles, fundador da Brasileira do Chiado, vivera no Brasil e importava o café sem dificuldades, bem como outros produtos como goiabada, tapioca, pimentinhas, chá e farinha, e grande selecção de vinhos e azeites.

A **Brasileira do Chiado** mantém uma identidade muito própria, quer pela especificidade da sua decoração, quer pela simbologia que representa por se encontrar ligada a um círculo de artistas de renome como Fernando Pessoa, Almada Negreiros ou Jorge Barradas, José Pacheco e Santa Rita Pintor, entre muitos outros de posteriores GERAÇÕES.

▪A partir de 1920, a Brasileira tornou-se de tal forma frequentada que se dizia que no Porto e em Coimbra se trabalhava e estudava e em Lisboa se conversava e faziam revoluções. Os restos da Carbonária numa mesa, os integralistas noutra, os artistas, como Fernando Pessoa ou Almada Negreiros, à volta doutra.

▪A ligação de Fernando Pessoa (que nasceu no vizinho Largo de São Carlos) à Brasileira era de tal modo forte que foi levantada uma estátua em bronze do poeta na esplanada do café, da autoria de Lagoa Henriques.

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Caf%C3%A9_A_Brasileira_\(Lisboa\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Caf%C3%A9_A_Brasileira_(Lisboa))





A 2ª FASE DE ÁLVARO DE CAMPOS

FASE FUTURISTA/SENSACIONISTA

O **futurismo** é um movimento artístico e literário, que surgiu oficialmente em 20 de Fevereiro de 1909 com a publicação do Manifesto Futurista, pelo poeta italiano Filippo Marinetti, no jornal francês Le Figaro. Embora tenha começado como um movimento de reforma literária, em breve o futurismo expandiu-se e abarcou outras disciplinas, à medida que jovens artistas italianos respondiam com entusiasmo a seu chamado às armas.

O movimento, a velocidade, a vida moderna, a violência, as máquinas e a quebra com a arte do passado eram as principais metas do futurismo.

O movimento Futurista rejeitava o moralismo e o passado, e suas obras baseavam-se fortemente na velocidade e nos desenvolvimentos tecnológicos do final do século XIX. Os primeiros futuristas europeus também exaltavam a guerra e a violência. O Futurismo desenvolveu-se em todas as artes e influenciou diversos artistas que depois fundaram outros movimentos modernistas.

Fonte: <http://futurismo1909.wordpress.com/conclusao/>

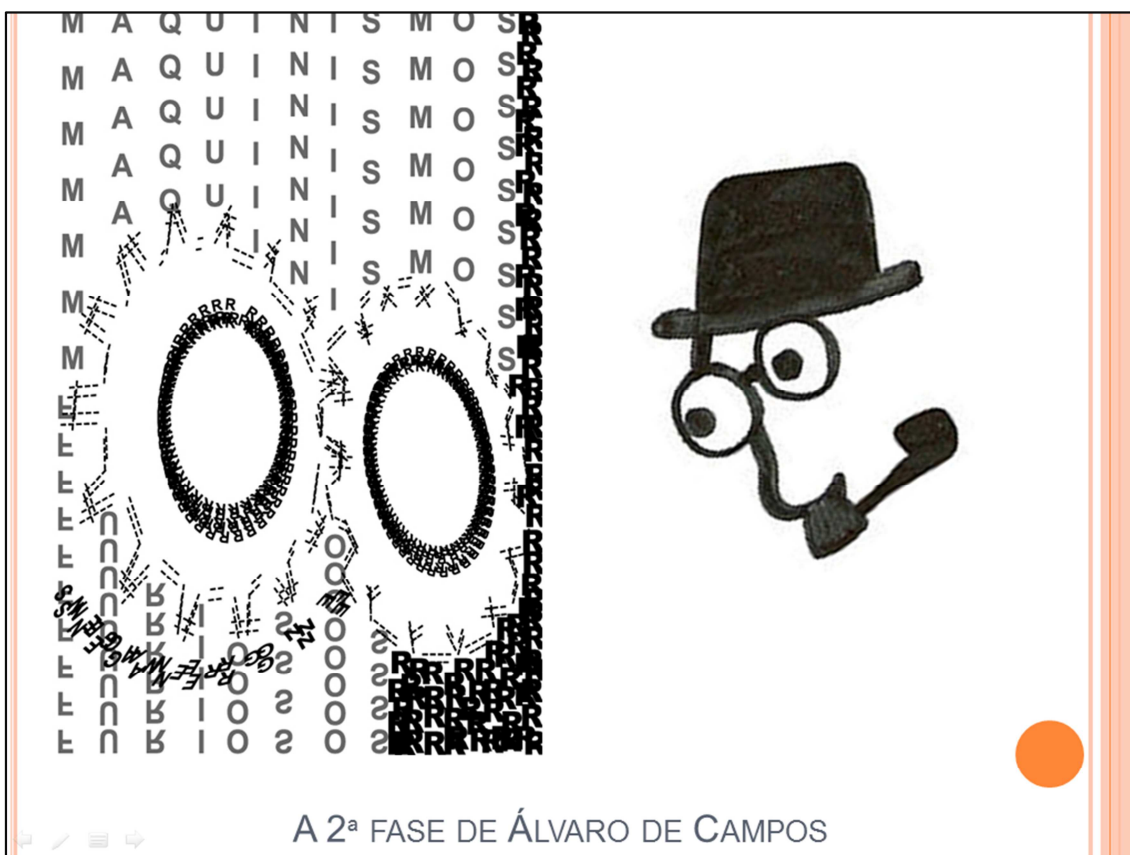
O SENSACIONISMO

Corrente literária que considera a sensação como base de toda a arte.

Fernando Pessoa, em *Páginas Íntimas e de Auto-interpretação*, defende que são três os Princípios do Sensacionismo:

- 1 – Todo o objecto é uma sensação nossa.
- 2 – Toda a arte é uma conversão duma sensação em objecto.
- 3 – Portanto, toda a arte é a conversão duma sensação numa outra sensação.

Fonte: manual escolar do 12º ano - Interacções.



A 2ª FASE DE ÁLVARO DE CAMPOS – FUTURISTA/SENSACIONISTA

Esta fase foi bastante marcada pela influência de Walt Whitman e de Marinetti (Manifesto Futurista), nela, Álvaro de Campos celebra o triunfo da máquina e da civilização moderna. Sente-se nos poemas uma atracção quase erótica pelas máquinas, símbolo da vida moderna. Campos apresenta a beleza dos “maquinismos em fúria” e da força da máquina por oposição à beleza tradicionalmente concebida. Exalta o progresso técnico, essa “nova revelação metálica e dinâmica de Deus”.

A “Ode Triunfal” ou a “Ode Marítima” são bem o exemplo desta intensidade e totalização das sensações. A par da paixão pela máquina, há a náusea, a neurastenia provocada pela poluição física e moral da vida moderna. O futurismo nesta fase é visível no elogio da civilização industrial e da técnica (“Ó rodas, ó engrenagens, r-r-r-r-r eterno!”, Ode Triunfal), na ruptura com o subjectivismo da lírica tradicional e na transgressão da moral estabelecida.

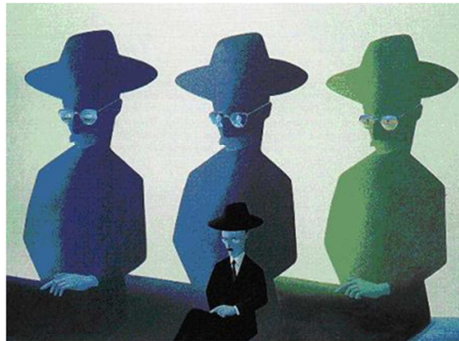
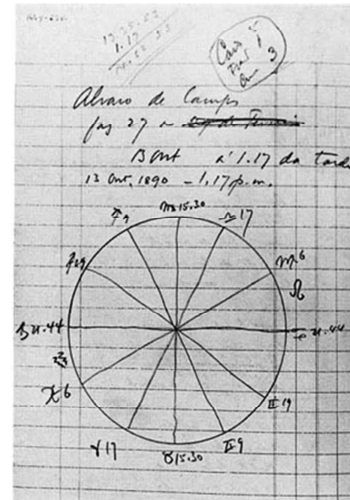
Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/%C3%81lvaro_de_Campos

Quanto ao Sensacionismo, este revela-se na vivência em excesso das sensações (“Sentir tudo de todas as maneiras” – afastamento de Caeiro), no masoquismo (“Rasgar-me todo, abrir-me completamente, / tornar-me passento/ A todos os perfumes de óleos e calores e carvões...”, Ode Triunfal) e na expressão do poeta como cantor lúcido do mundo moderno. citações que sintetizam a fase: **"Quero ir na vida como um automóvel último modelo"** **"Quero sentir tudo de todas as maneiras"**.

Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/%C3%81lvaro_de_Campos



Há sem dúvida
 quem ame o infinito,
 Há sem dúvida quem deseje o
 impossível, Há sem dúvida quem não
 queira nada. Três tipos de idealistas
 e eu fiquei de fora! Porque eu amo
 infinitamente o finito,
 Porque eu desejo
 'impossivelmente'
 o possível, Porque eu
 quero tudo ou um pouco
 mais se puder ser, ou até
 se não puder ser...
 Álvaro de Campos
 (1924)



Características temáticas/estéticas

Futurismo

- elogio da civilização industrial e da técnica ("Ó rodas, ó engrenagens, r-r-r-r-r eterno!", *Ode Triunfal*)
- ruptura com o subjectivismo da lírica tradicional
- atitude escandalosa: transgressão da moral estabelecida

Sensacionismo

- vivência em excesso das sensações ("Sentir tudo de todas as maneiras" – afastamento de Caeiro)
- sadismo e masoquismo ("Rasgar-me todo, abrir-me completamente,/ tornar-me passento/ A todos os perfumes de óleos e calores e carvões...", *Ode Triunfal*)
- cantor lúcido do mundo moderno

Características formais/estilísticas dos poemas

- verso livre, em geral, muito longo
- assonâncias, onomatopeias (por vezes ousadas), aliteraões (por vezes ousadas)
- grafismos expressivos
- mistura de níveis de língua
- enumerações excessivas, exclamações, interjeições, pontuação emotiva
- desvios sintáticos
- estrangeirismos, neologismos
- metáforas ousadas, oximoros, personificações, hipérboles

POEMAS DA FASE FUTURISTA/SENSACIONISTA DE ÁLVARO DE CAMPOS

- Ode Triunfal
- Ode Marítima
- Saudação a Walt Whitman
- Passagem das Horas